

EDIÇÃO ESPECIAL

VOLUME
32

NÚMERO
80

AGOSTO
2021

mais60

ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

Sesc 75 ANOS

ARTIGO

Nossa máxima medida

ENTREVISTA

Danilo Santos
de Miranda

PAINEL DE EXPERIÊNCIAS

Dos palcos às telas: a realização
da Mostra Sentidos no contexto
do distanciamento social



Sesc São Paulo

Av. Álvaro Ramos, 991
03331-000 São Paulo - SP
Tel.: +55 11 2607-8000
sescsp.org.br

mais60

ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

VOLUME

32

NÚMERO

80

AGOSTO

2021

ISSN

2358-6362

Produção técnica editada pelo
Sesc – Serviço Social do Comércio

SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado de
São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL

Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL

Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES

Técnico-Social Joel Naimayer Padula

Comunicação Social Ivan Giannini

Administração Luiz Deoclécio

*Massaro Galina Assessoria Técnica e de
Planejamento* Sérgio José Battistelli

GERENTES

Estudos e Programas Sociais Cristina Riscalla

Madi Adjunta Cristiane Ferrari *Artes Gráficas*

Hélcio Magalhães *Adjunta* Karina Musumeci

COMISSÃO EDITORIAL

Neide Alessandra Périgo Nascimento
(coordenação), André Venancio da Silva,
Adriana Reis Paulics, Adriano Alves
Pinto Campos, Cristina Fongaro Peres,
Danilo Cymrot, Fabrício Leonardo Ribeiro,
Fernanda Andrade Fava, Flavia Rejane
Prando, Gustavo Nogueira de Paula,
Jair de Souza Moreira Júnior, Juliana Viana
Barbosa, Julio Cesar Pereira Júnior,
Mariana Barbosa Meirelles Ruocco,
Octávio Weber Neto, Rosângela Barbalacco,
Thais Helena Franco

Editoração Thais Helena Franco

Publicação Digital Ana Paula Fraay e

Karla Priscila Vieira Carrero

Fotografias Capa, pág. 8, 9, 69, 70, 71,
72, 73, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99:
Catarina Bessel; pág. 76, 77 e 91: Aduino
Perin; pág. 79 e 87: Laura Rosenthal

Revisão Samantha Arana

Projeto Gráfico Marcio Freitas
e Renato Essenfelder

**Artigos para publicação podem ser
enviados para avaliação da comissão
editorial no seguinte endereço:**

revistamais60@sescsp.org.br

Mais 60: estudos sobre envelhecimento /
Edição do Serviço Social do Comércio. –
São Paulo: Sesc São Paulo, v. 32, n. 80,
Agosto 2021 –.
Quadrimestral.

ISSN 2358-6362

Continuação de A Terceira Idade: Estudos
sobre Envelhecimento, ano 1, n. 1, set. 1988-
2014. ISSN 1676-0336.

1. Gerontologia. 2. Terceira idade. 3. Idosos.
4. Envelhecimento. 4. Periódico. I. Título. II.
Subtítulo. III. Serviço Social do Comércio.
CDD 362.604

NOTA

As opiniões e afirmações contidas em
artigos e entrevista publicadas na **mais60**
são de responsabilidade de seus autores.



CAPA

Catarina Bessell

Artista, designer e ilustradora.
catarinabessell@gmail.com

SUMÁRIO

- 1 PÁGINAS DE 8 A 23
Destaque da edição
Nossa máxima medida
por Paulo Markun
- 2 PÁGINAS DE 24 A 35
A Década do Envelhecimento Saudável (2021-2030) na região das Américas
por Enrique Vega e Patricia Morsch
- 3 PÁGINAS DE 36 A 53
Cheguei aos 60 e sou idosa, devo me sentir vitoriosa?
por Claudia Fló
- 4 PÁGINAS DE 54 A 75
O Trabalho Social com Idosos (TSI) do Sesc: trajetória e realizações
por Comissão Editorial da revista Mais 60: Estudos sobre Envelhecimento
- e PÁGINAS DE 76 A 91
ENTREVISTA: Danilo Santos de Miranda
- i PÁGINAS DE 92 A 99
ILUSTRAÇÃO: Catarina Bessell
- p PÁGINAS DE 100 A 109
PAINEL DE EXPERIÊNCIAS:
Dos palcos às telas: a realização da Mostra Sentidos no contexto do distanciamento social
por Camilo Cazonatto, Eduardo Lopes Salomão Magiolino, Fernanda Dorazio, Gabriel Alarcon Madureira, Gabriela Tufanin Evaristo, Jacy HAS, Mariani Gasperini Nunes Bernardes, Mauro Lucas e Sandra Regina Feltran
- r PÁGINAS DE 110 A 113
RESENHA - Margarida ou Mandacaru?
por Débora Silva Carvalho, Fernanda Silvestre e Flávia Eugênia Gimenez de Fávári



Uma edição octogenária

Danilo Santos de Miranda

Diretor do Sesc São Paulo



Tendo por objetivo estimular a reflexão e a produção intelectual no campo da gerontologia, a *Mais 60: Estudos sobre e Envelhecimento*, que surgiu em 1988, com o título *A Terceira Idade*, chega a sua octogésima edição. Resultado de um trabalho que teve início em 1977, com os *Cadernos da Terceira Idade*, a revista dá continuidade à ação socioeducativa de comunicar e compartilhar ideias e conhecimentos com especialistas, estudantes e interessados no tema.

Ao acompanhar tendências, fatos e histórias de um Brasil que está envelhecendo, traz consigo questões ainda longe de serem resolvidas. Em julho de 2014, por exemplo, na primeira edição com a nova nomenclatura, o principal assunto abordado foi a violência contra a pessoa idosa. E, do início da pandemia até o presente momento, é importante ressaltar, esse tópico segue como motivo de discussão, pois, infelizmente, como noticiado, houve um aumento considerável no número de chamados, segundo dados do Disque 100.¹

Do mesmo modo, figuram nas páginas da revista novos contextos, futuros possíveis, como o sugerido pela Década do Envelhecimento Saudável (2021-2030), resolução da Organização Mundial da Saúde (OMS) que prevê, nesse intervalo, por meio de uma colaboração multissetorial, a promoção do envelhecimento com qualidade de vida para comunidades, famílias e pessoas idosas.

A *Mais 60* abre espaço não apenas para assuntos que emergem e necessitam da análise e da crítica, mas também apresenta relatos de atividades voltadas ao público idoso, resenhas de filmes e livros que tratam do universo da longevidade e do processo de envelhecer, bem como entrevistas com pessoas que se destacam em suas trajetórias e vivem a velhice como mais uma fase da vida. De 2014 a 2021, foram 246 autores (pesquisadores, especialistas, estudantes e funcionários do Sesc), de diferentes regiões do país, que tiveram os seus trabalhos e reflexões publicados.

Como uma das ações do programa Trabalho Social com Idosos (TSI), a revista procura manter-se atualizada para trazer aos leitores a multidisciplinaridade e a transversalidade que caracterizam os saberes na área da gerontologia. No formato digital e impresso, disponível nas unidades do Sesc, instituições de ensino, bibliotecas, salas de leitura e grupos de estudo, o periódico cumpre o seu papel educativo e oferece, assim, a sua contribuição.

Boa leitura! ↻

¹ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2021-06/aumentam-casos-de-violencia-contra-pessoas-idosas-no-brasil>. Acesso em: 28 set. 2021.



*Artigo
da capa*

Nossa máxima medida

[Artigo 1, páginas de 8 a 23]





Paulo Markun

Jornalista profissional desde 1971. Já foi repórter, editor, comentarista, chefe de reportagem e até mesmo diretor de redação em emissoras de televisão, jornais e revistas. Por dez anos, apresentou o Roda Viva da TV Cultura. Presidiu a emissora pública de 2007 a 2010. Tem 15 livros publicados e mais de cem documentários.

paulo@markun.com.br

*Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.*

*Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.*

*Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
– Em que espelho ficou perdida
a minha face?*

Cecília Meireles (1939)

Há quanto tempo você não se mira no espelho? Olha, para valer, prestando atenção na imagem que seus olhos vêem? Se tem mais de 60, a resposta deve ser parecida com a minha: faz muito tempo, justamente para não enxergar o que o poema descreve.

Mas qual é o espelho do Brasil? Onde poderemos ver claramente as mudanças que levaram ao rosto de hoje, de um país que envelheceu antes de enriquecer e ostenta agora as marcas da desigualdade e das muitas velhices, nesse reflexo coletivo que muitos teimam em ignorar?

Poderíamos começar pelos números – embora a pandemia tenha impedido o censo em 2021 e a ignorância feito o mesmo em 2021. Mas é indiscutível que a população brasileira está desacelerando seu crescimento enquanto envelhece. Com base nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na revisão de 2018, estima-se que os 195 milhões de brasileiros de 2010 alcancem 233 milhões em 2047, decrescendo para 228 milhões em 2060. A faixa entre zero e 14 anos, que somava 48,1 milhões em 2010, deve ter caído para 44 milhões em 2020 e pode diminuir ainda mais nos anos seguintes, baixando para 33,6 milhões em 2060, ao passo que o grupo com 60 anos ou mais, que somava 21 milhões em 2010, iria para 30,2 milhões em 2020, chegando a 43 milhões em 2031 e saltando para 73,5 milhões de idosos em 2060, como resultado dos ganhos crescentes na esperança de vida.

Ainda não há dados claros sobre o impacto da pandemia do coronavírus nesse cenário. O que se presume, para 2020 e 2021, é um retrocesso na evolução da expectativa de vida, voltando aos indicadores de até cinco anos atrás pelo impacto das mortes entre os mais velhos. Num país que adia o censo demográfico e busca esconder os números da pandemia, publicizados por um consórcio de imprensa, é muito difícil ir além disso.

De todo modo, para além das estatísticas, os textos que ocuparam esse mesmo espaço nas edições anteriores de *Mais 60* também revelam a face de um novo Brasil. Um novo Brasil velho, que carrega antigos problemas, agrega outros, reclama políticas públicas específicas e demanda ações e iniciativas múltiplas e urgentes.

Poderíamos começar pela nomenclatura, em que Beltrina Côrte, jornalista, docente da Pontifícia Universidade Católica (PUC) e editora do portal do Envelhecimento assinalou (edição 70) a série de eufemismos com que tentamos tapar o sol com a peneira, em vez de nos assumirmos simplesmente e como velhos, deixando de lado essa conversa mole de terceira idade, melhor idade e companhia bela.

Terceira idade, aponta Beltrina, não passa de uma espécie de manto dourado que torna nominável o que não pode ser dito. Reis e rainhas, estamos nus – e nossos corpos só de longe podem ostentar o viço da juventude, que nenhum avanço científico é capaz de repor. É a mídia que nos oferece a roupa nova, que nada esconde, mas pode revelar preconceitos e discriminações sobre um processo que deveria ser encarado como natural, inevitável, embora nem sempre trágico. Beltrina recorre a Ashton Applewhite, ativista do movimento antipreconceito contra o envelhecimento e resume: “É vergonhoso ser chamado de velho até pararmos de ter vergonha disso”.

Sem medo de sair desse armário (com o perdão da metáfora desajeitada) vamos em frente. Na edição 65, Ciro Marcondes Filho, professor titular do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), falecido em novembro de 2020, aos 72 anos, identificou o tempo ou os tempos – *cronos, eon, cairos* – como o grande enigma do ser humano e assinalou:

Nosso rosto é nosso primeiro carrasco. É a denúncia indisfarçável de que os anos se apossaram de nós e cavaram em essa pele, límpida e macia, as rugas, as manchas, a decrepitude da pele.

Apesar dos anos, sentimo-nos como sempre fomos: como se não tivéssemos dado; e nos iludimos em pensar que o outro nos sinta da mesma maneira. Nossa mente não aceita a degeneração física, pois está em desacordo com nossa imagem idealizada. A velhice é uma categoria social, não biológica. A sociedade narcisista vai empurrando os velhos cada vez mais para a margem, para o fim, para a sua própria cova, mesmo que a saúde ainda o mantenha, mesmo que o *élan* vital ainda flameje.

Na edição 62, duas pesquisadoras do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Ana Amélia Camarano e Daniele Fernandes, se debruçaram sobre um grupo específico: os nem-nem – homens idosos que não trabalham, não procuram trabalho e não são aposentados. Em 1993, eram 123 mil. Vinte anos depois, 476 mil. Em duas décadas, diminuiu o número de mulheres e aumentou o de homens. As pesquisadoras concluíram que pode ser reflexo das dificuldades de inserção no mercado de trabalho e da baixa qualificação dos candidatos. A diminuição na proporção dos homens chefes de família poderia sinalizar ainda uma mudança nas relações de gênero.

Parte da redução da participação masculina dos homens acima dos 60 anos no mercado de trabalho resulta do preconceito contra o trabalho de pessoas mais velhas. Os homens ainda comandam, mas vão deixando a função de chefe e provedor de suas famílias: o percentual caiu de 79,4% para 69,8% entre 1993 e 2013. A redução na proporção de chefes só foi compensada pelo aumento da proporção de homens cônjuges – sinalizando uma mudança nas relações de gênero.

Como outros tantos copos, o da velhice também pode ser apresentado como meio cheio... ou meio vazio. Na edição 73, Jorge Felix, professor de gerontologia na USP, mira no potencial de geração de riqueza que o novo perfil da população traz consigo – e que em outros países, já foi percebido como tal. Felix ressalta que há uma espécie de corrida populacional em curso e que os países que ocuparem a primeira fila na busca por produtos e serviços tecnológicos especialmente desenhados para atender às demandas dos velhos serão os prováveis vencedores.

Aqueles países capazes de inovar e produzir com mais rapidez as mercadorias que atenderão às necessidades dos consumidores mais longevos e de suas famílias, garantirão parcela maior, é indubitável, no mercado global. Com um adendo: como a tecnologia é a mediadora de tudo na vida contemporânea, estamos tratando de produtos de alto valor agregado, principalmente na área da gerontecnologia. O envelhecimento da população oferece um outro motivo para o desenvolvimento da robótica inteligente. Os robôs (ou as variadas formas de automação) saem das fábricas, das seções de pinturas, soldagem e montagem para hospitais, asilos, casas e empresas de serviços. Passam a ser assistentes pessoais, cuidadores, acompanhantes, professores, mensageiros, distribuidores de remédios em hospitais, auxiliares de enfermeiros, *personal trainers*, apoio de astronautas, motoristas, ajudantes de cozinha. Esta é uma realidade do capitalismo contemporâneo, independentemente da necessidade de nossa visão crítica ou questões éticas.



Mas qual é o espelho do Brasil? Onde poderemos ver claramente as mudanças que levaram ao rosto de hoje, de um país que envelheceu antes de enriquecer e ostenta agora as marcas da desigualdade e das muitas velhices, nesse reflexo coletivo que muitos teimam em ignorar?

O Brasil ainda não entrou nessa corrida, nem mesmo por intermédio das multinacionais aqui instaladas e Felix atribui o fato à omissão do setor público, que ignora o debate, o que limita as iniciativas ao isolamento, sem visão sistêmica.

Carla da Silva Santana Castro, professora da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP/USP) e presidente da Sociedade Brasileira de Gerontecnologia (SBGTec) mostra, na edição 74, que há soluções e produtos já desenvolvidos, compondo uma janela de oportunidades na área. Mas recorda que é preciso levar em conta as especificidades dos velhos brasileiros. Robôs de serviço ou de companhia são mais facilmente aceitos no Japão ou na Finlândia, enquanto entre os latinos são as tecnologias assistivas, destinadas a cuidadores formais ou informais, que podem ser mais facilmente aceitas.

A solução só será encontrada a partir da interdisciplinaridade e cooperação entre as áreas de conhecimento. Carla propõe ainda que a gerontecnologia seja incluída nos currículos de formação técnica e superior, bem como na agenda política e empresarial.

Naira de Fátima Dutra Lemos, assistente social e professora de geriatria e gerontologia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) mostrou, na edição 72, que a tarefa de cuidar dos idosos no Brasil costuma recair sobre a família e, mais especificamente, sobre as mulheres. Uma dupla jornada de trabalho que tem pouco (ou nenhum) suporte social, quando deveria ser reconhecida pela sociedade e amparada pelo poder público.

Entre as iniciativas pioneiras e isoladas menciona o ambulatório dedicado aos idosos em que são eles próprios cuidadores, criado em 2007 pela Unifesp e que em 12 anos de funcionamento atendeu 342 pacientes. No alerta de Naira:

A invisibilidade do cuidador idoso, suas dificuldades no exercício cotidiano do cuidar, o alto custo que lhe é cobrado por essa função, quer seja físico, quer seja emocional, ainda carece de estudos que possam direcionar políticas públicas para atenção a essa população.

Nessa prevalência dos cuidados em casa há influência da falta de iniciativas públicas, mas também pesa o que Deusivania Vieira da Silva Falcão, professora da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH/USP) definiu como familismo, na edição 77: um construto multidimensional que reflete valores como apego, lealdade, reciprocidade, sentimentos de obrigação familiar, apoio instrumental e emocional,

interconexão e solidariedade entre os membros da família nuclear e extensa. Entre adolescentes e jovens adultos, os familistas são mais propensos a evitar comportamentos de risco e também mais dispostos a ajudar no cuidado de pais e avós.

Deusivania replica dados de pesquisa ainda não publicada, feita por Falcão, Nunes e Bucher-Maluschke¹ com casais idosos confinados em decorrência da pandemia de covid-19. Eles constataram que aqueles que tinham crenças e atitudes familistas utilizaram a comunicação não violenta, a empatia, a flexibilidade e o perdão para lidar com os conflitos vivenciados durante a quarentena.

Mas nem todos os velhos podem ou querem seguir vivendo com as famílias. Em outros países, um mercado que está crescendo muito é o das moradias para velhos. Aqui, são raros os empreendimentos privados. A maior parte dos idosos vive com suas famílias – menos de 1% está nas chamadas Instituições de Longa Permanência (ILPI), outra denominadas asilos. Na edição 78, Ana Amélia Camarano relembra que a primeira referência de asilo encontrada no Brasil foi de uma instituição destinada a soldados, a Casa dos Inválidos, inaugurada no Rio de Janeiro, em 1797, especialmente construída para este fim.

Ana alerta que, quando as famílias se tornam menos disponíveis para cuidar dos seus membros dependentes, o Estado e o mercado privado precisam se preparar para atendê-las e que a pandemia da covid-19 deve ter consequências díspares: o isolamento social recomendado reduz a procura por esses serviços, mas o aumento da pobreza, inclusive entre idosos, amplia a demanda.

O turismo é outro campo em que os velhos representam um potencial de consumo evidente. Na edição 75, Susana de Araújo Gastal, professora do programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade na Universidade de Caxias do Sul (UCS) adverte: estes novos consumidores são exigentes em termos de qualidade e originalidade e a receita fácil do turismo de massa, empacotado e reproduzido sem critério, já não funcionava com eles antes da pandemia. Susana lembra que há velhos e velhos: os que classifica como senis não têm lugar nesse mercado, enquanto os que ela define como infantis são tão relevantes quanto crianças e adolescentes, mesmo que muitos lugares tenham de ser adaptados para esses frequentadores e suas peculiaridades.

Não é preciso ir tão longe para encontrar territórios onde os velhos não têm o espaço que deveriam. César Simoni Santos, professor do Departamento de Geografia da USP, autor de *A fronteira urbana: urbanização, industrialização e mercado imobiliário no Brasil* apontou

1 FALCÃO, D. V. S.; NUNES, E. C. R. C.; BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F. Casais idosos confinados em tempos de pandemia covid-19: refletindo as relações familiares e conjugais (no prelo).

para as metrópoles, em que o tempo é apenas produtivo, na edição 64.

O espaço urbano, socialmente produzido, mas privadamente apropriado resulta na perda do sentido de pertencimento de seus habitantes, notadamente os mais velhos. O *flaneur* de Baudelaire perdeu a batalha. A máxima do *time is money* transformou todo o tempo em tempo produtivo:

Os velhos guardam na memória a cidade acolhedora, as ruas que permitiam as brincadeiras, a vizinhança como lugar de sociabilidade afável. As grandes avenidas são cicatrizes que separam o tecido urbano e contêm os velhos nos espaços segmentados pelas pistas feitas para os automóveis.

Ao trocar mercadinhos locais, comércio de rua, botequins e pequenos restaurantes por supermercados, shoppings e redes de fast food, os bairros que são redutos do tempo lento e morada dos velhos desaparecem. A espoliação das lembranças desemboca no banimento da velhice.

Se isso acontece com os velhos que mantêm sua capacidade de lembrar intacta, o que dizer dos portadores da doença de Alzheimer, tema de Marimelia Porcionatto, professora da Escola Paulista de Medicina (EPM), na edição 67? Os números são assustadores: estima-se que em 2050 haverá cerca de 130 milhões de pessoas com demência no mundo, sendo dois milhões na América do Sul, e até agora a ciência tem obtido poucos avanços no controle da doença, sobre a qual há inúmeras pesquisas.

O Alzheimer atinge 15% das pessoas acima dos 65 anos e 50% dos com mais de 85 anos e só é diagnosticado quando já está instalado. Embora haja 2.143 ensaios em desenvolvimento no mundo todo, nenhum dos ensaios concluídos relatou resultados positivos. Marimelia afirma que as estratégias terapêuticas utilizadas focam partes do processo e supõe que será preciso adotar uma abordagem mais ampla, combinando diferentes terapias, se quisermos frear o desenvolvimento dessa doença tão terrível para os pacientes e seus familiares e amigos.

A escritora Heloisa Seixas relatou, na edição 69, sua própria experiência com essa dura realidade, ao descobrir que a mãe tinha Alzheimer. Mulher ativa, divertida e solar, explicou que costuma escrever sobre aquilo que mais a espanta: envelhecimento, doença, loucura e morte, na esperança de que assim tais assuntos deixem de assombrá-la. Entre as histórias, a da própria mãe, em quem Heloisa observou modificações da personalidade:



Para além das estatísticas, os textos que ocuparam esse mesmo espaço nas edições anteriores de *Mais 60* também revelam a face de um novo Brasil. Um novo Brasil velho, que carrega antigos problemas, agrega outros, reclama políticas públicas específicas e demanda ações e iniciativas múltiplas e urgentes.

A doença de Alzheimer traz consigo vários males, que se infiltram na vida do doente e de todos que convivem com ele. E a raiva é um desses males. Os parentes não conseguem compreender o que está acontecendo, negam a doença – ou simplesmente a desconhecem – e com isso acabam sendo tomados por um sentimento de revolta. E não é só raiva. É culpa, também. Ou mesmo loucura. Houve momentos, durante o processo de esfacelamento da mente da minha mãe, em que senti que me degradava também, que eu própria estava a ponto de enlouquecer.

Para outros casos dramáticos e sem solução, houve avanços recentes. Entre eles, a classificação da medicina paliativa como uma especialidade reconhecida em muitos países. No Brasil, a partir de 2010, a medicina paliativa foi oficialmente reconhecida pelo Conselho Federal de Medicina (CFM) brasileiro como um ramo de especialidade médica.

André Filipe Junqueira dos Santos, vice-presidente da Academia Nacional de Cuidados Paliativos, na edição 68, resgatou um pouco dessa história que começa na década de 1960, com uma inglesa com formação humanista. Médica, enfermeira, assistente social, e escritora inglesa, Dame Cicely Saunders recuperou o conceito de *hospice*, empregado na Idade Média. Ao longo do percurso das cruzadas surgiam locais que atendiam tanto aqueles que necessitavam de alimentação e abrigo quanto os doentes que eram cuidados até a morte. Como não havia quase nenhum tratamento médico a ser oferecido, os cuidadores apostavam no bem-estar espiritual dos ali abrigados.

Com esse mesmo intuito surgiu o St. Christopher's Hospice, em 1967. O primeiro *hospice* na visão da medicina moderna, apoiado no conceito de “dor total”, que incluiu as dimensões física, emocional, social e espiritual no manejo dos sintomas. Uma frase de Cicely resume sua pretensão: “Quero que você sinta que me importo pelo fato de você

ser você, que me importo até o último momento de sua vida e que faremos tudo o que estiver ao nosso alcance, não somente para ajudá-lo a morrer em paz, mas também para você viver até o dia de sua morte”.

Em resumo, quase o oposto do que acontece com velhos doentes crônicos em muitas UTIs, quando o prolongamento artificial da vida significa apenas mais dor – e gastos.

Em muitos casos, é possível encontrar uma relação entre esse prolongamento a ferro e fogo de vidas marcadas pelo sofrimento indizível e o aumento da taxa de suicídios entre idosos no Brasil, que Daiane Borges Machado, psicóloga pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), doutora em epidemiologia e saúde populacional pela London School of Hygiene & Tropical Medicine abordou na edição 76. A taxa de suicídio entre pessoas de 60 anos ou mais está aumentando mais entre os grupos mais vulneráveis (índios, negros e entre o sexo feminino). De 2007 para 2017, houve um crescimento de 18% entre idosos de 60 a 69 e de 15% entre idosos de 70 a 79 anos. Os idosos com menor escolaridade apresentaram maior aumento percentual no número de casos de suicídio.

Daiane alerta para a importância de investigar o que há por trás dessas mortes e reconhece que o suicídio está fortemente relacionado aos sentimentos de desesperança. Vidas difíceis por conta da situação econômica e social pioram em razão de problemas interpessoais, fatores psicológicos ou psiquiátricos e se, além do mais, esses indivíduos não têm apoio social, relacionamentos afetivos, nem enxergam alternativas, pôr fim a vida pode parecer o único caminho.

Nas margens da sociedade, a população carcerária também envelhece – longe dos holofotes e do crivo dos pesquisadores e formuladores de políticas públicas. Marina Portella Ghiggi, professora de direito penal da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), na edição 71, adverte: pelos dados do Departamento Penitenciário Nacional (Depen, 2010), o encarceramento desta parcela da população triplicou entre os anos de 2005 e 2010, embora os números globais ainda sejam baixos. No Rio Grande do Sul, a Superintendência de Serviços Penitenciários (Susepe, 2018) constatou que 2% dos presos possuíam mais de 60 anos. Os presos com idade entre 46 e 60 anos já são 10% da população carcerária masculina e 16% da feminina. Para Marina, essas penas restringem mais que o direito à liberdade:

A crueldade manifesta-se quando se afere que esperanças e expectativas ficarão consumidas pela pena, considerada como uma resposta estatal evidentemente seletiva, controversa em termos de suas finalidades e violadora dos direitos mais fundamentais da pessoa humana. Embora o idoso preso não seja completamente esquecido pelos documentos jurídicos, existem pouquíssimas previsões de direitos específicos aos idosos presos. Ademais, em uma primeira análise, é possível afirmar que o idoso é praticamente invisível para as políticas públicas.

A violência contra os velhos só foi descrita na academia em 1975, quando dois pesquisadores ingleses se referiram ao espancamento de avós, informa Maria Cecília de Souza Minayo, doutora em saúde pública no artigo “Múltiplas faces da violência contra a pessoa idosa”, publicado na edição 60. Mas, em pouco tempo, o tema passou a ser objeto de convenções internacionais. No Brasil, teve reflexos na Política Nacional do Idoso de 1995 e no Estatuto do Idoso de 2003.

Essa violência também se apresenta de várias formas: abuso físico, psicológico, sexual, financeiro, abandono, negligência e autonegligência e muitas vezes demora a se revelar, protegida pelo silêncio das vítimas, que se calam e se isolam diante dos abusos. Entre 5% e 10% dos idosos são alvos da violência física em todo mundo – e as mulheres são as mais afetadas. As queixas mais frequentes são sobre violência psicológica (62,5%). Sobre violência física há muito menos – 32%, conforme estudos realizados em vários municípios brasileiros. Maria Cecília lembra ainda que muitas empresas cometem violência econômica e financeira, sob a forma de aumentos abusivos ou recusa a atendimento em serviços essenciais.

O porto seguro das pessoas idosas costuma ser a família: mais de 90% dos idosos moram com filhos, filhas, netos ou outros parentes. Em média, 28% dos lares brasileiros têm pelo menos uma pessoa idosa. Por outro lado, dois terços dos agressores são filhos, parentes e cônjuges.

Na edição 63, Carlos Eduardo Henning, professor da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás (UFG) e Guita Grin Debert, professora do Departamento de Antropologia da Unicamp, procuraram mostrar que gênero, etnicidade, classe social, nível educacional e sexualidade conformam as várias velhices. E que a velhice feminina pode ser, para alguns autores, mais suave que a masculina, dado o menor vínculo das mulheres com o mercado de trabalho, os laços mais intensos com filhos e as vantagens relativas da perda dos controles.

Nos últimos tempos, os velhos estão deixando de ser encarados como uma subcultura com um estilo próprio de vida que se sobrepõe às outras diferenças, como ocupação, sexo, religião ou identidade étnica. O século XXI tem velhos homens mais femininos, mulheres mais masculinas, numa normalidade unissex da idade avançada. A dissolução de barreiras tradicionais estaria sendo substituída, nos últimos tempos, por uma erotização do envelhecimento, apoiada na desgenitalização da sexualidade masculina e na liberação das mulheres de seus compromissos sexuais, anteriormente determinados pelo desejo dos parceiros. A erotização dos corpos se expressa, assinalam Guita e Carlos Eduardo, inclusive, na contratação de jovens parceiros nos chamados bailes da terceira idade – os cavalheiros de aluguel.

Mas as experiências de envelhecimento e velhice que questionam ou escapam das convenções heterossexuais são no mais das vezes, apagadas. O Brasil ainda não tem uma gerontologia LGBT, como a América do Norte apresenta.

Outro campo em que há mudanças importantes foi observado por Denise Pollini, pesquisadora de história da moda e cultura da moda, na edição 61. A onda jovem que veio com o pós-guerra e seus *teenagers* vive um refluxo quando os *baby boomers* tornam-se sessentões e setentões. Nos últimos cinco anos, o cenário da moda internacional tornou-se terreno fértil para iniciativas que buscam valorizar um estilo para quem tem mais de 60. Isso se reflete, por exemplo, na contratação da atriz Helen Mirren, de 69 anos, para embaixatriz da L’Oreal, nos blogs de estilo comandados por velhos e velhas e na invenção de Sue Ellen Cooper, que em 1997 comprou um chapéu vermelho e deu para uma amiga, como prova de que a idade nos permite ousadias e escolhas que seriam inconcebíveis na juventude. Hoje, há mais de 36 mil clubes chamados Red Hat Societies com 850 mil membros – prova máxima de que a padronização perdeu terreno.

A psicóloga Anita Liberalesso Neri, professora da Unicamp, valorizou o papel da resiliência psicológica no enfrentamento da velhice na edição 79 dessa *Mais 60*. A melhor maneira de encarar as perdas naturais dessa faixa etária seria, se bem resumo o encadeado argumento de Anita Neri, com a combinação de uso de nossas capacidades de reserva e uma atitude positiva. Mais necessária ainda diante de eventos como a pandemia da covid-19, que provoca sensações de desamparo, rebaixamento da autoestima, sentimentos negativos, perda de apeti-

te, diminuição da capacidade imunológica, crises hipertensivas, dores, insônia, ansiedade, ideias suicidas, confusão mental e outros sinais de desadaptação psicológica e biológica. Não há uma só velhice, reitera Anita Neri. Suas manifestações variam, de acordo com vários fatores.

Ser idoso e, além disso, pobre, negro, mulher, gordo, com incapacidades e multimorbidades implica em ser tratado como invisível, inferior, doente, inútil, irrelevante, dependente e um fardo para a sociedade. O pior é que esses conceitos são internalizados pelos idosos, que passam a conviver com autocrenças negativas de eficácia pessoal, com expectativas negativas de desempenho cognitivo e com medo do ridículo e da desvalorização, como se tudo isso fosse natural e típico da velhice. Ser idoso é frequentemente fonte de tensão crônica e de perturbações, às quais os velhos podem responder com ansiedade e vergonha, com aceitação ou com depressão, apatia e fadiga.

Na velhice, uma adequada adaptação está ligada à capacidade de regulação emocional; à seleção de alvos positivos para investimento afetivo e cognitivo; à diminuição da intensidade e da variabilidade de experiências emocionais positivas e negativas; à capacidade de vivenciar experiências emocionais mais complexas e de nomear e compreender as próprias emoções e as emoções alheias; e à capacidade de selecionar parceiros sociais que representem oportunidade de conforto emocional (mais do que de informação e status, que são temas típicos da juventude e da vida adulta).

Anita descreve o processo adaptativo que se abriga sob a sigla SOC – Seleção, Otimização e Compensação – em que os idosos costumam escolher e investir em determinados alvos que sejam importantes para si, por razões afetivas e cognitivas. E relaciona seis domínios ou fatores: autonomia, domínio sobre o ambiente, crescimento pessoal, relações positivas com os outros, propósito na vida e autoaceitação. Quem tem propósitos mais elevados costuma ser mais resiliente e enfrenta melhor a velhice. Um círculo virtuoso, que deveríamos percorrer.

É possível encontrar algum contraponto (ou complemento) nos argumentos de Denise Bernuzzi de Sant’Anna, professora da PUC, oferecidos na edição 66. Ela alerta para o risco da tirania do envelhecer bem, que tanto pode ser ordem ou dever, como conquista merecida.

A ideia de que se é um velho ocorre quando o peso da espessura vivida, acumulada sobre a memória de tempos passados, torna o caminho do porvir menor do que aquele já trilhado. Os jovens olham os velhos com se eles já não fizessem parte deste mundo, como se suas existências fossem aberrantes, impossíveis de serem aceitas e acolhidas. Os velhos são coagidos a se mostrarem alegres. Uma maneira de escapar a este suposto adoecimento é transformar a velhice numa época promissora e menos pesada do que ela parece ser.

Parte do remédio, ou do possível tratamento precoce (neste momento tão mencionado e mal compreendido) acontece nas miríades de grupos de lazer e de cultura destinados aos que têm mais de 60 anos – entre eles, os que o Sesc desenvolve.

Aqui no meu canto, a caminho dos 70 anos, por enquanto na ativa e saudável, posso apenas contribuir com o rico aprendizado obtido em quase dois anos de desenvolvimento da série *Envelhecer*, para o Sesc TV, ao lado da também diretora Claudia Erthal e de um grupo de moças e moços entusiasmados e apaixonados pelo tema².

Na conversa com especialistas e velhos de todo os tipos e cantos do Brasil, me dei conta de que ainda é tempo para fazer coisas que já deixara para trás. Como esquiar na neve (fiz o curso básico) ou surfar (promessa adiada para este verão). Também vale entender que ninguém sabe quanto tempo mais nos resta de vida e que isso é tanto problema como oportunidade.

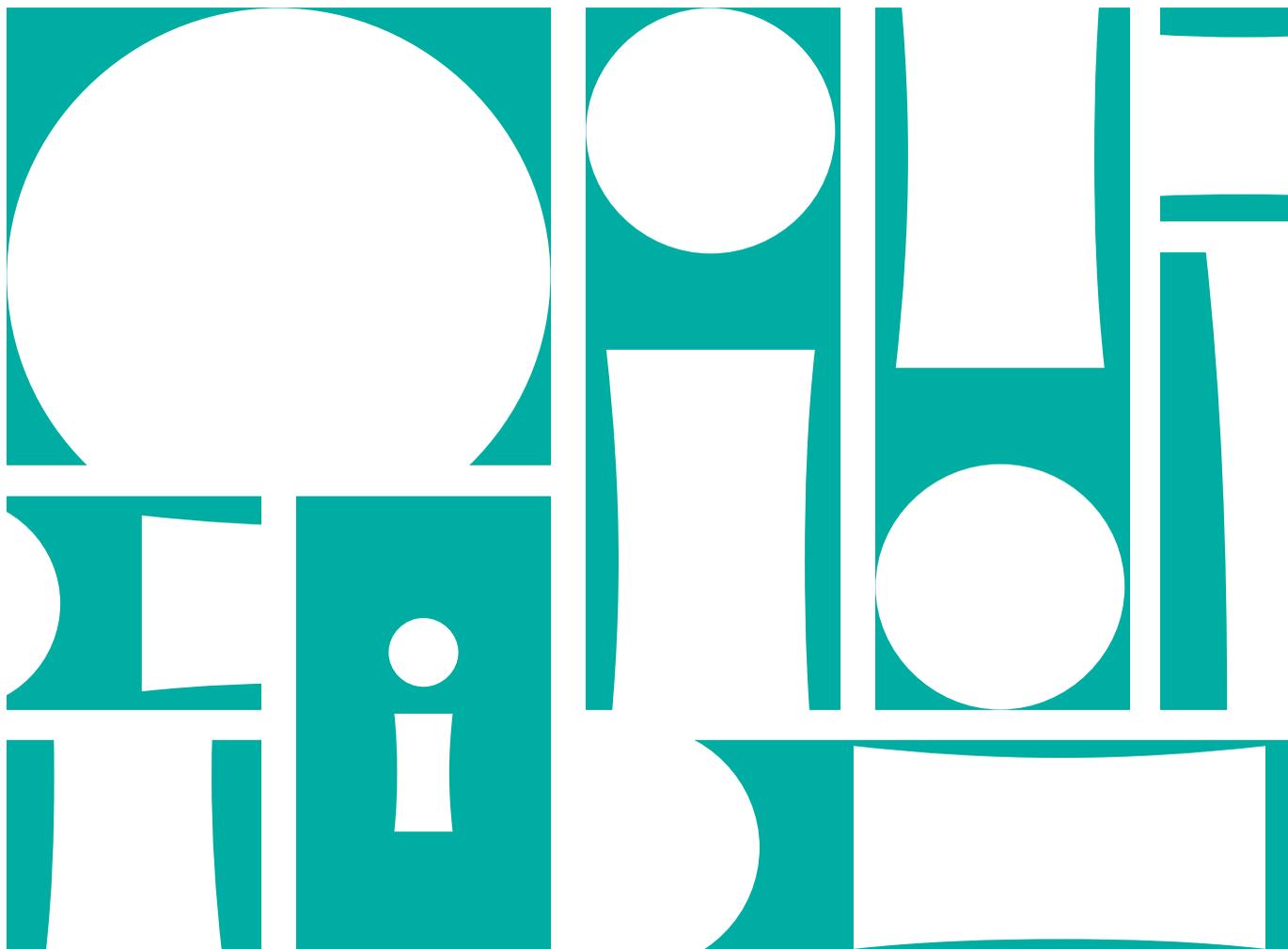
Na expectativa de viver o melhor possível a parte que ainda me cabe neste latifúndio, mantenho expectativas e sonhos como os que a doutora Anita Neri recomenda. Mas busco ainda avaliar, com alguma serenidade, se existe água na piscina antes de mergulhar de cabeça. E não resisto a me apropriar da frase de outrem, como fiz ao longo de todo esse artigo. Trata-se do escritor cubano Alejo Carpentier (1904-1980) que no livro *O reino deste mundo*, resume um certo modo de encarar nossa missão por aqui:

2 Beatriz Recco, Camila Coimbra, Leila Chagas, Lucas Mello, Marcelo Amiky, Meykllen Paulino, Paulo Palmerio, Raul Gomes, Renata Junqueira, Ronan Coelho, Sérgio Sanches, Tide Gugliano, Vinicius Sitta, Vitor Lopes. Os 13 episódios estão disponíveis no canal do YouTube do Sesc TV: <https://sesc.tv.org.br/programas-e-series/envelhecer/>.

(...) o homem nunca sabe para quem padece e espera. Padece e espera e trabalha para gentes que nunca conhecerá e que por sua vez padeirão e esperarão e trabalharão para outras que tampouco serão felizes, pois o homem ansia sempre uma felicidade situada além da porção que lhe é outorgada. Mas a grandeza do homem está precisamente em querer melhorar o que é. É impor-se tarefas. No Reino dos Céus não há grandeza a conquistar, pois ali tudo é hierarquia estabelecida, incógnita derramada, existir sem fim, impossibilidade de sacrifício, repouso e deleite. Por isso, atormentado por penas e tarefas, formoso dentro de sua miséria, capaz de amar em meio às pragas, o homem só pode alcançar sua grandeza, sua máxima medida, no reino deste mundo.

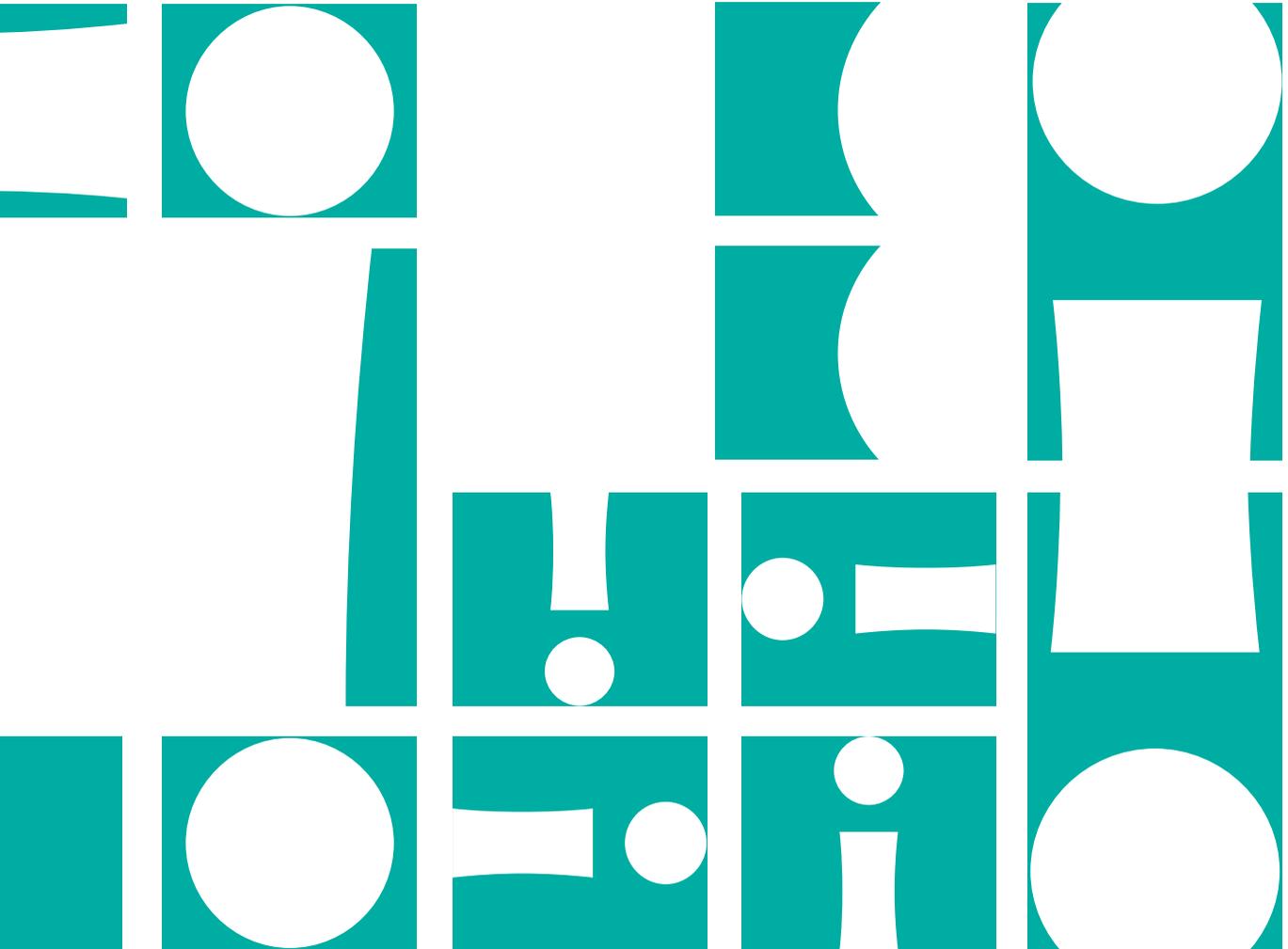


Aqui no meu canto, a caminho dos 70 anos, por enquanto na ativa e saudável, posso apenas contribuir com o rico aprendizado obtido em quase dois anos de desenvolvimento da série Envelhecer, para o Sesc TV, ao lado da também diretora Claudia Erthal e de um grupo de moças e moços entusiasmados e apaixonados pelo tema.



A Década do Envelhecimento Saudável (2021-2030) na região das Américas

[Artigo 2, páginas de 24 a 35]



Enrique Vega

*Chefe da unidade Curso de Vida Saudável, no Departamento de Família, Promoção à Saúde e Curso de Vida na Organização Pan-Americana da Saúde (Opas), em Washington, Estados Unidos.
vegaenri@paho.org*

Patricia Morsch

*Consultora sobre envelhecimento saudável no Departamento de Família, Promoção à Saúde e Curso de Vida na Opas.
morschpat@paho.org*

RESUMO

A região das Américas, com destaque para o Brasil, apresenta uma transição demográfica bastante rápida, o que exige adequações dos sistemas e serviços para atender às necessidades da população. A Década do Envelhecimento Saudável (2021-2030) é um movimento global cuja visão é de que vidas mais longas merecem ser vividas com mais saúde e oportunidades e, consiste em dez anos de colaboração multissetorial para promover o envelhecimento saudável e melhorar a vida de pessoas idosas, suas famílias e comunidades. A Década está estruturada em quatro áreas de ação principais – combater o preconceito em relação à idade e ao envelhecimento, comunidades que promovam as capacidades das pessoas idosas, serviços de cuidados integrados e de atenção primária à saúde centrados na pessoa e cuidados de longo prazo – permeadas por quatro habilitadores que estão relacionados à pesquisa e inovação, à liderança e participação das pessoas idosas. O Brasil tem avançado muito nas políticas voltadas para as pessoas idosas, mas a velocidade de sua transição demográfica, epidemiológica e social torna necessária uma resposta mais efetiva e eficiente a essas mudanças. A Década do Envelhecimento Saudável é uma oportunidade para reforçar estratégias vigentes e propor novas ações e atitudes para acrescentar mais vida aos anos.

Palavras-chave: envelhecimento; idoso; idoso de 80 anos ou mais; qualidade de vida; envelhecimento saudável.

ABSTRACT

The region of the Americas, with emphasis on Brazil, has one of the fastest demographic transition worldwide, which requires adjustments to systems and services to meet the needs of the population. The Decade of Healthy Aging (2021-2030) is a global movement with the vision that longer lives deserve to be lived with more health and opportunities, and consists of ten years of multisectoral collaboration to promote healthy aging and improve the lives of older people, their families and communities. The Decade is structured around four main areas of action (changing the way we think, feel and act regarding age and aging; ensure that communities promote older people's capacities; deliver integrated and person-centered care and primary health care services, and access to long-term care), underpinned by four enablers that are related to research and innovation, leadership and participation of older people. Brazil has advanced a lot in policies regarding the older population, but the speed of its demographic, epidemiological and social transitions urges the need to have a more effective and efficient response to these changes. The Decade of Healthy Aging is an opportunity to reinforce current strategies and propose new actions and attitudes to add more life to years.

Keywords: aging; aged; aged, 80 and over; quality of life; healthy aging.

A TRANSIÇÃO DEMOGRÁFICA E O ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL NAS AMÉRICAS

O envelhecimento na América Latina é um dos mais rápidos no mundo e até o ano de 2050 um entre quatro latino-americanos terá mais de 60 anos(1). Estima-se também que em aproximadamente dez anos (2030), haverá pela primeira vez mais pessoas idosas do que crianças com menos de 15 anos de idade na região das Américas. Salienta-se nesse contexto o aumento acelerado das pessoas de 80 anos ou mais, que dentre as faixas etárias mais envelhecidas é a que apresenta a taxa de envelhecimento mais rápida(2).

Dentre os países da região das Américas, o Brasil destaca-se em relação ao envelhecimento populacional. Atualmente, o país conta com mais de 28 milhões de pessoas idosas (60+), o que representa 13% da população brasileira. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), esse percentual tende a dobrar nas próximas décadas, já que existe um aumento sustentado da expectativa de vida, que chegou a 76,3 anos em 2018 – 72,8 anos para os homens e 79,9 anos para as mulheres(3). É importante salientar que ao mesmo tempo que a expectativa de vida aumentou consideravelmente nos últimos anos, não existe respaldo científico para dizer que as pessoas estão vivendo com mais saúde(4). No Brasil, estima-se que existe uma lacuna de dez anos entre a expectativa de vida e a expectativa de vida saudável, demonstrando o aumento da prevalência de doenças crônicas e incapacidades(5).

O envelhecimento saudável, porém, não significa que as pessoas precisam estar livres de doenças. Na presença de doença, envelhecer de forma saudável reflete o foco em viver bem e otimizar a habilidade funcional, e também ter a garantia de um cuidado coordenado que maneje a doença ao mesmo tempo em que considera os objetivos pessoais de cada indivíduo(6). As ações devem ser baseadas no conceito de envelhecimento saudável do Relatório Mundial de Saúde e Envelhecimento publicado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2015, que conceitua o envelhecimento saudável como o processo de promoção e manutenção da habilidade funcional, que permite o bem-estar na velhice. A habilidade funcional inclui atributos relacionados à saúde que permitem uma pessoa ser e fazer o que é importante para ela. Esses atributos englobam todas as capacidades físicas e mentais que as pessoas apresentam (capacidade intrínseca) e ambientes que favoreçam o desenvolvimento dessas atividades(4). Nesse caso, considerar



O envelhecimento saudável, porém, não significa que as pessoas precisam estar livres de doenças. Na presença de doença, envelhecer de forma saudável reflete o foco em viver bem e otimizar a habilidade funcional, e também ter a garantia de um cuidado coordenado que maneja a doença ao mesmo tempo em que considera os objetivos pessoais de cada indivíduo.

onde as pessoas vivem e levam suas vidas é fundamental, pois o ambiente molda o que as pessoas com determinado nível de capacidade intrínseca podem ser ou fazer.

A população idosa é bastante heterogênea já que as diferentes experiências e caminhos ao longo do curso da vida moldam o envelhecimento e as trajetórias de saúde individuais(7). Estudos longitudinais sugerem que as pessoas idosas são representadas por três diferentes trajetórias de envelhecimento de acordo com sua habilidade funcional: alta-estável (71,4%), baixa-estável (25,2%) e declínio rápido (3,4%) com base em diferentes itens que combinam capacidades cognitivas e físicas e a capacidade de atender a algumas necessidades básicas. Antecipar e entender como atender àqueles que podem apresentar declínios na habilidade funcional deve ser uma prioridade(6) para que se possa estimular o envelhecimento saudável e evitar a dependência de cuidados. Aproximadamente dois terços (64%) da população dependente de cuidados no Brasil. São pessoas com idade superior a 65 anos, sendo que entre os anos 2000 e 2010 a proporção de pessoas idosas com incapacidade aumentou de 49,6% para 63,4%(5). A maior parte desses cuidados são providos pelas famílias. No Brasil, o número de familiares que eram também cuidadores informais de pessoas idosas aumentou de 3,7 milhões em 2016 para 5,1 milhões em 2019(8).

Assumir que o envelhecimento saudável pode ser alcançado apenas pela ausência de doenças ou que a idade cronológica avançada sozinha justifica a perda da saúde e da qualidade de vida são afirmações desprovidas de ética e embasamento científico. Muitas pessoas idosas vão apresentar multimorbidades, bem como situações sociais e mentais específicas, muitas vezes relacionadas ao desenvolvimento das

grandes síndromes geriátricas. Por isso, as pessoas idosas precisam de cuidados integrados e centrados na pessoa, para que seja possível entender sua situação de saúde de forma abrangente e fornecer estratégias para promover suas capacidades, conseguindo resultados de saúde mais eficazes(9).

O IMPACTO DA PANDEMIA DA COVID-19 FRENTE AO ENVELHECIMENTO POPULACIONAL

A pandemia da covid-19 ressaltou muitas das dificuldades e a falta de preparo dos sistemas de saúde e de assistência social para atender adequadamente às demandas da população idosa. Ressalta-se nesse contexto a dificuldade do controle de infecção nas Instituições de Longa Permanência (ILPI), bem como do manejo clínico da pessoa idosa, incluindo a dificuldade de identificar de maneira oportuna sinais e sintomas atípicos na apresentação das doenças(10). A falta de proteção às pessoas idosas em situações de emergência não é um tópico novo. No furacão Katrina, nos Estados Unidos, em 2005, três quartos dos óbitos foram de pessoas com mais de 60 anos(11). Quinze anos depois, vemos as pessoas idosas, principalmente aquelas que apresentam maior vulnerabilidade devido a multimorbidades e dependência, com maior mortalidade devido à pandemia da covid-19(12). Dados recentes mostram que a mortalidade por covid-19 em pessoas idosas está relacionada à exposição próxima a membros da família em idade produtiva e/ou vizinhos(13).

A covid-19 também evidenciou a prevalência do preconceito em relação à idade e ao envelhecimento (idadismo) em nossa sociedade. Durante a pandemia, muitas das decisões em relação a escolhas de tratamento, bem como a alocação de recursos foi pautada pela idade cronológica. Limites estabelecidos, que deixam de levar em consideração a grande diversidade de capacidades, condições crônicas e circunstâncias de saúde das pessoas idosas podem resultar em violação dos direitos humanos(10).

Embora as pessoas idosas possam apresentar desfechos muito diferentes em relação à covid-19, o isolamento vertical foi discutido em profundidade e muitas restrições foram impostas a esse grupo, com diversas implicações negativas em seus níveis de capacidade, saúde mental e dificuldade em manter sua saúde, principalmente relacionadas ao manejo de suas condições crônicas, devido ao acesso interrompido a diversos serviços essenciais de saúde(14). Um

Artigo 2

A Década do Envelhecimento Saudável
(2021-2030) na região das Américas

levantamento mundial realizado pela OMS demonstrou que essas interrupções ocorreram em mais de um terço dos serviços de saúde oferecidos. Em geral, os cuidados de Atenção Primária à Saúde (APS) e de reabilitação, assim como os cuidados paliativos e de longo prazo foram os mais afetados: 48% dos países relataram interrupções nos serviços essenciais da APS e 41% nos serviços de reabilitação, cuidados paliativos e de longo prazo, com prováveis implicações – especialmente nas populações mais vulneráveis, como pessoas idosas – em indivíduos que apresentam doenças crônicas, incapacidade e deficiência(15).

A pandemia da covid-19, além de ter ampliado os problemas relacionados à atenção à pessoa idosa, deu maior visibilidade aos desafios e desigualdades que já existiam. Por isso, oferece uma oportunidade para agir, mudar e, finalmente, fortalecer a otimização das capacidades das pessoas idosas, bem como enfatizar a prevenção e o manejo adequado das suas comorbidades por meio de estratégias comunitárias e atenção primária, já que os hospitais estão saturados e com alto risco de contágio, e os profissionais de saúde com alta demanda de trabalho relacionado à pandemia(16).

A DÉCADA DO ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL (2021-2030)

Diante do contexto atual, respostas e ações imediatas são fundamentais para que os países possam se preparar para a mudança demográfica e transformar o envelhecimento da população em uma oportunidade de uma vida mais longa e mais saudável. Com esse objetivo foi aprovada, em 3 de agosto de 2020, pela 73ª Assembleia Mundial da Saúde, a Década do Envelhecimento Saudável (2021-2030). Nessa ocasião, também foi recomendada a sua avaliação pela Organização das Nações Unidas (ONU) e logo aprovada em 14 de dezembro de 2020 na Assembleia Geral das Nações Unidas(17). A Década está alinhada com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU e consiste em dez anos de colaboração multissetorial, concertada, catalítica e sustentada para promover o envelhecimento saudável e melhorar a vida das pessoas idosas, suas famílias e comunidades. Para atingir esses objetivos, a Década se concentrará em quatro áreas de ação(18):

- mudar a forma como pensamos, sentimos e agimos com relação à idade e ao envelhecimento;
- garantir que comunidades promovam as capacidades das pessoas idosas;

- entregar serviços de cuidados integrados e de atenção primária à saúde centrados na pessoa e adequados à pessoa idosa; e
- propiciar o acesso a cuidados de longo prazo às pessoas idosas que os necessitem.

Para concretizar as estratégias em cada área de ação, a proposta da Década enfatiza quatro habilitadores fundamentais: ouvir as diversas vozes e permitir o envolvimento com significado da pessoa idosa, familiares, cuidadores, jovens e comunidades; estimular a liderança e o desenvolvimento de capacidades para a tomada de ações adequadas e integradas por todos os setores; conectar várias partes interessadas ao redor do mundo para o compartilhamento e a aprendizagem a partir das experiências do outro; e fortalecer dados, pesquisa e inovação visando a acelerar a implementação.

É importante ressaltar que boa parte dos países do mundo tem dados limitados ou nenhum dado sobre envelhecimento saudável ou sobre pessoas idosas, o que contribui para a invisibilidade e exclusão dessas pessoas. A população idosa não é um grupo homogêneo e, por isso, os dados devem ser desagregados para melhor compreender seu estado de saúde e suas contribuições sociais, econômicas e capital social(18). A falta de dados coletados desagregados por faixa etária é uma realidade mesmo em situações em que as pessoas idosas são as mais vulneráveis, como nos relatórios de mortalidade para Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT), como cardiopatias e diabetes. Além disso, a maioria das pesquisas de saúde e população, mesmo em países de alta renda, exclui pessoas idosas institucionalizadas(19). Investigações sobre o envelhecimento saudável devem atender às necessidades atuais das pessoas idosas, antecipar desafios futuros e vinculá-los às condições sociais, biológicas, econômicas e ambientais,



A Década está alinhada com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU e consiste em dez anos de colaboração multissetorial, concertada, catalítica e sustentada para promover o envelhecimento saudável e melhorar a vida das pessoas idosas, suas famílias e comunidades.

Artigo 2A Década do Envelhecimento Saudável
(2021-2030) na região das Américas

bem como com os determinantes do envelhecimento saudável na primeira e na segunda metade da vida e as intervenções para melhorar as trajetórias de envelhecimento saudável(18). A melhoria dos dados sobre as pessoas idosas e o envelhecimento saudável, assim como a criação de bases científicas sólidas sobre esses temas contribuirão para decisões informadas e baseadas em evidências; e, dessa forma, favorecerão melhores avaliações e o desenvolvimento de intervenções eficazes que gerarão melhorias importantes na saúde e no bem-estar das sociedades que estão envelhecendo(20).

A disponibilidade de dados nacionais reflete a oportunidade de traçar metas e objetivos baseados em evidências, o que favorece a tomada de decisão e implementação de ações custo-efetivas. O Brasil dispõe de bases de dados populacionais que favorecem o conhecimento em relação às necessidades e às fortalezas dos sistemas em atender às pessoas idosas. Pautando-se na investigação de bases de dados nacionais(21-24), é possível identificar alguns desafios que o Brasil tem durante a Década do Envelhecimento Saudável, assim como avanços frente ao envelhecimento populacional.

O Brasil, com a sua conformação continental, abarca extensa inequidade, a qual impacta também o envelhecimento. Por exemplo, espera-se que uma criança nascida no Maranhão viva 8,6 anos a menos do que uma criança nascida em Santa Catarina. O manejo e a prevenção das doenças crônicas, assim como o fortalecimento dos cuidados a longo prazo também são desafios importantes durante a Década: 76,3% das pessoas idosas no Brasil têm ao menos uma doença crônica, e os indicadores de saúde mostram que muitas pessoas idosas brasileiras não mantêm hábitos saudáveis. Por exemplo, 12% são tabagistas e 79% não praticam os níveis recomendados de atividade física, o que favorece o sobrepeso e a obesidade, 32,2% das pessoas idosas que são usuárias do SUS têm alguma limitação funcional, o que impacta diretamente o envelhecimento saudável(5).

É importante também salientar que o Brasil conta com importantes ações que podem servir de exemplo e impulsionar outras estratégias acerca do envelhecimento saudável. Por exemplo, a estratégia de imunização do Sistema Único de Saúde (SUS) na campanha contra influenza apresentou cobertura de 97,2% entre as pessoas idosas no ano de 2018.

O Brasil conta com o desenvolvimento das Conferências dos Direitos da Pessoa Idosa, que representa um importante mecanismo de participação popular, e com o Estatuto do Idoso, que assegura os direitos desse grupo populacional na legislação. No Brasil, 51% dos municípios têm implementado o Conselho Municipal do Idoso, porém novamente se observa a inequidade na distribuição entre as regiões: no Rio de Janeiro mais de 80% das cidades contam com conselho; enquanto em Alagoas apenas 16%(5).

O Brasil tem avançado muito nas políticas voltadas para as pessoas idosas, assim como em sua estratégia de saúde universal, mas a velocidade de sua transição demográfica, epidemiológica e social torna necessária uma resposta mais efetiva e eficiente a essas mudanças, especialmente pelo SUS. A OpaS conta com liderança regional nas Américas, em conjunto com os seus Estados-membros, parceiros e centros colaboradores visando garantir a promoção da saúde das pessoas idosas da região através do desenvolvimento da Década do Envelhecimento Saudável (2021-2030). Esse movimento global oferecerá uma visão clara e unificada por meio de suas áreas de ação para que os países, inclusive o Brasil, possam concentrar suas estratégias, ações, recursos e sistemas para responder melhor às necessidades das pessoas idosas, protegendo sua saúde, seu bem-estar e seus direitos. Agora é a hora de transformar o cenário atual de forma mais positiva, promovendo um caminho em direção a uma sociedade mais inclusiva, equitativa e amiga da pessoa idosa, ancorada nos direitos humanos e orientada pela promessa compartilhada na Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável de não deixar ninguém para trás nas Américas.

Artigo 2

A Década do Envelhecimento Saudável
(2021-2030) na região das Américas

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas – ONU. *Profiles of aging*. Latin America and the Caribbean, 2017. Disponível em: <https://population.un.org/ProfilesOfAgeing2017/index.html>. Acesso em: 2021.
2. ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas – ONU. *World population ageing 2019*. New York, 2019. Disponível em: http://link.springer.com/chapter/10.1007/978-94-007-5204-7_6. Acesso em: 26 abr. 2021.
3. INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Conheça o Brasil: população. *Pirâmide etária*, 2019. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18318-piramide-etaria.html>. Acesso em: 26 abr. 2021.
4. ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde – OMS. *Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde*. Resumo. Genebra, 2015, p. 1-29.
5. ORGANIZAÇÃO Pan-Americana da Saúde – Opas. *Resumo de situação: o desempenho do sistema de saúde em relação às necessidades das pessoas idosas medindo a responsividade do sistema*. Washington, DC, 2020. Report: working paper.
6. ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde – OMS. *Decade of Healthy Ageing: baseline report*. Geneva: Organização Mundial de Saúde, 2020. 220 p. Disponível em: <https://www.who.int/publications/m/item/decade-of-healthy-ageing-baseline-report>. Acesso em: 26 abr. 2021.
7. ORGANIZAÇÃO Pan-Americana da Saúde – Opas. *Construindo a saúde no curso de vida*. Washington: DC, 2021.
8. INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Censo 2021. *Com envelhecimento, cresce número de familiares que cuidam de idosos no país*, 2020. Disponível em: <https://censo2021.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/27878-com-envelhecimento-cresce-numero-de-familiares-que-cuidam-de-idosos-no-pais.html>. Acesso em: 26 abr. 2021.
9. ORGANIZAÇÃO Pan-Americana da Saúde, Organização Mundial da Saúde. *Atenção Integrada para a Pessoa Idosa (Icope)*. Orientações sobre a avaliação centrada na pessoa e roteiros para a atenção primária, 2020.
10. INOUE SK. Creating an anti-ageist healthcare system to improve care for our current and future selves. *Nat Aging*, 2021. Feb. 11;1(2):150-2. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1038/s43587-020-00004-4>. Acesso em: 26 mai. 2021.
11. AL-ROUSAN TM, Rubenstein LM, Wallace RB. Preparedness for natural disasters among older us adults: a nationwide survey. *Am. J. Public Health*, 2014. Mar.;104(3):506-11. Disponível em: <http://ajph.aphapublications.org/doi/10.2105/AJPH.2013.301559>. Acesso em: 26 mai. 2021.
12. SHARMA A. Estimating older adult mortality from covid-19. Carr DS, editor. *Journals Gerontol*. Ser B, 2021. Feb. 17;76(3):e68-74. Disponível em: <https://academic.oup.com/psychocgerontology/article/76/3/e68/5906011>. Acesso em: 26 mai. 2021.

13. FISMAN DN, Bogoch I, Lapointe-Shaw L, McCready J, Tuite AR. Risk factors associated with mortality among residents with coronavirus disease 2019 (covid-19) in Long-term Care Facilities in Ontario, Canada. *JAMA Netw Open*. 2020;3(7):7-13.
14. MORLEY JE. Covid-19: The long road to recovery. *J. Nutr. Health Aging*. 2020. Sep. 5;24(9):917-9. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1007/s12603-020-1497-y>. Acesso em: 26 mai. 2021.
15. ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde – OMS. *Pulse survey on continuity of essential health services during the covid-19 pandemic: key informant findings from 135 countries and territories Global results*. Geneva, 2021.
16. ORGANIZAÇÃO Pan-Americana da Saúde – Opas. El Decenio del Envejecimiento Saludable (2020-2030) en el contexto de la pandemia de covid-19: las pandemias deberán cambiar la manera de ver la edad y el envejecimiento. In: *Boletín de envejecimiento y derechos de las personas mayores en América Latina y el Caribe*, n. 18. Santiago: Chile: Comisión Económica para América Latian y el Caribe, 2020. Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/handle/11362/46616>. Acesso em: 26 mai. 2021.
17. ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde – OMS. *UN Decade of Healthy Aging*. What is the UN Decade of Healthy Ageing?, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/initiatives/decade-of-healthy-ageing>. Acesso em: 26 fev. 2021.
18. ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde – OMS. *Década do Envelhecimento Saudável (2020-2030)*. Organização Pan-Americana da Saúde, 2020, p. 1-29.
19. LLOYD-Sherlock P, Sempe L, McKee M, Guntupalli A. Problems of data availability and quality for covid-19 and older people in low- and middle-income countries. Meeks S, editor. *Gerontologist*, 2021. Feb. 23;61(2):141-4. Disponível em: <https://academic.oup.com/gerontologist/article/61/2/141/5918111>. Acesso em: 26 mai. 2021.
20. VEJA, GE. Research: a priority for the decade of healthy aging. *Colomb. Med.*, 2019. Jun 30;50(2):50-1. Disponível em: <http://colombiamedica.univalle.edu.co/index.php/comedica/article/view/3932>. Acesso em: 26 mai. 2021.
21. FIOCRUZ. *Elsi Brasil: Estudo Longitudinal da Saúde e Bem-Estar dos Idosos Brasileiros*. Banco de dados, 2015. Disponível em: <http://elsi.cpqrr.fiocruz.br/instrucoes-para-uso/>. Acesso em: 12 mai. 2021.
22. FIOCRUZ. *Sisap Idoso: Sistema de Indicadores de Saúde e Acompanhamento de Políticas do Idoso*. Consultar indicadores, 2020. Disponível em: <https://sisapidoso.icict.fiocruz.br/#>. Acesso em: 12 mai. 2020.
23. INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. *Pesquisa de orçamentos familiares 2017-2018*. Rio de Janeiro, 2020.
24. INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. *Pesquisa nacional de saúde 2013: acesso e utilização dos serviços de saúde, acidentes e violências*. Brasil, grandes regiões e unidades da federação. Rio de Janeiro, 2015.



Cheguei aos 60 e sou idosa, devo me sentir vitoriosa?

[Artigo 3, páginas de 36 a 53]





Claudia Fló

Fisioterapeuta; especialista em gerontologia pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG); doutora em ciências pela Faculdade de Medicina da USP; presidente do Conselho Estadual do Idoso (2016-18); presidente da SBGG Nacional (2016-18); coordenadora da Área Técnica de Saúde do Idoso da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo.



Artigo 3Cheguei aos 60 e sou idosa,
devo me sentir vitoriosa?**RESUMO**

O mundo está envelhecendo de forma acelerada e os países em desenvolvimento ainda mais rapidamente. No Brasil, cerca de 14% da população tinha mais de 60 anos em 2019 e, no entanto, as políticas públicas destinadas a essa população não têm acompanhado esse ritmo de crescimento. Há uma série de iniciativas sendo desenvolvidas, mas elas ainda são incipientes e não homogeneamente distribuídas pelo país. O estado de São Paulo desenvolve um Programa Intersecretarial desde 2012 com foco no envelhecimento ativo. Muitas outras ações têm sido desenvolvidas para melhorar a vida dos idosos no estado.

Palavras-chave: população idosa; envelhecimento; políticas públicas; programas intersecretariais.

ABSTRACT

The world is aging at an accelerated rate and developing countries even faster. In Brazil, about 14% of the population was over 60 in 2019 and, however, public policies aimed at this population have not kept pace with this growth rate. There are a number of initiatives being developed, but they are still incipient and not evenly distributed across the country. The State of São Paulo has been developing an Intersecretary Program since 2012 with a focus on active aging. Many other actions have been developed to improve the lives of the older people in the state.

Keywords: older people; population; aging; public policy; intersecretary programs.

ENVELHECER É UMA VITÓRIA!

Do ponto de vista pessoal, significa ter vencido uma série de problemas de saúde e tantos outros desafios que a vida oferece e chegar lá, no alto da montanha! Mas é olhando o coletivo que essa conquista muda o mundo...

A média mundial da expectativa de vida ao nascer saltou dos 50 anos para mais de 70 anos em apenas seis décadas, o que não significa que todos os países tiveram esse mesmo ganho. Em muitos países da África ainda se vive cerca de 50 anos. No Brasil, cerca de 14% da população tinha mais de 60 anos em 2019 e, no entanto, as políticas públicas destinadas a essa população não têm acompanhado esse ritmo de crescimento.

A linha do tempo, com as principais ações relativas ao envelhecimento no mundo, no Brasil e em particular em São Paulo, tem como marcos principais:

1982 – Assembleia Mundial sobre Envelhecimento, em Viena, reconhecida como o primeiro fórum mundial totalmente voltado para questões acerca da população idosa.

1994 – Lei n. 8.842, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso (PNI) no Brasil.

1999 – Ano Internacional dos Idosos, com o slogan “uma sociedade para todas as idades”.

2002 – Segunda Assembleia Mundial sobre Envelhecimento, em Madri. Desse evento saíram uma declaração política e um plano de ação.

2002 – A Organização Mundial de Saúde (OMS) introduz o conceito de *envelhecimento ativo*, definindo-o como o “processo de otimização das oportunidades para saúde, participação e segurança, para melhorar a qualidade de vida das pessoas que na medida em que envelhecem”.

2003 – Lei nº 10.741, que institui o Estatuto do Idoso.

2005 – Congresso da International Association of Geriatrics and Gerontology (IAGG) no Rio de Janeiro.

2007 – A OMS publica o guia *Global Age-friendly Cities*.

2009 – É lançado o Plano Estadual para a Pessoa Idosa – Futuridade, sob a coordenação de Áurea Eleotério Soares Barroso.

2009 – É lançado o projeto Envelhecimento Ativo e Cidade Amiga do Idoso: Vila Clementino Bairro Amigo do Idoso, coordenado por Tereza Etsuko da Costa Rosa.

Artigo 3

Cheguei aos 60 e sou idosa,
devo me sentir vitoriosa?

2011 – Criação do Comitê de Referência da Saúde do Idoso na Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, sob a coordenação do dr. Wilson Jacob Filho (geriatra e professor titular de geriatria da FMU/SP), para auxiliar o secretário de saúde na escolha dos rumos a serem seguidos pelas políticas na área do idoso, sendo uma das “medalhas”, isto é, área prioritária do governo de São Paulo.

2012 – Lançamento do Programa São Paulo Amigo do Idoso – programa intersecretarial que agregou 12 secretarias de estado. Cada uma delas disponibilizou ações baseadas nos Pilares do Envelhecimento Ativo da OMS, isto é, participação, segurança, educação continuada e saúde. A secretaria executiva ficou sob a responsabilidade da Secretaria Estadual de Desenvolvimento Social.

2014 – Lançamento do Selo Hospital Amigo do Idoso – uma das ações do Pilar Saúde, que tem por objetivo a mudança de cultura nos hospitais, tornando os espaços físicos mais adequados, capacitando os profissionais no sentido de terem um olhar diferenciado para os idosos e transformando a gestão. Hospitais que participam do programa conseguiram responder prontamente às novas demandas impostas pela pandemia, conforme relatamos a seguir.

2018 – Implementação da plataforma para gerenciamento de Instituições de Saúde Amigas do Idoso.

2019 – Estratégia Brasil Amigo da Pessoa Idosa. Ministérios: da Mulher, Família e Direitos Humanos, Cidadania e Saúde; Organização Pan-americana da Saúde (Opas); OMS; Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa.

2021 – Lançamento da Década do Envelhecimento Saudável (DES).

Após todo o trajeto elencado, ainda se observa uma série de iniciativas isoladas que não foram implementadas em nosso país, de forma global e menos ainda de forma homogênea. Há ilhas de excelência e locais esquecidos, acentuando mais e mais as diferenças existentes. Percebemos que ações pontuais podem, sim, fazer a diferença na vida dos idosos e de toda a população pois, quando se atua em um segmento, os demais também são impactados, exatamente como os elos de uma corrente.



Percebemos que ações pontuais podem, sim, fazer a diferença na vida dos idosos e de toda a população pois, quando se atua em um segmento, os demais também são impactados, exatamente como os elos de uma corrente.

A DES é a oportunidade de os países de todos os continentes se engajarem não apenas nos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) mas também, finalmente, lançarem o merecido olhar sobre a população idosa!

A DES tem quatro principais focos:

1. Mudar a forma como pensamos, sentimos e agimos com relação à idade e ao envelhecimento. Como implementar:
Combater o idadismo/etarismo/ageísmo – desde o início da pandemia de Sars-Cov-2 circula pelo WhatsApp uma série de piadas a respeito de como manter os idosos isolados e, caso saíssem de casa, seriam “recolhidos” por uma espécie de carrocinha (“cata-veio”). Essas mensagens têm um caráter idadista indisfarçável. Reconhecer quem somos – idosos somos todos os que tivemos a sorte de chegar e passar dos 60 anos, idoso sou eu, não o outro. Já é hora de assumirmos nossa idade!
2. Garantir que comunidades capacitem as pessoas idosas. Como implementar:
Criando locais para educação ao longo da vida, preferencialmente intergeracionais, para melhora da autoestima, empoderamento e integração dos idosos na sociedade.
3. Criar serviços de cuidados integrados e de atenção primária à saúde centrados e adequados à pessoa idosa. Como implementar:
Cerca de 70% dos idosos da comunidade são independentes e autônomos. A porta de entrada dos serviços de saúde deve estar apta a avaliar todos os idosos e classificá-los em hígidos, pré-frágeis e frágeis, de modo que apenas pré e frágeis sejam encaminhados a serviços de maior complexidade.

Artigo 3

Cheguei aos 60 e sou idosa,
devo me sentir vitoriosa?

4. Propiciar o acesso a cuidados de longo prazo às pessoas idosas que necessitem. Como implementar:

A intersetorialidade e a interdisciplinaridade são fundamentais para que idosos tenham uma vida satisfatória, sendo impossível cuidar adequadamente dessa faixa etária sem observar esses dois aspectos.

MUDANÇA CULTURAL E POLÍTICA

Não sem razão, o primeiro foco da DES é “mudar a forma como pensamos, sentimos e agimos com relação à idade e ao envelhecimento”. Estudos sobre demografia e envelhecimento populacional se avolumam e influenciam as decisões de amplos setores da sociedade. Os aspectos relativos à saúde populacional estão firmemente capturados pela órbita da assim chamada “transição demográfica”. A transição demográfica se insere na complexa dinâmica causal e reflexiva das demais transições descritas nos séculos XIX e XX – a epidemiológica e a nutricional – e estabelece seus vínculos com a deterioração ambiental e com a desigualdade social.

O envelhecimento populacional descreve o aumento percentual das faixas etárias mais idosas em relação à população total. O rápido aumento da expectativa de vida e os contínuos decréscimos da natalidade são descritos como seus principais componentes. O aumento da longevidade populacional recebe paradoxal valorização. Ao invés de ser comemorada como o sucesso de uma sociedade em reduzir suas taxas de mortalidade, a maior longevidade é elencada entre os componentes que ameaçam a sustentabilidade econômica e a distribuição de serviços dessa mesma sociedade. A redução expressiva das taxas de natalidade, que já foi objetivo das políticas públicas sob o mesmo pretexto econômico, é a atual preocupação de países de alta e média renda.

Tais dilemas são construídos e perpetuados num sistema de análise meramente quantitativo, que renega aspectos dinâmicos e epidemiológicos da sociedade e desconsidera sua capacidade de inovação. Contextos que estimulem a migração seletiva de algumas faixas etárias podem alterar significativamente a estrutura populacional local. Violência urbana e demais causas externas de morbimortalidade, que são plenamente evitáveis, ceifam e incapacitam um percentual significativo de vidas nas faixas etárias ditas “produtivas”. Já desastres ambientais e epidemias não haviam interferido bruscamente na nossa estrutura etária, porém isso deve mudar ao se realizar um novo censo na pós-

-pandemia. No caso de doenças crônicas não transmissíveis, elas não são apenas responsáveis por elevada taxa de mortalidade precoce, como também impactam negativamente na capacidade produtiva das faixas etárias intermediárias.

Boa parte dos argumentos que apontam os idosos como peso para a sociedade negligencia a heterogeneidade do processo de envelhecimento e seus desdobramentos na renda familiar e no mundo laboral. A velocidade e a direção das mudanças da estrutura etária de uma sociedade não apenas afetam, mas também são afetadas pela sua organização e suas práticas. Seu caráter auspicioso ou desafiador não é uma sina, nem condição imutável.

Uma vez mais lembremos que a definição possível e pactuável do que chamamos de “idoso” se baseia em corte etário. A recomendação de 60 anos e mais de idade, da OMS, foi adotada pelo Ministério da Saúde e demarca a população-alvo da nossa Política Estadual do Idoso. O status de “recomendação” se justifica por não ser de uso universal. Há países que cuja população idosa é alocada entre os de 65 anos e mais de idade.

O envelhecimento acompanha o indivíduo desde o seu nascimento. Incapacidade funcional e comorbidades não são exclusivas e nem inevitáveis a partir dos 60 anos de idade. A gerontologia trabalha com os conceitos de senescência (envelhecimento normal) e senilidade (envelhecimento patológico). Não é recente o corpo de evidências que relativiza o peso de fatores genéticos nos desfechos de saúde em geral. Condições pré-natais, perinatais e nos primeiros anos de vida repercutem nas décadas seguintes. O protagonismo dos determinantes sociais, das condições ambientais e da exposição aos fatores de risco e proteção da saúde ao longo de toda a vida está firmemente estabelecido.

É digno de nota que o conceito de mortes precoces e o cálculo de anos vividos com incapacidade incluem a população de 60 a 69 anos, conceitualmente definida como idosa. Para tal, se admite o pressuposto de que a sociedade pode oferecer ao indivíduo uma vida saudável até pelo menos os 69 anos. É instigante supor, e estudos sugerem, que a prevalência de doenças crônicas na população idosa possa se dever menos ao simples acúmulo de anos vividos e sim expressar a soma de anos expostos a fatores de vida adversos. A “naturalização” da doença e da incapacidade na fase idosa constrói uma visão determinista e limitada do processo de envelhecimento, desconsidera todo o processo de vida desde antes do nascimento e favorece atitudes negligentes e comportamentos na esfera do ageísmo (ou como preferem outros, do etarismo ou idadismo).



A velocidade e a direção das mudanças da estrutura etária de uma sociedade não apenas afetam, mas também são afetadas pela sua organização e suas práticas. Seu caráter auspicioso ou desafiador não é uma sina, nem condição imutável.

Inovações tecnológicas não apenas prolongam a vida e sua funcionalidade, mas reconfiguram a mobilidade urbana, a empregabilidade, a esfera produtiva, as possibilidades gerenciais, o acesso à cultura e ao lazer, a inclusão e a interação social, a participação política, a transparência governamental, a participação e o controle social das políticas públicas, o acesso à justiça, o acesso aos serviços de saúde e educação, a integração intergeracional. Dessa forma, ao se considerar o mundo urbano como imerso na “era do conhecimento”, menor deve ser o impacto dos decréscimos funcionais físicos sobre o bem-estar, a capacidade de trabalho e a cidadania dos mais longevos. As tecnologias de informação e comunicação revolucionam o volume, a velocidade e as técnicas de coleta, análise, armazenamento e divulgação de dados. Esse imenso e volátil arsenal ainda é de difícil assimilação para a população em geral e de incipiente incorporação na esfera pública.

A atual transversalidade de vários aspectos da vida, não mais restritos a determinada faixa etária, deriva dessas mudanças. Não é sem motivo que certos indicadores econômicos incorporam a faixa etária 60 a 65 anos no conceito de força de trabalho disponível, e que artigos cheguem a classificar os indivíduos de 40 a 50 anos de idade como “trabalhador idoso”. Por outro lado, os remanescentes dos *baby boomers*, entre 55 e 65 anos de idade, compõem a nova leva a se aposentar. Nascidos desde o final da Segunda Guerra Mundial até 1964, essa geração acumulou experiência e perfil de valoração do trabalho que lhe é peculiar, cuja falta ainda se estimará.

O cidadão idoso será compreendido e melhor atendido se considerado integrante de sua sociedade e cuja saúde e bem-estar sejam percebidos como resultado de como vivenciou seus ciclos de vida. Por fim, o cidadão idoso não é apenas alvo de políticas alinhadas com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da DES, mas pode e deve ser incluído como protagonista da sociedade para alcançá-los.

A pandemia de covid-19 em curso explicitou a complexidade e a heterogeneidade da longevidade. É certo que o maior percentual de mortes se concentrou até agora na faixa idosa, quadro em regressão pela priorização dessa população nos programas de vacinação contra o coronavírus. Mas também é certo que o maior percentual de mortes se concentra em indivíduos com comorbidades (em especial obesidade e doenças cardiovasculares) em qualquer idade. A opção do Brasil de não usar a idade como critério de exclusão para internação em UTI resultou em altas hospitalares de idosos longevos. Esses dados nos remetem à reflexão da importância do estado de saúde e funcionalidade sobre o mero registro etário.

O distanciamento social imposto pela pandemia impactou vários aspectos do cidadão idoso. Um deles é o vínculo com a família e sua rede social. Enquanto os idosos institucionalizados, os que moram sozinhos e os excluídos do mundo digital aprofundaram seu isolamento e vulnerabilidade, aqueles já usuários de redes sociais tiveram e têm mais oportunidades de manutenção de vínculos, provimento de serviços e manutenção da saúde. Nesse contexto, destacam-se as estratégias de assistência remota dos equipamentos públicos de saúde.

A pandemia também evidenciou um aspecto negligenciado a respeito da população idosa: sua contribuição econômica. Ao contrário da visão prevalente do idoso como peso para a sociedade, estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) revelou o empobrecimento de significativo percentual de famílias pela morte de seu membro idoso. A perda financeira não advém apenas da supressão de aposentadorias na renda familiar, mas também pela perda da renda do idoso ativo no mercado de trabalho formal e informal.

POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A POPULAÇÃO IDOSA

A formulação e implementação de políticas públicas para população idosa não se encerra no provimento de necessidades, mas também estabelece marcos simbólicos e conceituais que influenciam o modo de pensar e sentir o envelhecimento e a “velhice”. As políticas públicas para população idosa no Brasil seguem vários tipos de “trajetos”. Há políticas formuladas em todos os níveis de entes federativos, União, estados e municípios. Há projetos estaduais e municipais que ultrapassam suas fronteiras. Há programas específicos para a população idosa e outros para a população em geral que beneficiam também o idoso. Há políticas para uma demanda específica (como direitos dos deficientes)

Artigo 3

Cheguei aos 60 e sou idosa,
devo me sentir vitoriosa?

para os de qualquer idade, que incluem os idosos que estejam sob as mesmas condições. Há programas para demandas pontuais, como o Programa Nacional de Imunizações (PNI) e os que cumprem múltiplos propósitos, como a Estratégia Saúde da Família e a Academia da Saúde. Há projetos que à primeira vista parecem limitados aos aspectos de gestão, mas cujos desdobramentos se alargam à medida que se desenvolvem, como o Selo Hospital Amigo do Idoso do estado de São Paulo.

As políticas públicas assumem árduas tarefas que envolvem o mapeamento e a intervenção em cenários locais e articulações intersetoriais para entregar resultados sensíveis, eficazes e sustentáveis. A intersetorialidade é um desafio para o mundo. O estado de São Paulo abriga programas e instâncias de caráter intersecretarial, que impactam a vida de seu cidadão idoso. Um deles é o Programa São Paulo Amigo do Idoso, sediado na Secretaria Estadual de Desenvolvimento Social (Seds), do qual o Selo Hospital Amigo do Idoso faz parte pelo eixo da Saúde.

O Conselho Estadual do Idoso de São Paulo, também alocado na Seds, reúne representantes das secretarias de estado e representantes da sociedade civil de forma paritária. O Programa Respeito à Vida, que se refere à mobilidade segura, é gerido pela Secretaria de Governo do Estado de São Paulo e envolve mais oito secretarias.

Temas específicos, de relevância também para a população idosa, são tratados em grupos de trabalho intersecretariais, como o dedicado ao controle e à prevenção da violência contra vulneráveis (alocado no Gabinete do Secretário de Estado da Saúde) e o que aborda as necessidades da população adulta e idosa com deficiência (sob o comando da Secretaria Estadual dos Direitos da Pessoa com Deficiência).

A DÉCADA DO ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL (DES) E A PANDEMIA DE COVID-19

Os quatro principais focos da DES não são objetos de ações excludentes. Assim, as ações voltadas para a mudança de mentalidade, aspectos ligados à capacitação e à assistência se complementam e se potencializam reciprocamente. Mais do que isso, esses eixos preparam a sociedade para o enfrentamento de cenários de mudanças súbitas, de curso incerto, rápido e altamente impactante.

O provimento de assistência à saúde é um investimento de grande monta nos seus requerimentos humanos e materiais. O Programa Nacional de Imunizações (PNI) foi instituído em 1973. Atualmente,

o programa inclui a vacinação gratuita de idosos contra hepatite B, dupla adulta (difteria e tétano), febre amarela (idosos que estejam morando ou passando por áreas com recomendação de vacina), influenza e a vacina pneumocócica 23-valente.

A campanha de vacinação contra influenza para a população idosa foi incluída no PNI em 1999, Ano Internacional do Idoso, com o objetivo de reduzir as internações e mortes por gripe e suas complicações (como pneumonia). Nos últimos anos, a soma das internações pagas pelo SUS por gripe e pneumonia, bem como os óbitos, representam menos de 10% dos números totais. A influenza isoladamente causa um óbito para cada 100 mil idosos.

A priorização da vacinação contra a covid-19 para idosos vem alterando positivamente o cenário epidemiológico. Especialistas apontam que as vacinas contra a covid-19 podem vir a fazer parte do calendário vacinal anual. As estruturas e a experiência do PNI certamente contribuem para o êxito dessa etapa. O estado de São Paulo encaminha esse tema com articulação intersecretarial e apoio da iniciativa privada e do terceiro setor. Um exemplo dessa parceria foi o projeto Todos pela Saúde, destinado às ações contra a covid-19 em Instituições de Longa Permanência (ILPI), que envolveu setor público, privado e terceiro setor.

A assistência à saúde da população idosa no estado de São Paulo se insere na assistência dos demais ciclos de vida, sendo as Unidades Básicas de Saúde (UBS) e a Estratégia Saúde da Família as portas de entrada para os demais níveis custeados e organizados pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

O estado de São Paulo mantém serviços de média e alta complexidade para a população geral, inclusive idosa. A criação de quatro centros especializados para idosos tem um duplo sentido: suprir as demandas peculiares dos idosos e fornecer apoio para a rede básica,



Os quatro principais focos da DES não são objetos de ações excludentes. Assim, as ações voltadas para a mudança de mentalidade, aspectos ligados à capacitação e à assistência se complementam e se potencializam reciprocamente. Mais do que isso, esses eixos preparam a sociedade para o enfrentamento de cenários de mudanças súbitas, de curso incerto, rápido e altamente impactante.

Artigo 3

Cheguei aos 60 e sou idosa,
devo me sentir vitoriosa?

em termos de capacitação e orientação, permitindo a permanência do idoso no sistema de assistência e na comunidade locais. Atualmente, o estado conta com quatro polos de atenção especializada para os idosos: Centro de Referência do Idoso Norte, Instituto Paulista de Geriatria e Gerontologia “Antonio Ermínio de Moraes”, Ambulatório de Especialidades Médicas do Idoso Oeste, Ambulatório de Especialidades Médicas do Idoso Sudeste. A atenção especializada ao idoso no estado também conta com programas e equipamentos instituídos nos âmbitos das gestões municipais, como as Unidades de Referência da Saúde do Idoso (Ursi) e o Programa de Acompanhante do Idoso (PAI), ambos da Prefeitura Municipal de São Paulo.

Os serviços especializados para idosos têm especial papel durante a pandemia, adaptando fluxos e práticas e participando das ações de enfrentamento. Também serão fundamentais após a crise, quando deverão avaliar e mitigar os danos físicos, mentais e emocionais do distanciamento social prolongado. Os programas de inclusão digital para idosos levados a cabo antes da pandemia e o envolvimento de famílias usuárias de comunicação digital contribuíram para as ações de assistência remota e manutenção da funcionalidade dos idosos.

Prevenção e promoção à saúde são eixos caros a todo o sistema de saúde, com eventos, capacitações, projetos e levantamentos de dados sob a Coordenadoria de Controle de Doenças (CCD) da Secretaria de Estado de Saúde de São Paulo (SES/SP). A CCD, através do Divisão de Doenças Crônicas não Transmissíveis (DCNT), promove o estudo Vigitel-SP, nos moldes do estudo similar nacional, mas abrangendo todo o território do estado e não apenas a capital. O Vigitel-SP elenca a prevalência não apenas de doenças e agravos como de fatores de risco e proteção à saúde. A DCNT também gerencia o Observatório de Promoção da Saúde, disponível no site da SES-SP.



Os serviços especializados para idosos têm especial papel durante a pandemia, adaptando fluxos e práticas e participando das ações de enfrentamento. Também serão fundamentais após a crise, quando deverão avaliar e mitigar os danos físicos, mentais e emocionais do distanciamento social prolongado.

Para combater o sedentarismo a SES-SP coordena o Agita São Paulo com a colaboração do Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul (CelaFiscs) e conta com o envolvimento de mais de 200 organizações públicas e privadas.

As ações da vigilância epidemiológica e da vigilância sanitária do nível estadual (CVE/SP e CVS/SP) se articulam com a assistência de seu território, incluindo equipamentos especializados para idosos, e com órgãos similares nas três esferas federativas. As ações de vigilância se avolumaram e ganharam evidência no curso da pandemia de covid-19. Permite, entre outros, traçar a evolução da doença, delineando e avaliando as ações de enfrentamento em relação à população idosa.

O envelhecimento saudável inclui necessariamente aspectos de assistência e vigilância em saúde. Mas deve contemplar múltiplas dimensões. O Programa São Paulo Amigo do Idoso (Decreto n. 58.047, de 15 de maio de 2012) contempla esse aspecto. O programa, sob o comando da Seds, visa mobilizar diversos setores governamentais e da sociedade civil para criar territórios amigáveis a todas as idades, com foco no envelhecimento ativo. No âmbito desse programa, a Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo realizou o Curso de Atualização em Geriatria e Gerontologia, na modalidade a distância; criou duas unidades de Ambulatório Multidisciplinar Especializado no Idoso (AME/Idoso) com custeio estatal; duas Unidades de Cuidados Prolongados (UCP), com investimento do estado e custeio federal; além de instituir o Selo Hospital Amigo do Idoso (Shai).

O Selo Hospital Amigo do Idoso do Estado de São Paulo é um projeto único no país e pioneiro no mundo. Foi criado pela Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo pela Resolução SS-136, de 17 de dezembro de 2013. A obtenção do selo envolve ações que, além de imprimir maior resolutividade à assistência, priorizam a segurança e o conforto necessários ao bom atendimento ao idoso. Esse programa certifica hospitais e outras modalidades de serviços de saúde, públicos e privados, cumpridores de boas práticas voltadas à população idosa. Após a assinatura de um Termo de Adesão, a instituição se compromete a criar e manter um comitê gestor multiprofissional local, responsável por diversas ações incrementais necessárias à progressão nas fases do projeto, até a obtenção do Selo Pleno ou sua renovação. A certificação conta com sistema de auditoria e atualmente possui um ambiente virtual para seu trâmite burocrático.

Artigo 3

Cheguei aos 60 e sou idosa,
devo me sentir vitoriosa?

A vivência nesse processo de certificação traz oportunidades transformadoras de aprimoramento de conceitos e práticas de geriatria e gerontologia, além de ajuste a um modelo assistencial mais apto às demandas do futuro. Entre esses elementos, destacamos o comprometimento do corpo diretivo com o projeto, a abordagem e integração interprofissional, a importância de todas as categorias profissionais em contato com os idosos e familiares, a avaliação do cenário local, a importância de aspectos do ambiente físico, da gestão, da comunicação, da conformidade científica, da interlocução com outras instituições, da humanização e continuidade dos processos.

O advento da pandemia evidenciou a oportunidade de criação de um comitê gestor dedicado aos muitos aspectos envolvidos na atenção do idoso e acolhimento de seus familiares e acompanhantes. Os hospitais envolvidos com o Selo Hospital Amigo do Idoso do Estado de São Paulo mobilizaram prontamente seus comitês, que relatam seu papel nos planos de contingência locais, com ações de comunicação e atualização de profissionais e usuários, nos ajustes de espaços físicos e processos de atendimento durante a pandemia, implementação de ações de biossegurança, apoio emocional, treinamento de equipes, orientação específica para idosos, familiares e acompanhantes. A inclusão e a intensificação de meios digitais de comunicação entre os membros do comitê com as equipes e os usuários foi outro ponto de destaque que certamente terá impacto futuro.

A DES exige situar o idoso como cidadão ativo e visível perante a sociedade. A rede assistencial não esgota essas dimensões. O combate ao ageísmo, a inclusão digital, a valorização da promoção e vigilância em saúde, as práticas intersetoriais, o envolvimento de amplos setores da sociedade são essenciais não só na rotina diária, mas também em tempos incertos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. *Programa Nacional de Imunizações (PNI): 40 anos*. Brasília: DF: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/programa_nacional_imunizacoes_pni40.pdf. Acesso em: 2 jun. 2021.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei n. 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, seção 1, p. 77, 5 jan. 1994.
- CAMARANO A. A. Ipea, nota técnica, jul. 2020, n. 81. *Os dependentes da renda dos idosos e o coronavírus: órfãos ou novos pobres?* Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=36188. Acesso em: 2 jun. 2021.
- DUARTE, E. C.; Barreto S. M. Transição demográfica e epidemiológica: a epidemiologia e serviços de saúde revisita e atualiza o tema (editorial). *Epidemiol. Serv. Saúde*, v. 21, n. 4, Brasília dez. 2012. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742012000400001. Acesso em: 2 jun. 2021.
- FIOCRUZ. Portal de notícias. *Pesquisa aponta que mais da metade dos idosos sem vínculo empregatício perdeu renda durante a epidemia*, 2 jun. 2020. Disponível em: <https://www.icict.fiocruz.br/node/5651>. Acesso em: 2 jun. 2021.
- FLÓ C. M.; Sousa-Carmo, S. T.; Vilar, M. C. H. Políticas públicas para o cidadão idoso. In: Perracini, M. R.; Fló, C. M. (coord.). *Funcionalidade e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2019, p. 379-389.
- FORATO, F. 28% dos idosos em SP não têm celular e se isolam da tecnologia em plena pandemia. *Canaltech*, 23 abr. 2020. Disponível em: <https://canaltech.com.br/saude/28-dos-idosos-em-sp-nao-tem-celular-e-se-isolam-da-tecnologia-em-plena-pandemia-163728/>. Acesso em: 2 jun. 2021.
- FÓRUM Econômico Mundial. *Covid-19 risks outlook: a preliminary mapping and its implications*. Genebra, 2020. Disponível em: <https://www.weforum.org/reports/covid-19-risks-outlook-a-preliminary-mapping-and-its-implications>. Acesso em: 2 jun. 2021.
- GOVERNO do Estado de São Paulo. Decreto n. 58.047, de 15 de maio de 2012. *Institui o Programa Estadual “São Paulo Amigo do Idoso” e o “Selo Amigo do Idoso” e dá providências correlatas*. DOE, Poder Executivo, s. I, São Paulo, 122 (91) -1.
- GOVERNO do Estado de São Paulo. Fundação Seade. *Boletim coronavírus*. Disponível em: <https://www.seade.gov.br/coronavirus/>. Acesso em: 2 jun. 2021.
- GOVERNO do Estado de São Paulo. *Plano São Paulo*. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/coronavirus/planosp/>. Acesso em: 2 jun. 2021.
- GOVERNO do Estado de São Paulo. *Vacinômetro*. Disponível em: <https://vacinaja.sp.gov.br/vacinometro/>. Acesso em: 2 jun. 2021.
- HELPPAGE International. *Ageing and the SDGs: key messages to ensure age-inclusive policies*. Londres, 2020. Disponível em: <https://www.helpage.org/what-we-do/post2015-process/>. Acesso em: 2 jun. 2021.

Artigo 3

Cheguei aos 60 e sou idosa,
devo me sentir vitoriosa?

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. *Projeção da população do Brasil por sexo e idade para o período 2000-2060*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/9109-projecao-da-populacao.html?=&t=resultados>. Acesso em: 2 jun. 2021.

LEBRÃO, M. L. O envelhecimento no Brasil: aspectos da transição demográfica e epidemiológica. *Saúde Coletiva*, 2007, 4(17): 135-140. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2559.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2021.

NAÇÕES Unidas Population Division – DESA. *World population ageing*. Nova York, 2015. Disponível em: https://www.un.org/en/development/desa/population/publications/pdf/ageing/WPA2015_Report.pdf. Acesso em: 2 jun. 2021.

OMRAN, A. R. The epidemiologic transition. *The Milbank Memorial Fund Quarterly*, 1971, v. 49, n. 4, pt. 1, p. 509-38. Republicado em *The Milbank Quarterly*, 2005; 83(4): 731-57. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2690264/>. Acesso em: 2 jun. 2021.

ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas – ONU. *Ageing, older persons and the 2030 agenda for sustainable development*. Nova York, 2017. Disponível em: https://www.un.org/development/desa/ageing/wp-content/uploads/sites/24/2017/07/UNDP_AARP_HelpAge_International_AgeingOlderpersons-and-2030-Agenda-2.pdf. Acesso em: 2 jun. 2021.

ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde – OMS. *World report on ageing and health*. Genebra, 2015. Disponível em: <https://www.who.int/ageing/events/world-report-2015-launch/en/>. Acesso em: 2 jun. 2021.

ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde – OMS. *Decade of healthy ageing: baseline report*. Genebra, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/publications/m/item/decade-of-healthy-ageing-baseline-report#:~:text=The%20Baseline%20Report%20for%20the,baseline%20for%20healthy%20ageing%20worldwide>. Acesso em: 2 jun. 2021.

ORGANIZAÇÃO Pan-Americana da Saúde – Opas. *Decade of healthy ageing 2020-2030*. Disponível em: <https://www.paho.org/en/decade-healthy-aging-2020-2030>. Acesso em: 2 jun. 2021.

ROMERO, D. E.; MUZY, J.; DAMACENA, G. N.; SOUZA, N. A. et. al. Idosos no contexto da pandemia da covid-19 no Brasil: efeitos nas condições de saúde, renda e trabalho. *Cad. Saúde Pública*, 2021; 37(3):e00216620. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v37n3/1678-4464-csp-37-03-e00216620.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2021.

SECRETARIA de Estado de Saúde de São Paulo. Centro de Vigilância Epidemiológica “Prof. Alexandre Vranjac”. *Boletins diários covid-19*. Disponível em: <https://www.saude.sp.gov.br/cve-centro-de-vigilancia-epidemiologica-prof-alexandre-vranjac/areas-de-vigilancia/doencas-de-transmissao-respiratoria/coronavirus-covid-19/situacao-epidemiologica>. Acesso em: 2 jun. 2021.

SECRETARIA de Estado de Saúde de São Paulo. Centro de Vigilância Epidemiológica “Prof. Alexandre Vranjac”. *Observatório Promoção à Saúde*. Disponível em: <https://www.saude.sp.gov.br/cve-centro-de-vigilancia-epidemiologica-prof-alexandre-vranjac/areas-de-vigilancia/doencas-cronicas-nao-transmissiveis/observatorio-promocao-a-saude/>. Acesso em: 2 jun. 2021.

SECRETARIA de Estado de Saúde de São Paulo. Centro de Vigilância Epidemiológica “Prof. Alexandre Vranjac”. *Vigitel e SIS-Hiperdia-prevalências e coberturas-2011*. Disponível em: <https://www.saude.sp.gov.br/cve-centro-de-vigilancia-epidemiologica-prof-alexandre-vranjac/areas-de-vigilancia/doencas-cronicas-nao-transmissiveis/fatores-de-risco>. Acesso em: 2 jun. 2021.

SECRETARIA de Estado de Saúde de São Paulo. Resolução SS-136, de 17 de dezembro de 2013. Institui o Selo Hospital Amigo do Idoso no âmbito do Estado de São Paulo e dá outras providências. *Diário Oficial do Estado*. São Paulo, s. I, 123 (238), p. 49-50, 17 dez. 2013.

SERVIÇO de Proteção ao Crédito – SPC Brasil. *43% dos idosos são os principais responsáveis pelo sustento da casa, revela pesquisa da CNDL/SPC Brasil*. 16 nov. 2018. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/5514.%20Acesso%20em:%202020%20abr.%202020>. Acesso em: 2 jun. 2021.

SIMÕES C. C. S. *Relações entre as alterações históricas na dinâmica demográfica brasileira e os impactos decorrentes de processo de envelhecimento da população*. (Estudos e análises. Informação demográfica e socioeconômica; n. 4). Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2016.

4

O Trabalho Social com Idosos

(TSI) do Sesc: trajetória e realizações

[Artigo 4, páginas de 54 a 75]





Comissão Editorial
da revista *Mais
60: Estudos sobre
Envelhecimento*

Artigo 4

O Trabalho Social com Idosos (TSI) do Sesc:
trajetória e realizações

RESUMO

O artigo tem por objetivo apresentar e contextualizar algumas das realizações do programa Trabalho Social com Idosos (TSI), uma ação socioeducativa dedicada, desde 1963, a valorizar a pessoa idosa. Por meio de publicações, encontros, seminários, pesquisas e campanhas o Sesc São Paulo aborda e mobiliza a sociedade para o tema do envelhecimento.

Palavras-chave: programa Trabalho Social com Idosos (TSI); envelhecimento; educação; políticas públicas.

ABSTRACT

The article aims to present and contextualize some achievements of the Social Work with Elderlies program, a socio-educational action dedicated, since 1963, to valuing the elderly. Through publications, meetings, seminars, research and campaigns, Sesc São Paulo addresses and mobilizes society on the theme of aging.

Keywords: *social work with older people; aging; education; public policies.*

Efemérides e comemorações convidam-nos a refletir acerca dos caminhos percorridos: escolhas feitas, decisões tomadas, dificuldades encontradas, objetivos alcançados. Ao longo de uma trajetória, alguns episódios considerados significativos são eleitos e elevados à condição de marcos, pontuando conquistas e servindo como referência e baliza para o que virá.

No que diz respeito à ação do Sesc, mais especificamente ao programa *Trabalho Social com Idosos (TSI)*, a publicação da vigésima edição da revista *Mais 60* pode ser entendida como marco dessa trajetória longa, dedicada a tratar o tema da velhice e do envelhecimento com o cuidado e a seriedade necessários.

Desde o início, o Sesc São Paulo entendeu que a promoção da cultura da longevidade, do envelhecimento ativo e da qualidade de vida da população idosa também passaria por pensar a formação e especialização de pessoas na área da gerontologia, convidando profissionais para que pudessem partilhar dos valores da instituição e disseminá-los em seus campos de atuação, dentro e fora do Sesc, fortalecendo uma visão mais realista e generosa da velhice. Para além da realização de atividades de programação e da constituição de um acervo de livros e periódicos sobre o assunto, foi assim que surgiu, em abril de 1977, a primeira edição dos *Cadernos da Terceira Idade*. O boletim, criado pelo Sesc São Paulo com o ainda tímido objetivo de servir de intercâmbio de informações entre os profissionais da instituição a partir de artigos traduzidos de publicações estrangeiras, estudos da época e relatos de experiências do próprio Sesc, foi pioneiro em um momento em que não havia muitas outras publicações sobre velhice fora do ambiente acadêmico. E já estreava com ideias que se mantêm atuais até hoje: valorização da pessoa idosa, sua integração na comunidade e incentivo à velhice ativa. Os desafios diagnosticados no primeiro caderno permanecem em pauta: questões de habitação, saúde, lazer e ocupação pós-aposentadoria. O editorial desse primeiro boletim apresenta, de forma clara, sua missão: “(...) cooperar para que se ilumine um caminho no qual os preconceitos ainda dominam e devem ser eliminados”.

O trabalho editorial iniciado com os *Cadernos da Terceira Idade* ganhou reconhecimento dos profissionais e teve continuidade com a criação da revista *A Terceira Idade*, em setembro de 1988, um marco comemorativo dos 25 anos do programa. Com projeto gráfico renovado, a publicação ganhava, aos poucos, o formato de um periódico científico e instituiu normas específicas para pesquisadores e estudantes

Artigo 4O Trabalho Social com Idosos (TSI) do Sesc:
trajetória e realizações

que quisessem contribuir. Mas, não somente isso, dava vazão a um desejo crescente de abrir canais de diálogo com o público por meio de seções de cartas dos leitores e de depoimentos de idosos. Posteriormente, fortalecendo ainda mais o intuito de dar protagonismo e voz ao velho, trouxe, como novidade, entrevistas com idosos, alguns bastante conhecidos em suas áreas de atuação, discutindo suas visões sobre o envelhecimento de maneira leve e reflexiva. No primeiro número da revista, os artigos selecionados já apontavam o caminho: um convite a pensar na velhice não como uma fase de limitações e decadência, mas de vivências, satisfação e participação social ativa, mostrando a importância da publicação em reafirmar e propagar os princípios norteadores da instituição na área, aliando reflexão e conteúdo programático.

Essa consonância entre prática e teoria só cresceu em relevância. A revista editada pelo Sesc São Paulo se manteve até hoje como uma das mais longevas publicações sobre envelhecimento no Brasil. E, a partir de 2014, para incorporar ainda mais as atualizações no campo de estudos da gerontologia, passou a se chamar *Mais 60: Estudos sobre Envelhecimento*. Naquele momento, seu conteúdo já apostava cada vez mais num modelo híbrido entre periódico científico e a conversa com públicos mais amplos por meio de um novo projeto gráfico, que passou a incluir mais espaço para entrevistas, resenhas, ensaios fotográficos e relatos de experiências. O boletim que nasceu com 24 páginas em 1977 hoje consolida o seu reconhecimento na área com uma publicação gratuita de 140 páginas, quadrimestral, com tiragem de 2.500 exemplares para todo o Brasil, distribuídos em unidades do Sesc e outras instituições, bem como disponibilizados em formato digital.¹ É fonte de reflexão, inspiração e pesquisa para pessoas de todas as idades, para as quais sua produção continuada se associa à credibilidade e à tradição.

De lá para cá, muitos outros marcos foram estabelecidos, construindo uma história – feita por pessoas, ideias, projetos e expectativas – e consolidando um trabalho caracterizado, desde sua origem, pela preocupação com a valorização da pessoa idosa, sua inserção social e o exercício da cidadania por meio da qualidade dos serviços prestados e da mobilização da sociedade para o tema.

1 Tanto as edições da revista *A Terceira Idade* quanto de *Mais 60: Estudos sobre Envelhecimento* estão disponíveis em https://www.sescsp.org.br/online/revistas/4_MAIS+60.

ANOS 1960: ORIGENS

Até o início da década de 1960, as imagens e os conceitos atrelados à velhice insistiam na ideia de que seria uma fase da vida marcada pela fragilidade e inatividade. Entre as possíveis razões para esse ponto de vista, pode-se apontar o fato de que a parcela de pessoas idosas no país correspondia a apenas 5% da população, algo em torno de três milhões de habitantes (FERRIGNO, 2006; DARDENGO e MAFRA, 2018). Acompanhando as discussões relacionadas ao envelhecimento que aconteciam em outros países – sobretudo na França, por conta da institucionalização do sistema de aposentadorias – e antevendo o surgimento desse cenário aqui no Brasil, algumas medidas foram implementadas, fazendo com que a matéria ganhasse visibilidade.

A primeira delas foi a criação da Sociedade Brasileira de Geriatria (SBG), em 1961, no Rio de Janeiro², na qual o corpo envelhecido como objeto de estudo passou a receber maior atenção na comunidade médica a partir da realização de congressos e de publicação especializada. Anos mais tarde, em 1969, a área da gerontologia foi acrescida à instituição, renomeada então para SBGG. Por tratar-se de um saber multidisciplinar, essa mudança possibilitou a incorporação dos aspectos culturais e psicossociais nas análises acerca do envelhecimento, evidenciando a complexidade do assunto e contribuindo para desconstruir visões depreciativas há muito tempo estabelecidas (SILVA, 2008).

No campo do lazer e da cultura, destaca-se a iniciativa do Sesc, que enviou aos Estados Unidos uma equipe de técnicos para conhecer o trabalho desenvolvido nos centros sociais para idosos, que apresentavam uma expansão de programas e equipamentos voltados para essa faixa etária. Diferentemente do Brasil, onde as ações até então destinadas às pessoas idosas, além de diminutas, possuíam um viés assistencialista e tinham por foco suprir carências básicas, geralmente confundidas com trabalhos de caridade, e eram colocadas em prática por instituições religiosas ou asilos mantidos pelo Estado. Dessa forma, sem uma oferta de espaços de convivência adequados, a possibilidade de participação social dos velhos era reduzida. Esse foi um passo importante para a criação, em 1963, do primeiro grupo de convivência, nomeado Carlos Malatesta³. Formado inicialmente por 14 aposentados do comércio que, após o almoço no restaurante do Sesc Carmo, localizado na capital paulista, se reuniam para discutir suas necessidades e desejos, os quais eram costumeiramente ignorados pela marginalização social que sofriam.

2 Aspectos da história da SBGG podem ser consultados no site da organização. Disponível em: <https://sbgg.org.br/sbgg/historico/>. Acesso em: 22 abr. 2021.

3 O nome do grupo foi uma homenagem a Carlos Malatesta, funcionário do Sesc falecido precocemente, envolvido diretamente na constituição desse primeiro grupo.

Artigo 4

O Trabalho Social com Idosos (TSI) do Sesc:
 trajetória e realizações

4 Nos anos seguintes surgiram grupos em Ribeirão Preto (1968 e 1970), Catanduva (1971), Sesc Pompeia (1973), São Carlos (1974), Campinas (1974), Sesc Consolação (1975), São José dos Campos (1976), Santos (1977) e em diversas cidades do estado de São Paulo.

5 O programa, geralmente oferecido por intermédio de cursos ou assessoria a empresas, destinava-se a orientar os participantes (aposentados ou pessoas próximas da aposentadoria) a lidar com questões relacionados a esse universo, tais como a velhice e as possibilidades de uso do tempo livre.

Ao longo do tempo, esse primeiro grupo criado no Sesc cresceu, reunindo centenas de idosos e idosas que participavam de bailes, comemorações de aniversário e jogos de salão realizados com o objetivo de mitigar o isolamento social enfrentado, promover vínculos de amizade e compartilhamento de saberes, preocupações e anseios. A diversificação das atividades propostas e as experiências positivas do Carlos Malatesta tornaram-se referência para a formação de outros grupos de idosos nas demais unidades operacionais do Sesc São Paulo e fomentaram, ainda, a atuação de outras instituições brasileiras nesse campo.

Nos anos seguintes, com a sistematização dos métodos e objetivos, ocorreu a expansão do trabalho, definido a partir de três propostas principais: o surgimento de novos grupos⁴, que passaram a ser chamados de “centros de convivência”, o oferecimento dos cursos de Preparação para Idade Avançada e Aposentadoria⁵ e a criação das Escolas Abertas da Terceira Idade.

ANOS 1970: EXPANSÃO

O aumento da participação de idosos nos grupos de convivência e a demanda por atividades diversificadas para aliar convívio, integração e acesso à informação originaram as Escolas Abertas da Terceira Idade. O programa foi idealizado não como um recurso de formação profissional, mas como uma transmissão constante de informações, que auxiliariam o indivíduo a modificar suas ações sobre os meios social e cultural, e se estruturou em “departamentos”, núcleos temáticos e cursos de curta e longa duração, tais como gerontologia social e informação e atualização cultural (SESC SÃO PAULO, 1999). Os cursos de pequena duração eram oferecidos como opções complementares, como oportunidades de aprendizado e aperfeiçoamento de novas habilidades. Os mais regulares nos programas das várias escolas eram: encadernação; eletricidade doméstica; jardinagem; educação alimentar; socorros de urgência; ateliê de pintura, cerâmica e trabalhos manuais (papel, madeira, sucata). A primeira experiência da Escola Aberta ocorreu em Campinas, em 1977, e o Sesc foi uma das primeiras instituições no país a oferecer programas de cunho educativo para os velhos, até que as universidades – seguindo o modelo das Universidades da Terceira Idade, iniciado na França e que se expandiu para outros países – se voltassem para o tema e implementassem cursos no Brasil (MIRABELLI, 2016; CACHIONI, 2012).

A década de 1970 observou também o incentivo à formação e à atualização dos profissionais e à interação com instituições privadas e públicas, de forma a encaminhar, entre outras diretrizes, a elaboração de uma política social do envelhecimento. As medidas adotadas pelo Ministério da Previdência e Assistência Social, criado em 1974, ainda com feições assistencialistas, mostravam-se insuficientes no que diz respeito à integração social do idoso e à melhoria de suas condições de vida (MACEDO, 2003).

A necessidade de debater, informar e construir conhecimentos – em consonância com o aumento dos estudos na área da gerontologia, que teve, em 1969, a realização de seu primeiro congresso em âmbito nacional – relativos ao tema da velhice suscitou outros encontros, como as semanas do idoso, por exemplo, organizadas pelo Sesc e que aconteceram na capital paulista e em Campinas, em 1974, e depois o I Seminário Regional, sediado no Sesc Consolação, em 1976.

O cenário favorável, observado tanto no aumento do número de pessoas idosas atendidas pelo programa quanto no incremento de estudos e debates em torno do tema, evidenciou a necessidade de um encontro que possibilitasse a reflexão e a troca de saberes, bem como a confraternização. Imbuídos desse propósito foi sugerida a realização de um encontro estadual, que atenderia também a demanda interna de uma revisão e reformulação dos conceitos e métodos empregados pelos técnicos do TSI⁶.

O primeiro Encontro Estadual de Idosos ocorreu em São Carlos, em 1979, e reuniu idosos e técnicos de vários centros de convivência e Escolas da Terceira Idade com o objetivo de refletir sobre os resultados dos trabalhos realizados ao longo dos 16 anos de atuação do Sesc na área. Dividido em dois seminários – sendo o primeiro aberto a todas as delegações envolvidas e dedicado ao Intercâmbio de Experiências dos Centros de Convivência de Idosos e das Escolas Abertas da Terceira Idade, e o segundo direcionado aos técnicos, monitores e estagiários voltado aos Estudos sobre Educação Permanente e Terceira Idade –, o encontro foi um momento para pensar perspectivas e compartilhar experiências desenvolvidas pelos diferentes grupos.

A programação durou três dias e contou com painéis, grupos de estudo e exposições. Houve também espaço para a interlocução entre os grupos de idosos e as equipes de técnicos que serviram para refletir sobre os resultados das ações empreendidas e suas relações com os temas abordados durante o evento e, ainda, para propor medidas prá-

6 Outros encontros estaduais de idosos foram realizados em 1980, 1981, 1983, 1985, 1988, 1989, 1992, 1994, 1995, 1996, 1997 e 2004.

Artigo 4

O Trabalho Social com Idosos (TSI) do Sesc:
 trajetória e realizações

ticas que pudessem ampliar conteúdos e estimular novas metodologias. Nota-se que a programação cultural foi centrada no folclore paulista, com apresentação de ciranda e conjuntos de seresta, além de um passeio a pontos turísticos da cidade de São Carlos.

ANOS 1980: CONSOLIDAÇÃO

A experiência bem-sucedida alimentou a expectativa para a realização de novos encontros, também de abrangência nacional. Desse modo, em 1982, aproveitando o ensejo das comemorações do Ano do Idoso – uma recomendação da Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU) aos países membros como parte de um esforço para a construção de uma política nacional da velhice⁷ – o Sesc Pompeia sediou, entre os dias 19 e 22 de setembro, o Primeiro Encontro Nacional de Idosos, com o tema O Idoso e a Participação na Comunidade Nacional, contando com as participações de técnicos das diferentes regiões do país e nomes como Clementina de Jesus e Cora Coralina.

O objetivo do evento era propiciar às delegações presentes – que contou com a participação de cerca de mil idosos – um ambiente no qual pudessem refletir sobre as necessidades e aspirações do idoso no contexto sociocultural brasileiro, debatendo questões pertinentes ao seu universo: trabalho, previdência, educação, saúde e até moda⁸. Várias apresentações artísticas – de música, teatro e dança – ocorreram nos diversos espaços da unidade, sempre com o protagonismo do idoso. Fez parte da programação também a oferta de cinco roteiros turísticos pela capital, contando com a participação de guias e a disponibilização de transporte aos participantes.

A década de 1980 começava, assim, não apenas com o surgimento de novos centros de convivência pelo interior de São Paulo, o que representava a expansão do TSI, mas com a iniciativa de reuni-los em eventos de grande porte, como os mencionados encontros estaduais, regionais e nacionais, mas também o Encontro de Esporte e Cultura para a Terceira Idade, em Bertioga, que teve sua primeira edição em 1982, com a participação de diversos grupos de idosos, o desenvolvimento de atividades culturais, jogos e brincadeiras que proporcionaram a aprendizagem e estreitaram os laços entre os participantes.

Ao comemorar 20 anos, em 1983, o programa aprofundava sua preocupação com o encaminhamento de políticas públicas no setor, acompanhando, por exemplo, a criação dos conselhos – estaduais e municipais – de idosos e estabelecendo parcerias com universidades.

7 Ocorreu em Viena, entre 26 de julho e 6 de agosto de 1982, a I Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento. Desse encontro resultou o Plano Internacional de Ação sobre o Envelhecimento, contendo 62 recomendações acerca de assuntos como saúde e nutrição, habitação, meio ambiente, família, bem-estar e educação, tendo como meta principal fortalecer e capacitar os países para abordar de modo efetivo o envelhecimento da população. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/e-psico/publicas/humanizacao/prologo.html>. Acesso em: 18 mai. 2021.

8 Outras edições do Encontro Nacional de Idosos aconteceram em 1984, 1987, 1991, 1999 (Assembleia Nacional de Idosos), 2003, 2005 e 2013.



A revista editada pelo Sesc São Paulo se manteve até hoje como uma das mais longevas publicações sobre envelhecimento no Brasil. E, a partir de 2014, para incorporar ainda mais as atualizações no campo de estudos da gerontologia, passou a se chamar *Mais 60: Estudos sobre Envelhecimento*

Observaram-se, ao longo da década, algumas iniciativas voltadas à inclusão da questão da velhice na agenda governamental brasileira, configurando a conscientização acerca dos direitos dos idosos como um movimento social que, para além dos proventos das aposentadorias, reivindicava também condições dignas para o exercício da cidadania. Diversas associações e federações de aposentados surgiram no período e um dos expoentes desse movimento foi a criação da Confederação Brasileira de Aposentados e Pensionistas (Cobap), em 1985, que teve relevante participação na Assembleia Constituinte, entre 1987 e 1988 (MACEDO, 2003; COSTA e SOARES, 2016).

No mesmo ano de criação da Cobap, por iniciativa do Sesc São Paulo, aconteceu o V Encontro Estadual do Idoso, com o tema O Idoso e a Constituinte, na cidade de São José do Rio Preto nos dias 6, 7 e 8 de dezembro. Delegações de pelo menos 16 cidades estiveram presentes, num momento em que a sociedade civil se organizava em torno da constituinte e os direitos dos idosos vinham sendo debatidos nas localidades. Neste contexto, o encontro teve como resultado a escrita da Carta dos Direitos dos Idosos, que tinha o objetivo de subsidiar a escrita da Constituição de 1988.

O documento promulgado em 1988 estabeleceu em alguns de seus artigos os direitos da pessoa idosa, tratando de temas como a previdência e a seguridade social, e reforçando, no artigo 230, que cabe à família, à sociedade e ao Estado “(...) o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida”.

ANOS 1990: AVANÇOS

Sem perder de vista o comprometimento com a luta e a conquista pelos direitos dos idosos, as ações do TSI na década de 1990 ampliaram sua atenção ao tema da saúde e da qualidade de vida da pessoa idosa.

Artigo 4

O Trabalho Social com Idosos (TSI) do Sesc:
 trajetória e realizações

O termo “terceira idade” – em voga na França desde os anos 1960 – passou a ser bastante popularizado, representando a tentativa de construir um novo olhar acerca da velhice e do envelhecimento, desfazendo estereótipos e preconceitos e colocando o idoso como um consumidor de bens culturais, uma figura ativa e inserida na sociedade (SILVA, 2008; LEMOS et al., s/d). Desse modo, as atividades de lazer e recreação, a prática esportiva, o contato com as diferentes expressões e linguagens artísticas e as vivências – com destaque para o Turismo Social – ofertados a essa clientela nas unidades do Sesc estavam em sintonia com as transformações dessa categoria social.

Essa mudança na forma de compreender a velhice, aliada ao propósito de garantir a autonomia e a efetiva participação social do idoso, culminou na promulgação da Lei 8.842, de 1994, que implementou a Política Nacional do Idoso (PNI) e instituiu o Conselho Nacional do Idoso⁹. Entre os objetivos da PNI está o incentivo à promoção da longevidade com qualidade de vida, por meio de ações como o estabelecimento de locais e formas de atendimento adequados aos idosos, bem como sua inserção e/ou permanência no mercado de trabalho e o combate à discriminação relacionada à idade. Nota-se que a criação dessa política não visava somente atender às demandas do sujeito do envelhecimento, mas sim do processo de envelhecer (BRAGA, MAESTRO FILHO, SILVEIRA e GUIMARÃES, 2008).

ANOS 2000: CONQUISTAS

As discussões em torno da questão da velhice seguiram em curso com a chegada do terceiro milênio. A realização da II Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, em Madri, no ano de 2002, significou um passo importante ao atualizar objetivos e pontuar prioridades de ação. Um novo Plano de Ação Internacional foi aprovado pela Organização das Nações Unidas (ONU) e previa abordar o tema do envelhecimento como parte integrante de uma agenda internacional de políticas públicas (CAMARANO; PASINATO, 2004). Entre as recomendações desse documento constava a adoção de uma perspectiva positiva do envelhecimento por meio da promoção da saúde e do bem-estar, garantindo, assim, segurança e dignidade aos mais velhos.

As resoluções dessa segunda assembleia desdobraram-se em importantes ações no Brasil, como a criação do Conselho Nacional dos Direitos do Idoso (CNDI), em 2002; a criação do Estatuto do Idoso, em 2003; e a aprovação da Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (PNSPI), em 2006. O estatuto pode ser considerado um avanço no

9 Em 1989, a Associação Nacional de Gerontologia (ANG), instituição criada em 1985, promoveu uma série de seminários regionais e um seminário nacional – O Idoso na Sociedade Atual – que originou o documento Políticas Públicas para a 3ª Idade, entregue ao Ministério da Ação Social e examinado por uma comissão formada por representantes de órgãos governamentais e não governamentais. Como conclusão, foi apresentado o Plano Preliminar para a Política Nacional do Idoso, que serviria, posteriormente, como base para o decreto-lei que instituiu a PNI (RODRIGUES, 2001).

setor, uma vez que delinea um sistema jurídico que atua em defesa do idoso, contribuindo para a atuação do Ministério Público no combate aos casos de abuso, abandono e violência cometidos contra os idosos. No que concerne à saúde do idoso, a PNSPI foi criada com a finalidade de “(...) recuperar, manter e promover a autonomia e a independência dos indivíduos idosos, direcionando medidas coletivas e individuais de saúde para esse fim, em consonância com os princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde”¹⁰. Nessa estrutura, cabe ao CNDI – formado por representantes de instituições governamentais e da sociedade civil – elaborar, acompanhar e avaliar essas políticas públicas, bem como promover campanhas de conscientização e estudos acerca do alcance dessas medidas.

Atento a esse movimento, o TSI do Sesc realizou uma série de debates e reflexões, como o Encontro Internacional de Gerontologia, que ocorreu no antigo prédio da Administração Central do Sesc São Paulo, hoje Sesc Avenida Paulista, em 2004. Fruto de uma parceria da instituição com a Universidade de Barcelona, o evento – que teve duração de quatro dias e foi composto sobretudo de painéis de exposição e sessões de temas livres e relatos de experiência – reuniu especialistas europeus e ibero-americanos em diversas áreas da gerontologia: pesquisa social sobre o envelhecimento, atendimento aos idosos e formulação de políticas públicas e privadas para o setor. O primeiro encontro desta natureza havia sido feito em Barcelona em 2003 e o Sesc sediou sua segunda versão. Os principais objetivos desse encontro foram apresentar modelos ibero-americanos e mediterrâneos de atendimento ao idoso e preparação para o envelhecimento; examinar experiências já existentes dos países participantes em instituições públicas, privadas e organizações não governamentais em diversas áreas; prever demandas futuras em termos de políticas em países emergentes como o Brasil, com base na experiência europeia; planejar o atendimento especializado à velhice e a integração entre as gerações.

Em 2005 o Sesc organizou novamente um Encontro Nacional de Idosos, dessa vez com o intuito de discutir e avaliar a implementação do Estatuto do Idoso. Delegações oriundas de diferentes regiões do país debateram o impacto desse documento no campo da previdência, assistência social, educação, cultura, lazer, saúde, transporte, habitação, trabalho, crimes contra a pessoa idosa e fiscalização das entidades responsáveis pelo atendimento aos velhos. A conclusão foi a de que, passados dois anos de sua aplicação, pouco havia sido feito por parte do Estado para a sua efetivação. Resultou desse encontro a redação de

10 BRASIL. Portaria nº 2.528, de 19 de outubro de 2006. Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt2528_19_10_2006.html. Acesso em: 20 mai. 2021.

Artigo 4

O Trabalho Social com Idosos (TSI) do Sesc: trajetória e realizações

11 O Sesc socializou seu conhecimento, sua experiência e sua rede de colaboradores para a formulação da pesquisa. De 1º a 23 de abril de 2006, foram entrevistadas 2.136 pessoas com 60 anos ou mais e 1.608 pessoas de 16 a 59 anos de idade, em 204 municípios pequenos, médios e grandes de todas as regiões do país, por meio de questionários estruturados. Os resultados demonstraram a falta de informação na sociedade sobre a velhice e sobre as reais necessidades dos idosos. Apresentaram dados sobre o preconceito existente, porém nem sempre identificado pelos idosos; a violência contra o idoso, praticada na esfera doméstica e pública; e, principalmente, as demandas específicas como saúde, lazer e educação. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/online/artigo/7102...PESQUI-SA+IDOSOS+NO+BRASIL+VIVENCIAS+DESAFIOS+E+EXPECTATIVAS+NA+3+IDADE#/tagcloud=lista>. Acesso em: 21 jun. 2021.

um documento, intitulado Carta Aberta à Nação, uma manifestação dos sentimentos e aspirações desse grupo, evidenciando sua condição de protagonista nesse processo. Essas falas reverberaram ainda na realização, em 2006, da primeira edição da pesquisa Idosos no Brasil.

Publicada maio de 2007 – numa parceria envolvendo a Fundação Perseu Abramo (FPA), por meio de seu Núcleo de Opinião Pública, o Departamento Nacional do Sesc e o Sesc São Paulo –, a pesquisa Idosos no Brasil – Vivências, Desafios e Expectativas na 3ª Idade, com coordenação do cientista político Gustavo Venturi e da socióloga Marisol Recamán, teve como principais objetivos ouvir dos próprios idosos como se sentiam a respeito de sua idade e de sua inserção na sociedade e ouvir os não idosos sobre suas expectativas em relação ao envelhecimento e seu comportamento em relação aos idosos¹¹. A partir da divulgação dos resultados, a pesquisa também almejava colaborar para a reflexão sobre a urgente necessidade de revisão das políticas públicas para esse segmento. Como respostas concretas a demandas de aproximação entre jovens e velhos na perspectiva de formação de uma cultura solidária, o Sesc, por meio de seu Departamento Nacional, criou o projeto Era Uma Vez... Atividades Intergeracionais, que se desenvolveu em diversos departamentos regionais, e o Sesc São Paulo implantou o programa Sesc Gerações, cujo objetivo era o fomento de processos de trocas afetivas e de coeducação.

ANOS 2010: AÇÕES EM REDE

Na última década, os projetos em rede, estimulando a integração, o convívio entre jovens e velhos e a sensibilização para temas relacionados às vulnerabilidades que permeiam a velhice caracterizaram a programação do TSI.

Para celebrar os 50 anos do TSI, o Sesc promoveu o fórum Perspectivas para Ações junto ao Cidadão Idoso, na unidade de Bertiooga, em setembro de 2013, no qual participaram cerca de 120 profissionais e estudiosos de gerontologia, técnicos do Sesc, gestores, militantes da luta por direitos e idosos para discutir questões relevantes para o processo de envelhecimento e a consolidação de sua cidadania. Para o desenvolvimento do fórum e o aprofundamento das discussões entre os participantes foram eleitos quatro eixos temáticos – formação e educação permanente; autonomia, direitos e cidadania; gerações e intergeracionalidade; e cuidado e relações sociais – e as discussões tiveram como foco as experiências exitosas, os desafios e as perspec-

tivas para a realidade brasileira. Como resultado, foram propostas algumas ações com intuito de cultivar relações educativas, responsáveis e solidárias para concretizar estratégias sustentáveis que permitam à sociedade brasileira a garantia de visibilidade da questão da velhice¹².

Estimulando a participação de todas as unidades no estado de São Paulo, o Sesc passou a atuar como parceiro na realização de importantes campanhas de conscientização em temas sensíveis aos cuidados com a pessoa idosa. Por meio da Campanha de Conscientização da Violência contra a Pessoa Idosa e da Semana de Prevenção de Quedas em Pessoas Idosas são disparados anualmente diversos estímulos comunicacionais que, somados a uma extensa programação composta de ações artísticas, atividades lúdicas, palestras, encontros e debates, têm o objetivo de contribuir nas reflexões sobre a cultura do envelhecimento e da longevidade.

Tais reflexões também estão presentes nos Festivais da Integração quando, a cada edição realizada semestralmente, cerca de 600 idosos participantes do TSI em todo o estado de São Paulo se encontram no Centro de Férias do Sesc em Bertiooga para alguns dias de convivência, construção de vínculos, amizades e reflexões. A possibilidade de planejar o futuro e se conectar (com os outros e consigo) são alguns dos temas que conduzem a programação e convidam os idosos presentes ao protagonismo em grandes confraternizações.

As chegadas e os encontros também estão presentes no projeto Cá entre Nós quando, anualmente, um grupo de unidades se reveza nos papéis de anfitriões e visitantes. Assim, os participantes do TSI da unidade selecionada como anfitriã da edição têm a chance de preparar e participar ativamente da recepção proposta aos visitantes, promovendo uma grande troca de cultura e vivências entre tantas velhices diferentes.

As diferenças manifestam-se nos sentidos e, por isso, em comemoração ao Dia Internacional do Idoso, em 1º de outubro, as unidades do Sesc realizam anualmente a Mostra Sentidos: A Longevidade na Arte, trazendo diversas questões para o centro da cena, com apresentações de dança e teatro, com as quais o público – de todas as idades – pode dar novo significado a essa etapa da vida, como uma fase em que é possível sentir e sonhar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS OU O QUE ESTÁ POR VIR

Nas páginas anteriores acompanhamos uma síntese, por décadas, do TSI do Sesc São Paulo, que pode ser considerado pioneiro por ter sua

12 No ano seguinte, 2014, em meio às comemorações do Dia Internacional do Idoso, o Sesc publicou o documento intitulado Perspectivas para Ações junto ao Cidadão Idoso – Carta de Bertiooga, que está disponível em: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/8019_PERSPECTIVAS+PARA+ACOES+JUNTO+AO+CIDADAO+IDOSO. Acesso em: 21 jun. 2021.

Artigo 4O Trabalho Social com Idosos (TSI) do Sesc:
trajetória e realizações

origem num contexto no qual as iniciativas nesse campo eram reduzidas e pouco abrangentes. Caracterizado como um programa de educação não formal e permanente, que tem por principal finalidade a valorização da pessoa idosa por meio das práticas de sociabilidade, da reflexão acerca do envelhecimento, da potencialização e partilha de saberes e da integração com as demais gerações, a ação do TSI está em consonância com a missão socioeducativa e os valores do Sesc, presentes desde sua criação, em 1946, e previstos na Carta da Paz Social, um de seus documentos fundantes.

Cabe, desse modo, a pergunta: o que esperar do próximo decênio?

Na impossibilidade de oferecer uma resposta categórica, sobretudo pelo momento de incertezas provocado pela pandemia do novo coronavírus, é razoável, ao menos, divisar possibilidades. A primeira delas pode vir a partir dos resultados da segunda edição da pesquisa Idosos no Brasil, novamente realizada em parceria com a Fundação Perseu Abramo¹³, entre dezembro de 2019 e março de 2020, apresentando um comparativo com as informações colhidas em 2006, mas inovando ao aplicar 40 entrevistas qualitativas em profundidade, com o objetivo de nuançar os entrevistados, propiciar que as informações fossem mais humanizadas e investigar informações que não estavam presentes na edição anterior, como moradia, sexualidade, relações familiares, hábitos de consumo, entre outras.

Para fomentar discussões e práticas, a Organização Mundial de Saúde (OMS) instituiu o período de 2021 a 2030 como a Década do Envelhecimento Saudável¹⁴. Partindo do pressuposto de que viver mais não significa viver melhor, isto é, com saúde e necessidades atendidas, em especial numa época em que os índices demográficos apontam para o aumento do número de idosos, é fundamental que as sociedades tenham condições adequadas para lidar com o fenômeno da longevidade (SILVA, 2020).

Os dados da pesquisa e as expectativas em torno da resolução da OMS sinalizam rumos e pontuam desafios a enfrentar. Às vésperas de completar seis décadas de existência, o TSI do Sesc mantém o compromisso e a disposição de compreender, questionar e ser propositivo. E a expertise construída pela instituição faz-nos acreditar que estamos prontos.

13 Os resultados da pesquisa estão disponíveis em: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/14626_PESQUISA+IDOSOS+NO+BRASIL+2+EDICAO+2020 e foram apresentados e debatidos no Sesc Ideias, transmitido pelo canal do YouTube do Sesc São Paulo em 21 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R-xf5SzufDc>. Acesso em: 21 jun. 2021.

14 As estratégias para a construção da Década do Envelhecimento Saudável estão disponíveis em: <https://www.paho.org/pt/decada-do-envelhecimento-saudavel-2020-2030>. Acesso em: 21 jun. 2021.



Criação do primeiro grupo de idosos, o Grupo de Convivência “Carlos Malatesta”, Centro Social “Mario França de Azevedo”

Ministério da Previdência e Assistência Social (Lei 6062/74)



Criação do Ceti – Centro de Estudos da Terceira Idade do Sesc São Paulo

1961

Fundação da Sociedade Brasileira de Geriatria (SBG)

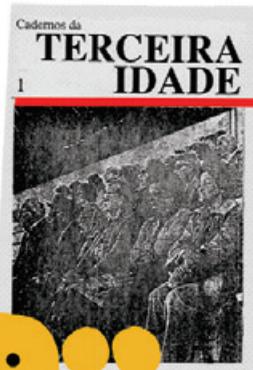
1963

Congresso Nacional de Geriatria e Gerontologia, entre 28 e 31 de maio. Incorporação de “Gerontologia”, tornando-se SBBG – Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia

1969

1974

1977



Publicação do primeiro número da revista *Cadernos da Terceira Idade*

Criação da Escola Aberta da Terceira Idade

1978



1979

1º Encontro de
Esporte e Cultura
para a Terceira Idade,
no Sesc Bertiooga

1982

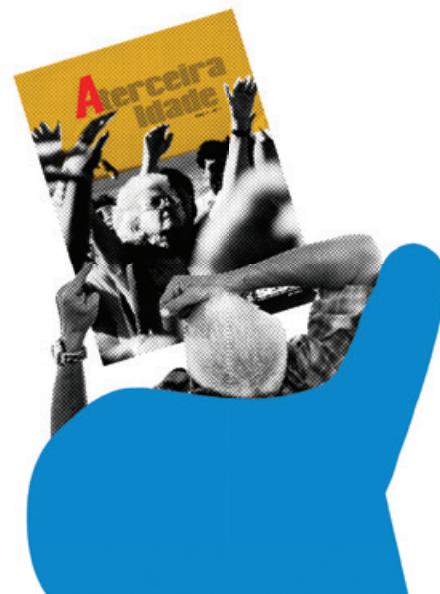
1985

Criação da
Confederação
Brasileira de
Aposentados e
Pensionistas (Cobap)
5º Encontro Estadual
de Idosos: O idoso e a
constituinte

1988

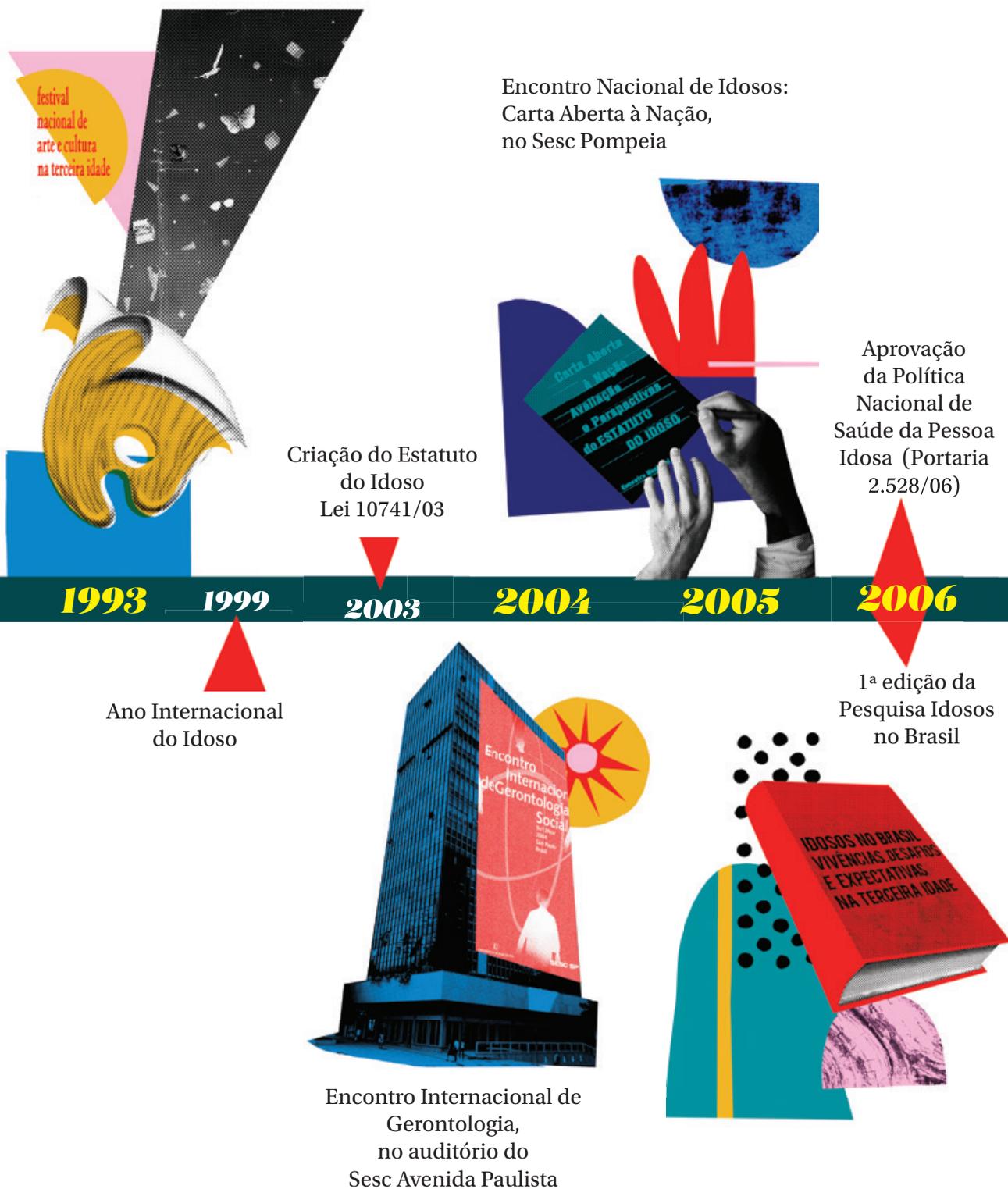


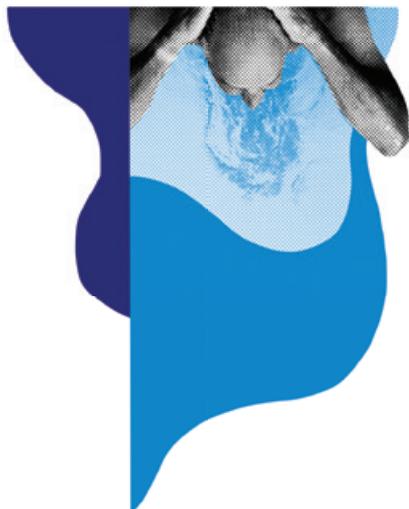
Comemoração do
Ano Nacional do
Idoso e realização do
1º Encontro Nacional
do Idoso, no
Sesc Pompeia



Promulgação da
Constituição Federal

**Publicação do 1º volume
da revista *A Terceira Idade***

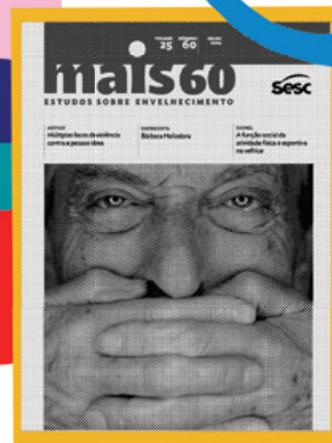




Publicação do livro
*Esporte para idosos - uma
abordagem inclusiva,*
pelo Sesc São Paulo

Lançamento da Carta
de Bertiooga com o
tema Perspectivas
para Ações junto ao
Cidadão Idoso

**Primeira edição
da revista Mais 60**



2010

2013

2014

2015



Ações em rede
Festival da Integração



1ª edição da
Mostra Sentidos



Publicação
da 20ª edição
da revista
Mais 60.

2016

2017

2018

2020

2021



2ª edição da
Pesquisa Idosos no Brasil

A Assembleia Geral das Nações Unidas declarou o período de 2021 a 2030 como “Década do Envelhecimento Saudável”



Artigo 4

O Trabalho Social com Idosos (TSI) do Sesc:
trajetória e realizações

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, S. F. M.; MAESTRO FILHO, A.; SILVEIRA, R. B.; GUIMARÃES, L. V. M. As políticas públicas para os idosos no Brasil: a cidadania no envelhecimento. *Anais do Encontro de Administração Pública e Governança*. Salvador, Bahia, 12 a 14 de novembro de 2008. 15p. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnAPG500.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2021.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão n. 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal: Coordenação de Edições Técnicas, 2016. 496 p.

BRASIL. Lei nº 8.842, de 04 de janeiro de 1994. *Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências*. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18842.htm. Acesso em: 20 mai. 2021.

BRASIL. Decreto nº 4.227, de 13 de maio de 2002. *Cria o Conselho Nacional dos Direitos do Idoso – CNDI, e dá outras providências*. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/d4227.htm. Acesso em: 20 mai. 2021.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 01 de outubro de 2003. *Dispõem sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências*. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.741.htm. Acesso em: 20 mai. 2021.

BRASIL. Portaria nº 2.528, de 19 de outubro de 2006. *Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa*. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt2528_19_10_2006.html. Acesso em: 20 mai. 2021.

CACHIONI, M. Editorial. Universidade da Terceira Idade: história e pesquisa. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, São Paulo: Fuchs: Nepe: PEPGG/PUC-SP, v. 15, p. 1-8, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/15225/11354>. Acesso em: 14 jun. 2021.

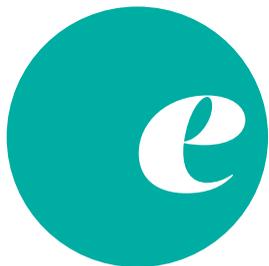
CAMARANO, A. A.; PASINATO, M. T. O envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas. In: Camarano, A. A. *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?* Rio de Janeiro: Ipea, 2004, p. 253-292. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=5476. Acesso em: 19 mai. 2021.

COSTA, D. G. S.; SOARES, N. Envelhecimento, velhice e políticas públicas: uma análise crítica. *Anais Eletrônicos do II Seminário Internacional de Pesquisa em Políticas Públicas e Desenvolvimento Social (II Sippedes)*. Unesp-Franca, 20 a 22 de setembro de 2016, 11p. Disponível em: <https://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/-planejamentoeanalisedepoliticaspublicas/iisippedes2016/10.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2021.

DARDENGO, C. F. R.; MAFRA, S. C. T. Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação? *Revista de Ciências Humanas*, v. 18, n. 2, 23p., jul.-dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/8923>. Acesso em: 14 abr. 2021.

FERRIGNO, J. C. Trabalho Social com Idosos: apresentação da experiência pioneira do Sesc na área do lazer e da cultura. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, Ufscar, v. 14, n. 1, p. 23-31, 2006. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/164>. Acesso em: 30 abr. 2021.

- GERÊNCIA de Estudos e Programas da Terceira Idade – Geti do Sesc São Paulo. A trajetória de uma ação voltada ao cidadão idoso. *Cadernos Sesc de Cidadania. Dia Internacional do Idoso*. São Paulo: Sesc São Paulo, ano I, n. 4, p. 5-7, 2010. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/online/artigo/6472A+TRAJETORIA+DE+UMA+ACAO+VOLTADA+AO+CIDADAO+IDOSO>. Acesso em: 3 mai. 2021.
- GERÊNCIA de Estudos e Programas da Terceira Idade – Geti do Sesc São Paulo. O que pode um encontro: o programa Trabalho Social com Idosos do Sesc e a sociabilização como elemento transformador nas ações voltadas para a pessoa idosa. *A Terceira Idade: Estudos sobre Envelhecimento*. São Paulo: Sesc São Paulo: Geti, v. 24, n. 58, p. 6-22, nov. 2013. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/7298_O+QUE+PODE+UM+ENCONTRO+O+PROGRAMA+TRABALHO+SOCIAL+COM+IDOSOS+E+A+SOCIABILIZACAO+COMO+ELEMENTO+TRANSFORMADOR+NAS+ACOES+VOLTADAS+PARA+A+PESSOA+IDOSA. Acesso em: 3 mai. 2021.
- LEMOS, D.; PALHARES, F.; PINHEIRO, J. P.; LANDENBERGER, T. Velhice (verbete). *Projeto de Pesquisa Políticas de Subjetivação (e-Psico)*, s/d. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/e-psico/subjetivacao/tempo/velhice-texto.html>. Acesso em: 14 abr. 2021.
- MACEDO, E. G. H. Notas sobre a história dos direitos da velhice no Brasil. *Prisma Jurídico*. São Paulo: Universidade Nove de Julho, n. 2, p. 107-118, 2003. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/prisma/article/view/533>. Acesso em: 18 mai. 2021.
- MIRABELLI, S. C. S. *Ações socioeducativas na educação permanente*. O Trabalho Social com Idosos (TSI) do Sesc SP: diálogo com o contexto globalizado e impacto na vida dos sujeitos participantes. Dissertação. Mestrado em gerontologia. Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP, 2016, 156p.
- RODRIGUES, N. C. Política Nacional do Idoso: retrospectiva histórica. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*. Porto Alegre, v. 3, p. 149-158, 2001. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/viewFile/4676/2593>. Acesso em: 17 mai. 2021.
- SESC São Paulo. *Trabalho Social com Idosos 1963/1969: 36 anos de realizações*. Relatório. São Paulo: Departamento Regional do Sesc São Paulo, 1999, 221p.
- SESC São Paulo. Carta Aberta à Nação: avaliação e perspectivas do Estatuto do Idoso. *Encontro Nacional de Idosos*. São Paulo: Sesc Pompeia, 4 a 7 out. 2005, 64p. Disponível em: <http://www.cibs.cbciss.org/arquivos/CartaAberta.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2021.
- SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *História, Ciências, Saúde*. Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 155-168, jan.-mar. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/kM6LLdqGLtgqpggJT5hQRCy/?lang=pt>. Acesso em: 10 mai. 2021.
- SILVA, M. R. F. Envelhecer no século XXI no Brasil: conquistas, desafios e perspectivas. In: Musial, D. C. et al. (org.). *Políticas sociais e gerontologia: diálogos contemporâneos*. Maringá: Uniedusul, 2020, p. 311-321. Disponível em: <https://www.uniedusul.com.br/wp-content/uploads/2020/09/E-BOOK-POLITICAS-SOCIAIS-E-GERONTOLOGIA.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2021.



ENTREVISTA **DANILO SANTOS DE MIRANDA**

"Eu particularmente acho que a nossa missão tem a ver com o processo educativo permanente, independentemente de sermos ou não educadores. Essa visão da educação, da transmissão para os nossos pósteros de um legado, mesmo que não sejam diretamente nossos descendentes, um compromisso social com a futura geração, é algo que está inerente à condição do ser humano quando percebe o seu papel"



Danilo Santos de Miranda nasceu em Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, onde passou a infância. Influenciado pela família, ingressou no seminário e tornou-se noviço, porém, para atuar nos campos cultural, político e social além dos muros da igreja, encerrou a vida eclesiástica. Em São Paulo, começou a trabalhar em uma agência de empregos como entrevistador. Posteriormente, ingressou no Sesc São Paulo como orientador social e com a excelência do trabalho recebeu o cargo de diretor do Serviço Social do Comércio (Sesc), posição que ocupa até hoje.



RAIO-X

**Danilo Santos
de Miranda**

78 anos, diretor regional do Sesc no estado de São Paulo, sociólogo, gestor cultural e autor.



MAIS 60 Para começar nossa entrevista como costumamos fazer, você poderia falar um pouco sobre sua infância, família e origens?

DANILO Eu sou um cara bem normal, no sentido de comum, com uma formação de classe média típica do interior do estado do Rio de Janeiro.

Origens

Na infância, a gente tem uma ideia de que o lugar em que a gente vive é o único lugar do mundo, você tem a sensação de que dali é que se estabelecem todas as referências possíveis, até você ter ideias e referências complementares que vão estabelecendo outras comparações, outros modos de ver o mundo. Eu nasci na cidade de Campos, que hoje se chama Campos dos Goytacazes, porque de lá para cá acrescentaram o nome da aldeia histórica de origem. É uma cidade histórica, colonial.

Imaginem vocês que, naquela época, havia quatro ou cinco jornais diários, a *Folha do Povo*, a *Folha do Comércio*, *A Notícia*, *A Cidade* e o *Monitor Campista*, esse último do tempo do Império. É uma cidade muito ligada às coisas do passado, muito tradicional. Tinha uma Academia de Letras famosa, duas ou três rádios, era uma cidade muito poderosa. Foi a primeira cidade da América Latina a ter luz elétrica na rua. Campos tinha bonde quando raríssimas cidades no interior tinham isso. Era uma cidade rica: durante um período, quase a metade da produção de açúcar do país saía de Campos. A minha educação vem dali: muitos amigos, muita brincadeira de rua, a rua era um lugar tranquilo para se viver. Campos não tinha asfalto, mas era tudo com paralelepípedo, só nas ruas da periferia que tinha rua sem pavimento. A cidade de Campos era muito bem estruturada nesse sentido. Uma população grande, uma população negra muito

grande, por causa da característica cultural do entorno, e tem algumas histórias famosas, alguns escritores que mantêm ou mantiveram esse imaginário muito aceso. O José Cândido de Carvalho, que é de Campos e foi da Academia Brasileira de Letras [ABL], é um grande escritor, aquele de *O coronel e o lobisomem*, que acontece na cidade de Campos; tem a história de *A princesa Anastácia*, uma negra escravizada que viveu no Brasil, que também foi uma história de Campos.

Curiosidades de Campos

É uma cidade de hábitos próprios, exclusivos, até mesmo em termos de linguagem, desde xingamentos até coisas corriqueiras, tipo “cinteiro” que é o mesmo que cinto, lá se fala assim. Uma linguagem misturando um pouco de Minas [Gerais], um pouco do interior do Rio de Janeiro. Na culinária, tem um doce famoso no Brasil todo, chamado “chuvisco”, feito de fio de ovos, bem grande, espécie de bola de onde sai um rabinho, que você põe em pilhas. Um doce feito de ovo e açúcar que tem um ponto exato, uma maneira de fazer que poucas pessoas conhecem. Tem também o tronco, um bolo parecido com um tronco de árvore. Tem a indústria do açúcar, fortíssima em Campos. Por isso o doce, por isso o melado. Você botava o melado da cana-de-açúcar no prato, aquele negócio gosmento, tipo mel, botava farinha, era a sobremesa. Campos era terra da goiaba também. Os campistas eram conhecidos pela denominação popular de “papa-goiaba” por causa disso e havia muita goiabada. Uma cidade com a cultura do açúcar – e, naturalmente, muito problema de dente.

Avós

Meu avô materno era do interior de São Paulo, farmacêutico, e ganhou uma importância

grande na cidade, a principal farmácia da cidade era dele, Drogeria São Salvador. Minha avó era muito ligada às tradições e festas da igreja. Na igreja, você tinha sempre agrupamentos religiosos, desde a Cruzada Eucarística, que era para crianças, até as associações das mulheres, as Filhas de Maria. Minha avó era presidente das Mães Cristãs. Dos homens, tinha a Congregação Mariana, que era correspondente às Filhas de Maria. Tinha igreja para tudo quanto é lado, coloniais, antigas... Curiosamente, tinha uma senhora chamada Dona Rosa, negra, idosa, cega, que morava em casa e todo dia ia para a igreja. Eram apenas três quarteirões e meio para chegar à igreja. Então, sempre tinha que ter alguém para levá-la, e eu sempre fui um dos encarregados de fazê-lo, às vezes com boa vontade, às vezes não. Numa cidade pacata como Campos, todo mundo se conhecia, não havia perigo para uma criança de seis, sete anos sair na rua sozinha. Lembro que, muito pequenininho, lá ia eu levar a dona Rosa na igreja.

Pai e mãe

Perdi minha mãe muito cedo, quando eu tinha sete anos de idade e ela trinta e dois. Minha mãe se casou muito nova e teve quatro filhos homens. Meu irmão mais velho, Dalmir, o segundo, Dilmir, depois eu, o terceiro, e Daniel, o mais novo. Uma escadinha. Teve uma única menina, a Denise, que não sobreviveu. Minha mãe, Dalva, já estava doente, tinha um problema grave nos rins e naquela época isso matava. Acabou falecendo no ano de 1950. Completei sete anos dois dias depois do falecimento dela. Toda a questão dos quatro órfãos foi um abalo na cidade, todo mundo ficou muito chocado. Nós fomos todos morar com a minha avó. O filho mais novo da minha avó era da idade do meu irmão mais velho. E uma



“Na infância, a gente tem uma ideia de que o lugar em que a gente vive é o único lugar do mundo, você tem a sensação de que dali é que se estabelecem todas as referências possíveis.”

“Minha formação em casa tinha esse caráter muito religioso, cultural, porque meu pai Affonso foi sempre ligado à música.”

das irmãs solteiras, a tia Délia, morava ainda com a minha avó e tomava conta da gente. Depois ela se casou mais tarde e veio morar em Campinas.

A minha formação em casa tinha esse caráter muito religioso, cultural, porque meu pai Affonso foi sempre ligado à música. Depois que ele ficou viúvo, nós nos separamos do pai, mas ele ia toda noite para a casa da minha avó e ficava conosco até tarde. Era muito hábil, sabia fazer gaiola, tocava violão, cantávamos juntos, tinha muita habilidade, era dentista e jornalista, de um jornal muito conhecido lá, chamado *Folha do Povo*.

Educação

Eu me lembro de frequentar o jardim de infância numa escolinha no meio de uma praça, depois fui para o grupo escolar XV de Novembro e depois disso para o colégio Eucarístico, na parte final do primário. Minha avó, que tinha muita ligação com os padres, foi procurada por um captador de vocações que os jesuítas mandavam à procura de meninos que pudessem ir para o seminário dos jesuítas, lá em Friburgo. Primeiro, levaram meu irmão, o Dilmar, que foi no ano de 1953, e eu fui depois, em 1955. Tive um acidente no colégio, quebrei o braço e perdi praticamente um ano, mas depois voltei e continuei meus estudos. Havia a ideia de que ali se formavam futuros jesuítas, sacerdotes, padres, mas não era uma coisa definitiva, porque com 11, 12 anos você não define o futuro de ninguém. Quem faz isso comete um equívoco grave do ponto de vista pedagógico e educacional.

Ligação com a cultura

A Escola Apostólica funcionava dentro da Colégio Anchieta de Nova Friburgo, que tinha também alunos externos da cidade – era uma espécie de

dupla personalidade da instituição. Tinha uma área também que era a Faculdade de Filosofia dos padres jesuítas. Era um colégio histórico construído no final do século XIX, uma construção eclética muito bonita, um lugar onde estudou muita gente importante, inclusive o filho do Rui Barbosa e o Carlos Drummond de Andrade, um colégio com uma força extraordinária na cidade de Friburgo. Eu participava intensamente de tudo: era membro do Coral Anchieta, da Banda Marcial, era uma coisa importante quando a gente descia tocando, a cidade parava nos dias de celebração. Havia audição de música clássica. Era uma espécie de ação complementar fora do currículo, para conhecer autores. A gente se reunia para ouvir uma sinfonia e alguém mais especializado explicava o que era. Tinha o Cine Clube, tinha uma Academia de Letras que nós criamos, eu fui o primeiro presidente. Fiz uma espécie de uma fala na inauguração da academia, falando do Padre Anchieta, me lembro disso. Mais tarde, fundamos o Grêmio Estudantil, quando eu estava já no colegial, tinha uma revista que a gente produzia com estêncil de cera, a gente batia à máquina e tirava na impressora para estêncil.

Estudo sagrado

Era realmente uma formação muito dura, a gente tinha horários disponíveis para preparar os trabalhos, estudar, ler. A carteira era uma escrevaninha em que se abria uma tampa e você guardava seu material todo lá dentro. Normalmente, no momento que você está trabalhando você abre e fecha sua tampa, você consulta alguém, você pode falar baixinho com o outro. Agora, havia o “estudo sagrado”, que era uma hora do dia em que não se podia absolutamente sair do lugar. Você planejava tudo o que ia



A gente se reunia para ouvir uma sinfonia e alguém mais especializado explicava o que era. Tinha uma Academia de Letras que nós criamos, eu fui o primeiro presidente. Fiz uma espécie de uma fala na inauguração da academia, falando do Padre Anchieta, me lembro disso.

fazer naquele momento e depois que tocava o sinal você não podia nem abrir mais a sua escrivaninha. Era o "estudo sagrado": naquele momento, você tinha que se concentrar e pensar em alguma atividade.

Formação

Minha formação se deu com muita riqueza de interferências culturais, as mais variadas... Nós estamos falando dos anos pré-golpe de Estado de 1964, quando a ebulição cultural e política do país era intensíssima, discutia-se muito a questão das reformas de base, as ameaças de golpe, a luta política. Nós líamos jornal todo dia, fundamos o grêmio estudantil no Colégio Anchieta e fundamos na mesma época o Parlamento Estudantil de Nova Friburgo, o Penf, com alunos de outros colégios. Isso significa dizer que começamos a fazer política estudantil naquele momento. Eu fui em um congresso no ano de 1962 ou 1963, em Niterói, com a União Fluminense de Estudantes Secundários. Ninguém sabia que eu era seminarista, eu era presidente do grêmio estudantil Anchieta e vice-presidente do Parlamento Estudantil de Nova Friburgo, então eu tinha participação lá nas reuniões. E lá conheci um grupo de estudante do CPC – Centro Popular de Cultura, da UNE [União Nacional dos Estudantes] –, eram

quatro cantores que formaram posteriormente o MPB4, todos ligados a Niterói. Isso tudo fazia parte desse momento. Em seguida eu fui para Itaici, aqui em São Paulo, para entrar no noviciado dos jesuítas. Aí já era uma opção, eu tinha mais de 20 anos. Saí depois de completar filosofia, alguns anos depois. Entrei no ano de 1964, é meio difícil de explicar, mas tem um tempo que você fica muito isolado, é uma formação muito rígida, e tem os chamados retiros espirituais, coisa muito forte. Nesse período a gente se isola e reflete sobre si mesmo, sua espiritualidade, aprende a meditar, a aprofundar a introspecção necessária para o autoconhecimento e o conhecimento ao redor de você – é um exercício forte e uma das marcas fundamentais dos jesuítas.

Revolução ou contrarrevolução?

Estávamos em plena realização desse exercício espiritual quando aconteceu o Golpe Militar de 31 de março e 1º de abril. Dias depois, tinha um intervalinho em que a gente se encontrava, alguém veio falar: "Ah, aconteceu a revolução". Falei: "Revolução?". "É, o general X e o general Y, deram o golpe... Diz que tiraram o João Goulart..." Eu fiquei espantado e falei: "Gente, isso não é a revolução, é a contrarrevolução". Os caras olharam espantados para mim perguntando

por que eu dizia aquilo. “Porque essa turma é tudo direitona. Isso não está certo.” Eu não falei golpe, porque não tinha consciência clara. “Mas com esses nomes? Era Adhemar de Barros, Magalhães Pinto, Carlos Lacerda de um lado, mais General Kruel, General Mourão, não, isso não é a revolução! Isso aí é a contrarrevolução. Eles estão impedindo que a verdadeira revolução aconteça.” Eu tinha uma cabeça mais radical naquele tempo, para mim revolução era uma outra coisa.

O noviciado

O noviciado é um momento em que você é testado, você aprofunda o conhecimento sobre você mesmo. Logo em seguida, começou o Concílio Vaticano II, em que a gente ouvia a transmissão em francês, porque não tinha em português pela rádio do Vaticano, para saber o que estava acontecendo. Esse noviciado são dois anos, mais um ano que a gente estuda só história da igreja, grego e latim profundamente, até entrar na filosofia. Eu terminei a filosofia, depois entrei em mais um curso na mesma faculdade, de ciências sociais, mas aí eu já tinha saído do seminário e largado a batina. Tinha resolvido principalmente porque constatei que não era realmente vocacionado, de maneira tranquila, sem nada que me abalasse psicologicamente.

Emprego

Continuei o curso de ciências sociais e fui trabalhar no lugar onde fui procurar emprego. Era uma agência de empregos que me colocou lá mesmo quando viu, pelo meu currículo, que eu tinha condição de trabalhar como entrevistador, vinculado à seleção de pessoal na agência, na Praça da República. Trabalhava o dia todo, me envolvendo com esses assuntos, aprendi muito e desenvolvi uma maneira de conversar,

entrevistar, não era uma coisa muito sofisticada, mas exigia uma certa sensibilidade para perceber se aquilo que você tem descrito como vaga a ser preenchida bate com a pessoa à sua frente. E como você tinha a chance de mandar mais de uma pessoa para cada vaga, havia uma certa chance de acertar. Eu comecei a acertar bastante e a ter bons resultados. Primeiro com as ocupações mais simples, até que no fim eu estava selecionando executivos para empresas multinacionais. E como a gente ganhava uma parte do salário pelo que produzia, o salário ia melhorando cada vez mais. Você tinha um salário que não era lá essas coisas, outra parte razoável do seu salário era composto daquilo que você produzia individualmente, e uma terceira parte, que às vezes era maior do que todo resto, era a produção geral de todos. Então, quando você acertava, você colaborava com todo mundo.

Concurso para o Sesc

Quando eu prestei o concurso para o Sesc, em meados de 1968, o meu salário triplicou. Foi uma vantagem ter prestado o concurso na época. Concurso difícil, eu achava que não ia entrar, primeiro porque eu não era uma pessoa muito afinada com o pensamento dominante, já que eu respondia de maneira muito honesta ao que me perguntavam, tanto por escrito como quando fui entrevistado. E, segundo, porque eu achava que as minhas opiniões poderiam não agradar. Na realidade, fui passando pelas fases, fui ficando, até que entrei no Sesc. Nós éramos por volta de mil quando iniciamos o processo, e no fim sobramos dez, inclusive o Galina¹, que continua sendo meu colega e participou do mesmo

¹ Luiz Deoclécio Massaro Galina – superintendente de administração do Sesc São Paulo.

concurso que eu. Os únicos que sobraram daquele concurso foram ele e eu. Todos que estão aí são mais novos. Atualmente, não tem mais nenhum funcionário mais antigo no Sesc do que nós.

MAIS 60 Professor, vamos voltar agora para 2021, um ano muito importante, porque nós estamos falando de cultura e educação. O senhor defende a educação e a cultura como pressupostos para o desenvolvimento, sobrepondo-se à ideia de desenvolvimento segundo um ponto de vista puramente econômico. E, em 2021, a gente comemora o centenário do filósofo e sociólogo Edgar Morin, assim como do educador e filósofo Paulo Freire. O que o senhor poderia dizer sobre esses dois grandes estudiosos?

DANILO São dois grandes exemplos! Morin vivo, 100 anos, Paulo Freire já falecido, figuras exemplares do ponto de vista da proposta que veicularam, ambos propagaram e levaram adiante a educação e a cultura como parte essencial do desenvolvimento, enfim, da capacidade humana de crescer e melhorar. Nós vivemos uma realidade muito materialista, onde as coisas são colocadas apenas do ponto de vista do desenvolvimento econômico e da produção efetiva de bens. Isso é uma visão muito reducionista e perigosa, porque ela torna o ser humano incapaz de enxergar sua realidade e o que está a sua

volta. Cada vez mais, a gente percebe que a busca pelo chamado bem-estar, pela qualidade de vida depende de muito mais coisa do que o mero desenvolvimento econômico. E, de fato, essas duas figuras são realmente emblemáticas. Em primeiro lugar, eu diria que educação e cultura são elementos vitais, são aquilo que nos torna humanos – a nossa condição humana, diferente de outros elementos da natureza que fazem parte do universo no qual estamos inseridos. Somos os únicos seres que têm condição de criar cultura, de desenvolver ideias e projetos de maneira completa e autônoma. Nós somos, portanto, reconhecidos como seres humanos por termos a capacidade de nos educar, de criar cultura, que está além da natureza. Eu parto daquele fundamento antropológico da cultura, que é algo criado pelo ser humano, diferente, desse modo, da natureza. A natureza tem sua vida própria, sua razão de ser. Cada vez compreendemos mais que se trata de um processo do qual nós também participamos: nós e a natureza somos parte de um todo e vivemos essa realidade de maneira necessariamente integrada. Quando nós, por alguma razão, rompemos essa integração, causamos distúrbios muito graves. Assim, para que o ser humano seja totalmente integrado, melhore sua condição e avance cada vez mais, a educação e a cultura são parte fundamental



Morin vivo, 100 anos, Paulo Freire já falecido, figuras exemplares do ponto de vista da proposta que veicularam, ambos propagaram e levaram adiante a educação e a cultura como parte essencial do desenvolvimento, enfim, da capacidade humana de crescer e melhorar.

desse processo. Essas duas autoridades mencionadas escreveram, produziram, realizaram – ainda realizam, no caso do Morin – uma ação muito emblemática em relação a tudo isso.

Eu particularmente acho que a nossa missão tem a ver com o processo educativo permanente, independentemente de sermos ou não educadores. Essa visão da educação, da transmissão para os nossos pósteros de um legado, mesmo que não sejam diretamente nossos descendentes, um compromisso social com a futura geração, é algo que está inerente à condição do ser humano quando percebe o seu papel. No livro que o filósofo Mauro Maldonato escreveu comigo, *Na base do farol não há luz*² – cujo título, por sinal, é muito interessante – tem uma frase que é bem forte: “[...] nós não somos donos do mundo, nós pegamos o mundo emprestado de nossos filhos”. Eu entendi essa ideia assim: nós estamos aqui como inquilinos, alugando um espaço, ou estamos aqui “de favor” – uma concepção de que nós não somos os donos do mundo. Isso tem muito a ver com a noção de educação e cultura como elementos-chave. Outro dia, eu estava refletindo sobre a pobreza do pensamento das pessoas que administram e que não enxergam isso como algo efetivamente transversal, não simplesmente para completar um projeto: “Olha, o projeto vai ser a construção de um novo porto, com toda a infraestrutura necessária, com a linha férrea que vai chegar até lá... e está resolvido o problema”. Esse tipo de raciocínio ignora a pessoa que vai lidar com aquilo, vai ter que estudar, vai ter que desenvolver, pois

aquilo tudo vai influenciar as relações das pessoas do entorno. Esses administradores enxergam sempre de uma maneira muito materialista, pouco objetiva no sentido mais profundo – aquilo que parece objetivo, mas de fato não é. As pessoas estão muito mais preocupadas em ter, em acumular, do que propriamente em dividir.

Educação e cultura – facetas da mesma realidade

Educação e cultura, para mim, são complementares, são duas facetas da mesma realidade. Enquanto a educação, no sentido formal, é algo que instrumentaliza, desenvolve métodos, conhecimentos específicos ou gerais, transmite informações, o processo de educação ampla aproxima-se muito da ideia de cultura. Assim como a ideia da cultura no sentido ampliado aproxima-se muito da educação permanente, porque são dois conceitos que se fundem. Do ponto de vista de uma parcela do campo cultural, que diz respeito às artes, ao simbólico, à capacidade de transmitir ideias e de provocar, temos que reconhecer seu papel central porque a arte é um pedaço nobre, digamos, a nata da cultura. Nós entendemos por cultura tudo aquilo que o ser humano inventa, incluindo a ciência e a educação formal. Atividade físico-esportiva, todo contexto que você desenvolve, toda tecnologia que você cria, toda ação humana faz parte de um processo cultural. Mas a arte é um elemento especial, apenas o ser humano faz arte porque somente ele é capaz de criar e transmitir o simbólico. No terreno do simbólico você tem inúmeras especialidades, e uma delas é criar encantamento, beleza, poesia, usando o som, a palavra, o gesto, a pintura. Daí a gente mergulha

² *Na base do farol não há luz*. Mauro Maldonato | Apresentação e reflexões: Danilo Santos de Miranda. Edições Sesc São Paulo, 2016.



Nós entendemos por cultura tudo aquilo que o ser humano inventa, incluindo a ciência e a educação formal. Atividade físico-esportiva, todo contexto que você desenvolve, toda tecnologia que você cria, toda ação humana faz parte de um processo cultural. Mas a arte é um elemento especial, apenas o ser humano faz arte porque somente ele é capaz de criar e transmitir o simbólico.

na filosofia pura da estética, a busca por entender o belo, aquilo que cria essa possibilidade de encantamento. Mas a arte vai além. Ela cria também condições para a reflexão, para a provocação, até mesmo a transgressão. Aí, não temos outra classificação, que só nós seres humanos somos capazes de fazer. Então, a cultura entra aí de forma absolutamente fantástica. Se não houver condições para que isso seja possível, não construiremos uma sociedade capaz de enfrentar o que vem pela frente. Eu acho que educação e cultura estão no âmago do processo do desenvolvimento humano, mas isso não é entendido como tal. Me preocupa muito, por exemplo, que aqueles que detêm o poder de decidir ações na sociedade não enxerguem isso; que qualquer mandatário, seja ele quem for, não perceba a importância disso. Quando nós vemos gente que não dá valor a isso, que não quer discutir determinado tema ou não trabalha com determinadas questões por achar que uma certa abordagem pode ser perigosa, que poderia ampliar o pensamento das pessoas numa perspectiva que não concorda necessariamente com a nossa, tudo isso me assusta muito.

MAIS 60 Professor, vamos falar um pouco de cultura digital? Nós todos fomos empurrados para esse universo pela necessidade de isolamento físico causado pela pandemia, passando a estudar e trabalhar por meio de telas. O Sesc passou a maior parte de suas ações para o mundo digital e, no trabalho social com os idosos, percebemos fortemente a relação dos idosos com filhos ou netos no que diz respeito a facilitar o acesso: os filhos ou netos passaram a ensinar os idosos. Queria saber sua opinião sobre esses aspectos: primeiramente, como a cultura está se adaptando a esta hegemonia do meio digital e, em seguida, como você vê a relação dos mais velhos com os mais jovens para adentrar nesse mundo digital.

DANILO Antes de tudo, precisamos reconhecer: a evolução digital da tecnologia veio para ficar e nós não temos dúvida de que isso se tornará cada vez mais presente no dia a dia das pessoas. Há questões que precisam ser consideradas. Em primeiro lugar, a questão da desigualdade socioeconômica: quem já tem acesso hoje? Verificamos que parte das pessoas que precisavam ter acesso, crianças em idade esco-

lar, não o têm, porque as famílias são carentes. Isso ocorre no mundo inteiro, com exceção dos países hegemônicos da Europa e os Estados Unidos, mas no restante do planeta é um problema grave. Temos que estar atentos à intensificação dessas novas dinâmicas mas, por outro lado, isso deve ser entendido de uma forma bem crítica, porque há a necessidade de ações que garantam que todos cheguem efetivamente a isso. Porque todos chegarão, mais cedo ou mais tarde... E digo mais, trata-se de uma experiência que vai se tornar cada vez mais tranquila, amigável, fácil, acessível. Quando se aborda essa questão focando nas idades mais avançadas, a dificuldade é maior. Eu sinto isso menos do que outras pessoas que são mais velhas do que eu, que têm a mesma idade ou até menos do que eu, mas que não têm o mesmo acesso, a mesma facilidade. Mas é muito menos do que outros que já estão lá com isso quase que já de nascença. É algo que veio para ficar, parte do processo natural de desenvolvimento. No entanto, como eu falava antes, o desenvolvimento não pode ser só material. Não basta todo mundo ter computador, é fundamental ter computador e saber usá-lo. É essencial atentar para o desenvolvimento também no aspecto humano, no que diz respeito ao conhecimento, à educação, ao preparo das pessoas. Eu, por exemplo, às vezes tenho muita dificuldade para descobrir certas coisas que outros descobrem muito facilmente, e creio que o âmbito da tecnologia nem sempre dedica muito cuidado a esse aspecto, de que aqueles menos informados têm todo o direito ao acesso digital.

Gerações

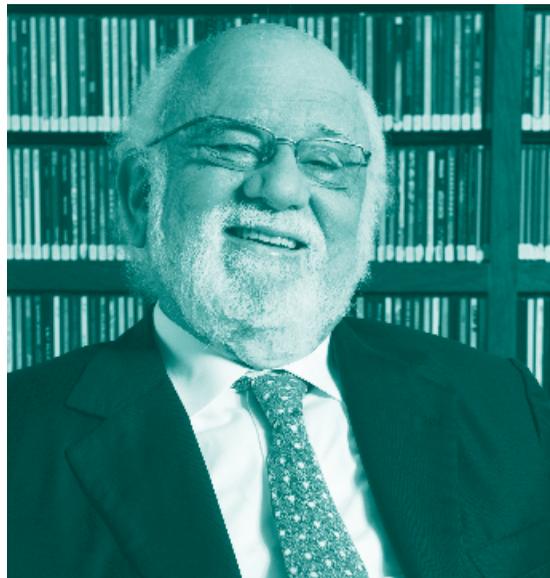
Quanto à questão da transmissão, nós já nos surpreendíamos tempos atrás com a chamada internet livre³, em que idosos solicitavam ajuda a jovens e outras pessoas que frequentavam tais espaços para ter acesso facilitado ao mundo digital. Eu cheguei a observar isso em algumas unidades, há inúmeros relatos sobre isso. A impaciência é comum nas pessoas mais idosas, elas correm o risco de desistir – então, é necessária metodologia, ensinar os elementos básicos de uma maneira muito prática, inicialmente ir mexendo com algumas coisas mais simples para ir evoluindo pouco a pouco. Quem domina muito bem todos esses recursos são os mais jovens. Meu neto mexe com isso há muito tempo, hoje ele tem 15 anos. No início da pandemia, eu assistia todas as *lives* enquanto andava de esteira; em uma ocasião em que eu acompanhava uma dessas *lives*, me incomodei porque não gostava muito desses comentários que ficam surgindo na tela. Nesse momento, meu neto Jorge passou por mim e eu falei: “Jorge, como tira esse negócio aqui?”. Ele simplesmente esticou a mão, sem dizer nada, apertou um botão e fez aqueles comentários desaparecerem da tela. Eu me lembro desse momento, uma coisa tão simples, tão banal, mas eu provavelmente ficaria horas tentando solucionar esse problema... para os jovens, é um gesto natural. São muitas as facetas desse fenômeno: tem o lado socioeconômico, o aspecto da paciência, o cuidado efetivo para lidar com isso de maneira adequada. Mas é importante sublinhar: algumas pessoas idosas

3 Internet livre foi um programa do Sesc que buscou garantir o acesso à internet, por meio da disponibilização de equipamentos e espaços acolhedores, bem como oferecimento de mediação e processos formativos para todos os públicos.

querem aprender mesmo. E tem gente que tira tudo isso de letra, já se vira com facilidade. Acho que as companhias especializadas não se preocupam muito com isso. Vi recentemente uma propaganda na qual duas senhoras diziam de seus hábitos no mundo digital, mas isso surgia como uma coisa meio curiosa, meio exótica, não como algo natural. Deviam lidar com isso de uma forma mais tranquila, chamando menos atenção para a peculiaridade de a pessoa idosa ter dificuldade com isso. Quando você evidencia a dificuldade, você já está criando uma barreira: “Velho não sabe lidar com isso, então vou mostrar a vocês como é que faz”. Não pode ser desse modo, aí é questão de metodologia.

MAIS 60 Falando em envelhecimento, como o senhor vivencia a sua velhice? Como percebe suas potencialidades e fragilidades?

DANILO É legal falar sobre isso. Eu não tenho uma consciência tão profunda da minha velhice como talvez devesse ter por causa da minha atividade intensa, diária e muito comprometida. Mas, por outro lado, a realidade etária se impõe. Eu tenho 78 anos de idade e plena consciência disso. Sei que tenho um futuro menor pela frente e devo lidar com isso de maneira natural, sabendo que esse futuro se prepara para o fim. Não tenho nenhum receio de falar disso, considero uma coisa perfeitamente comum e natural, sem trauma. “Ah, quer dizer que você não tem medo de morrer?” Claro que tenho – não quero passar por nenhuma situação superdesagradável, mas sei que é um fato real e necessário para a renovação do ser humano.



"Eu tenho 78 anos de idade e plena consciência disso. Sei que tenho um futuro menor pela frente e devo lidar com isso de maneira natural, sabendo que esse futuro se prepara para o fim."



Leio muito, gosto de ver muitas coisas, filmes. Gosto muito de ver futebol, sou torcedor do Fluminense do Rio de Janeiro. Tenho muitos amigos, sinto muita falta de conviver com eles, de frequentar a vida normal que eu sempre vivi, isso é um dos maiores pesos que a gente carrega nesse momento.

Eu tenho uma visão clara disso, tenho formação religiosa, acredito na vida eterna, creio que depois disso alguma coisa vai acontecer. Não sou um frequentador assíduo da minha origem religiosa, tenho muitos questionamentos espirituais na minha cabeça, mas tenho clara essa noção da transcendência, assim como da existência de realidades superiores, acima da gente. Sou um crente, não sou descrente, não sou ateu. Considero nossa realidade como algo a ser continuado futuramente. Como eu me preparo? Mantenho cuidados com a saúde, sou diabético, tomo todos os remédios, faço atividade física – não tanto quanto deveria, mas faço – e tenho uma vida saudável do ponto de vista físico e mental. Leio muito, gosto de ver muitas coisas, filmes. Gosto muito de ver futebol, sou torcedor do Fluminense do Rio de Janeiro. Tenho muitos amigos, sinto muita falta de conviver com eles, de frequentar a vida normal que eu sempre vivi, isso é um dos maiores pesos que a gente carrega nesse momento. Família e amigos, uma parte da família eu não vejo atualmente, minha filha está em Portugal há dois anos. Falamos muito, a tecnologia hoje em dia para isso é muito favorável. Vou levando, né?

Projetos de vida

Na realidade tenho uma perspectiva de futuro, gostaria de planejá-lo de maneira mais segura, mas não há segurança para ninguém para planejar o futuro a essa altura, por causa da situação que atravessamos. Não estou no início da minha carreira no Sesc, nem na minha posição, já estou há 37 anos como diretor regional, já estou precisando transferir o bastão. É natural que aconteça e lido com isso de uma maneira muito tranquila. Vou ter que mudar substancialmente meu ritmo de vida, mas eu estou louco para fazer isso. Não há problema em mudar meu ritmo de vida. Pretendo me dedicar a coisas que gosto. Tem uma pilha de livros que eu tenho que dar conta e não dei. À medida que vai sendo consumida, ela também vai crescendo, mas ela cresceu demais ultimamente, então tem muita coisa que eu quero ler. Sou um pouco seletivo: vou atrás de muitas coisas que me interessam, mas muita coisa não me interessa e não vou atrás. Como o tempo pela frente não é muito grande, tenho que aproveitá-lo melhor, não é verdade?

Sesc

No Sesc nós fizemos essa inflexão, dobramos essa esquina em direção ao virtual como uma saída efetiva. Isso deu condições de que pudéssemos continuar fazendo em grande parte o que costumávamos fazer, mas não é tudo que nós fazemos que pode ser feito virtualmente. O Sesc é uma instituição que valoriza o presencial. O presencial, para nós, é parte do nosso programa, é algo indispensável. Assim, abandonar o presencial como tivemos que fazer significa um corte profundo na instituição. Nós construímos nossas unidades com esmero, com atenção, com cuidado, para serem as melhores dentro do possível – é o que há de melhor em termos de programa sociocultural que existe neste país e no mundo. É o que nós temos de melhor, e não podemos sequer abrir a porta. Para nós, isso é realmente grave. Dá para minimizar? É possível usarmos a tecnologia para atenuar o problema, mas não dá para resolver integralmente, não. Tão logo a gente possa, temos que voltar ao presencial. Uma parte do nosso pessoal está inativo. Estamos conseguindo mantê-los, o que é muito bom. Pretendemos retornar com todo mundo lá na frente, por isso retivemos. É bom o panorama atual? Não, é o possível. No futuro, o hibridismo entre digital e presencial será um complemento. Talvez, num primeiro momento, seja o virtual principalmente, com o presencial como dimensão complementar. Mas, aos poucos, nós vamos voltar tendo o presencial como elemento principal. Isso é o que imagino como gestor – e é isso que eu tenho para sugerir a quem vier a ser o futuro gestor ou futura gestora dessa instituição.



O Sesc é uma instituição que valoriza o presencial. O presencial, para nós, é parte do nosso programa, é algo indispensável. Assim, abandonar o presencial como tivemos que fazer significa um corte profundo na instituição.

O Sesc é uma instituição exemplar nesse aspecto e tenho muito orgulho disso. Tenho uma filosofia de trabalho muito clara, estou aqui como se fosse meu primeiro dia e tenho consciência de que pode ser o último. Estou, portanto, a mil por hora. Estamos construindo novas unidades, desenvolvendo nosso quadro de funcionários da melhor forma possível, vamos entrar em uma nova campanha agora, uma ação efetiva em relação a todas as diversidades, especialmente a racial. E, falando em diversidades, no que se refere ao trabalho social com idosos há uma coisa sobre a qual eu sempre argumentei bastante: velho também tem futuro, velho não é um ex-cidadão. E criança não é um futuro cidadão. Devemos falar em um cidadão criança. Um cidadão velho. Um cidadão homem. Uma cidadã mulher. Um cidadão ou uma cidadã trans. Somos todos cidadãos. Esse é o sentimento mais profundo da igualdade absoluta, que para mim é um valor fundamental do processo civilizatório. Processo civilizatório para mim não é tecnologia, nem desenvolvimento puramente econômico ou puramente ambiental. Tudo isso faz parte, mas trata-se da percepção efetiva da absoluta igualdade entre homem e mulher, algo que não está resolvido no mundo até hoje, entre raças e entre gêneros, e entre todos.

MAIS 60 Muito obrigada, professor.



“Tenho uma filosofia de trabalho muito clara, estou aqui como se fosse meu primeiro dia e tenho consciência de que pode ser o último. Estou, portanto, a mil por hora.”

“... [no] trabalho social com idosos há uma coisa sobre a qual eu sempre argumentei bastante: velho também tem futuro, velho não é um ex-cidadão.”





ILUSTRAÇÃO

/por Catarina Bessel

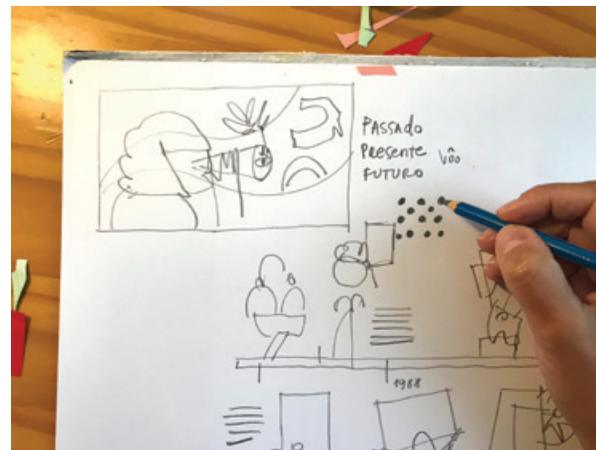
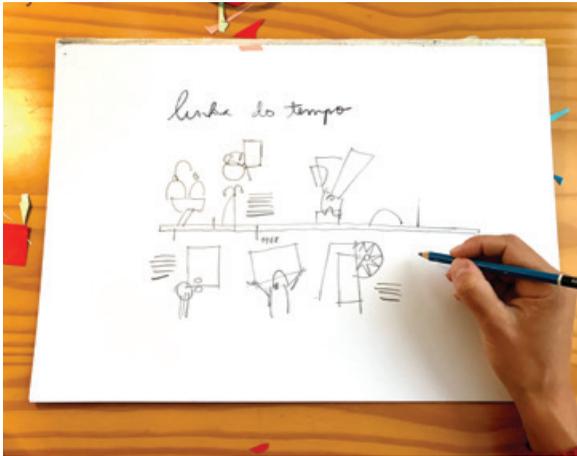
RAIO-X

Catarina Bessel

Artista, designer e ilustradora, graduada em arquitetura pela FAU/USP.









Para esta edição da revista *Mais 60* quis fazer imagens que celebrassem o percurso da revista, que caminhassem em texturas e cores pela memória construída.

Cartazes de eventos significativos, pedaços de fotos, texturas encontradas em imagens do acervo do Sesc foram recolhidos para virar material gráfico, junto com papéis coloridos e giz de cera.

Ao mesmo tempo, mostrando como é o processo da criação dessas ilustrações, o leitor é convidado a ele também pegar a tesoura e a cola, folhear suas próprias fotografias e recriar seu percurso.











PAINEL DE EXPERIÊNCIAS

Dos palcos às telas: a realização da Mostra Sentidos no contexto do distanciamento social

RAIO-X

Camilo Cazonatto

Mestre em desenvolvimento humano e tecnologias, especialista em gestão estratégica de políticas públicas e animador cultural do Sesc São Carlos.

camilo.cazonatto@sescsp.org.br

Eduardo Lopes Salomão Magiolino

Bacharel em educação física, especialista em ciências da saúde no exercício e esporte e animador sociocultural do Sesc Osasco.

eduardo.magiolino@sescsp.org.br

Fernanda Dorazio

Bacharela e licenciada em artes cênicas, pós-graduada em história da arte e em museologia, curadoria e colecionismo e animadora cultural no Sesc Itaquera.

fernanda.dorazio@sescsp.org.br

Gabriel Alarcon Madureira

Bacharel e licenciado em ciências sociais, mestre em sociologia e especialista em gestão de projetos culturais. Assistente técnico da Gerência de Estudos e Programas Sociais do Sesc São Paulo (Gepros).

gabriel.madureira@sescsp.org.br

Gabriela Tufanin Evaristo

Bacharela em educação física, especialista em pedagogia do esporte educacional e monitora de esportes no Sesc Thermas de Presidente Prudente.

gabriela.evaristo@sescsp.org.br

Jacy Helena Almeida Silva

Bacharela em direito e licenciada em artes visuais com especialização em arte terapia e educação em museus e centros culturais e animadora sociocultural no Sesc Santo Amaro.

jacy.silva@sescsp.org.br

Mariani Gasperini Nunes Bernardes

Graduada em educação física (licenciatura plena), especialista em gestão estratégica de pessoas e monitora de esportes no Sesc Catanduva.

mariani.bernardes@sescsp.org.br

Mauro Lucas

Bacharel em comunicação social, pós-graduado em administração e organização de eventos, especialista em planejamento estratégico de marketing cultural e social e animador sociocultural no Sesc Belenzinho.

mauro.lucas@sescsp.org.br

Sandra Regina Feltran

Bacharela em publicidade e propaganda, pós-graduada em psicogerontologia e em globalização e cultura, assistente técnica no Sesc Bertioga.

sandra.feltran@sescsp.org.br

MOSTRA
SENTIDOS

MOSTRA
SENTIDOS



Introdução

O programa Trabalho Social com Idosos (TSI) teve seu início em 1963 no âmbito das ações do Sesc São Paulo, emergindo como referência pioneira e paradigmática no desenvolvimento de programações socioeducativas voltadas especificamente para as pessoas idosas. Em consonância com as transformações demográficas do país, com o aumento da expectativa de vida e com as novas formas de experienciar o processo de envelhecimento, o TSI mostrou-se sempre autorreflexivo, em transformação dialógica com seu público-alvo, enfatizando o protagonismo dos idosos e a contribuição para a contínua ruptura com estereótipos e preconceitos da velhice.

Dessa forma, embasado nas diretrizes, parâmetros e objetivos do programa TSI, o Sesc São Paulo contribuiu (e ainda contribui) para a reverberação da efeméride do Dia Internacional das Pessoas Idosas, em 1º de outubro. Essa data foi consolidada em 1991 pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (AGNU), por meio da resolução 46/91, destacando o papel central da longevidade nas sociedades humanas e a importância de garantir os direitos das pessoas idosas¹. No Brasil, justamente em 1º de outubro de 2003 foi aprovado o Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741), consolidando no ordenamento jurídico que a dignidade e os direitos fundamentais da pessoa idosa são responsabilidade do Estado, da família e da sociedade², fato que da mesma forma solidificou no país essa data como referência para o Dia do Idoso. Desta maneira, a efeméride fez com que uma miríade de instituições, atores sociais, profissionais e especialistas realizassem ações para discutir esses direitos da pessoa idosa, incluindo o próprio Sesc, por meio de sua proposta socioeducativa, multidisciplinar e transversal.

Diante desse tradicional contexto de iniciativas em torno do Dia Internacional da Pessoa Idosa, no ano de 2017 o Sesc São Paulo propôs colaborar com essas ações por meio da arte e das reflexões que afloram da fruição artística, especificamente das linguagens do teatro e da dança, elaborando a primeira edição da Mostra Sentidos: a Longevidade na Arte. Por meio de uma comissão interna formada por técnicos de programação de referência do programa TSI e por representantes das diferentes áreas de atuação do Sesc São Paulo, com

¹ Disponível em: <https://www.un.org/en/observances/older-persons-day>. Acesso em: 7 mai. 2021.

² Disponível em: <http://bvsm.s.saude.gov.br/ultimas-noticias/3042-01-10-dia-nacional-do-idoso-e-dia-internacional-da-terceira-idade-a-jornada-pa-ra-a-igualdade>. Acesso em: 7 mai. 2021.

vistas a constituir olhares multidisciplinares e transversais, a Mostra Sentidos emergiu focada em oferecer ações artísticas para todas as faixas etárias, tendo como eixo curatorial o tema da longevidade presente em espetáculos de teatro e dança, cujo assunto do processo de envelhecimento aparecesse em suas narrativas, dramaturgias, elencos, atores, cenografias e, especialmente, nos sentidos de reflexão sobre o envelhecer que poderiam ser despertados nos variados públicos.

Mais que isso, outro objetivo latente da Mostra Sentidos foi estabelecer diálogos com a produção do próprio campo artístico das artes cênicas, fomentando a disseminação de uma visão dialógica e plural da longevidade em consonância com a ruptura de estereótipos e preconceitos diante da velhice e, principalmente, valorizando as múltiplas formas de envelhecimento, perpassadas pela diversidade cultural e pela especificidade dos marcadores sociais de diferença (gênero, raça, classe, etnia, sexualidade, religião etc.). Em síntese, a Mostra Sentidos se posicionou em torno das ações do Dia Internacional da Pessoa Idosa, em 1º de outubro, fortalecendo a pauta dos direitos do idoso, mas com foco principal no âmbito da arte, do sensível e da reflexão tão característica provocada pelos bens simbólicos nos públicos consumidores e produtores de cultura.

A quarta edição da Mostra Sentidos: a Longevidade na Arte, prevista para outubro de 2020, teve sua realização pautada pela pandemia de covid-19 e pelo imperativo do distanciamento físico, fazendo com que não só a mostra, mas como todas as ações do programa TSI passassem a ser desenvolvidas de forma integralmente virtual junto às pessoas com mais de 60 anos. Assim, diante da impossibilidade de realização de espetáculos de teatro e dança em consonância

com a curadoria prevista, optou-se por apostar nas potencialidades e no protagonismo das próprias pessoas idosas, transferindo a ação calcada na realização de espetáculos para a ação baseada em processos artísticos – ainda coordenados por profissionais das artes cênicas, mas vivenciados e protagonizados exclusivamente por idosos e idosas das diferentes unidades do Sesc São Paulo (capital, interior e litoral).

Assim, por meio da internet, utilizando computadores e celulares, com base na tecnologia das salas virtuais e das chamadas de vídeo em grupo, foram propiciados oito processos artísticos, de outubro de 2020 a janeiro de 2021, com a participação de 120 idosos e idosas. Tais processos artísticos foram disseminados em diferentes redes sociais, com amplo alcance em compartilhamentos, curtidas e engajamento, cumprindo com o objetivo de atingir variados públicos na reflexão sobre o processo de envelhecimento e as potencialidades da longevidade.

Mais que isso, a Mostra Sentidos: a Longevidade na Arte trouxe inúmeros resultados qualitativos, não mensuráveis, simbólicos, criadores de vínculos, sinergias, amizades, aprendizados e sentidos – resultados esses específicos dos bens simbólicos, expressivos da essencialidade da cultura e da importância da arte. É disso que se trata este painel de experiências, de um relato coletivo que tem a intenção de compartilhar essa experiência e dar ainda mais voz às pessoas idosas, em protagonismo e em primeiro plano nos palcos e nas telas.

METODOLOGIA

Acerca da metodologia utilizada no processo curatorial, através de pesquisas e compartilhamento de relatos sobre realizações anteriores dentro da temática, a comissão organizadora

da mostra avançou tendo em vista o desafio que seria fazer esta transição dos encontros presenciais para o ambiente digital online. Para tanto, pautou-se justamente pelos parâmetros, diretrizes e objetivos do programa TSI, que sempre iluminaram os caminhos de todo o trabalho realizado no âmbito programático, com destaque para a promoção da cultura do envelhecimento por meio da valorização da pessoa idosa e do estímulo à prática da autonomia e alteridade.

De certa forma, cada um dos oito processos retrata, com maior ou menor intensidade, todo esse arcabouço conceitual. No entanto, com o decorrer das ações, bem como na avaliação de resultados ao final, foram ficando mais pujantes algumas dessas características individuais de cada atividade, conforme será relatado a seguir, atribuindo um conceito-chave para cada atividade realizada. Não como forma de circunscrever uma intencionalidade de um objetivo exclusivo por ação, mas para ilustrar a riqueza de possibilidades que surgem ao realizar um conjunto amplo de experiências como essas.

Antes, se faz fundamental enaltecer o fato de que a organização logística que propôs reunir cerca de quatro a cinco unidades operacionais do Sesc São Paulo, a fim de realizarem conjuntamente a mesma ação, contribuiu de forma substancial em diversos aspectos, como no acompanhamento dos encontros, na otimização dos processos administrativos, no compartilhamento de impressões, na divulgação das inscrições, além de em uma relação mais estreita e dialógica junto ao público participante. A ideia de mostra pressupõe um conjunto de ações reunidas em torno de um mesmo acontecimento, e nessa perspectiva, dia após dia foram sendo criadas as salas virtuais destinadas a essas reuniões

com a finalidade de aproximar pessoas desconhecidas através das distantes telas espalhadas de norte a sul e de leste a oeste do mapa do estado de São Paulo.

PROCESSOS

Título: *Dar Voz ao Corpo*

Profissional: Carla Gialluca Hossri

Unidades do Sesc: Osasco, Campinas, São José dos Campos, São Caetano e Parque Dom Pedro

Conceito-chave: sociabilizar

Link: https://www.youtube.com/watch?v=FOEQvasg_iE

O encontro, a sociabilidade, o estar junto em um mesmo ambiente são condições basilares para a existência do Sesc enquanto instituição. A convivência não é apenas uma condição do trabalho, mas também dá nome aos espaços físicos na maioria das unidades.

O teatro, enquanto linguagem artística, também está condicionado a esses pressupostos. | Encontro de corpos que dividem um mesmo palco, ou que se faz na troca entre artista e plateia. Uma dúvida, portanto, pairou nos momentos que antecederam a atividade: seria possível fazer teatro pela internet? A resposta foi, sim! Esse processo imersivo junto a um grupo de pessoas com interesses comuns e com certas afinidades adquiridas ao longo dos anos de convívio nas unidades do Sesc proporcionou uma forma nova de estar juntos novamente, mesmo que longe fisicamente. O fazer artístico tornou-se o fio condutor para qualificar essa nova forma de se encontrar, superando as adversidades impostas.

De acordo com Eduardo Magiolino, técnico de programação do Sesc Osasco, não foram poucos os relatos sinceros e sensíveis que versaram sobre a importância do Sesc na vida destas pessoas idosas e de como a presença da instituição foi importante em um momento de tantas ausências. Para ele, o que fica na memória dos processos como um todo são, justamente, esses momentos de partilha, de acolhida e de felicidade.

Título: *A Poesia que me Move*

Profissional: Projeto Fio da Meada (Poliana Savegnago e Monalisa Machado)

Unidades do Sesc: Catanduva, Carmo, Jundiá, Bom Retiro e Florêncio de Abreu

Conceito-chave: refletir sobre o envelhecimento e a longevidade

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=nbOXsnUH4DA>

Falar a respeito das velhices possíveis não precisa ser tema exclusivo das rodas de conversa entre pessoas com mais de 60 anos. Refletir sobre a passagem do tempo e as marcas que essas experiências deixam na vida deve fazer parte do cotidiano de todas as pessoas, afinal, um dia após o outro, todos estamos envelhecendo.

Foi através do resgate da cultura da tradição oral e estabelecendo de forma lúdica as pontes entre a infância e a velhice que se deram os encontros com o Projeto Fio da Meada, relatados pela técnica de programação do Sesc Catanduva, Mariani Gasperini. Uma busca por histórias e memórias através da linguagem teatral e da poesia que foi abrindo janelas e ampliando horizontes, tal como as expectativas que amparam a noção de longevidade.

Título: *Pulsares*

Profissional: Andrea Soares

Unidades do Sesc: Itaquera, Taubaté, Registro, Araraquara e Vila Mariana

Conceito-chave: promover a saúde

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=M4h4fqV3qCU&t=1s>

Como o próprio nome sugere, *Pulsares* tratou desse movimento constante, ritmado, gerador de energia enquanto ato potente que auxilia, entre tantas vertentes, na promoção da saúde. Diante desse longo período de isolamento e de medos, propor uma experiência artística vinculada a técnicas de terapia corporal seria de grande importância e potência, propiciando uma diminuição de tensões, de cansaços e ativando o corpo integralmente (fisicamente, psicologicamente e criativamente).

Segundo Fernanda Dorazio, animadora cultural do Sesc Itaquera, os encontros buscaram na autonomia uma forma de experienciar práticas de hábitos mais saudáveis, com orientações para o autoconhecimento corporal e o entendimento de que cada corpo é único. Andrea planejou os encontros com explicações teóricas sobre a anatomia humana, seguidos de estímulos e tomadas de consciência do corpo desde a pele, passando por músculos e ossos. Depois, embarcou nas danças, que variaram com ritmos tradicionais brasileiro, como o carimbó, o jongo da serrinha, o coco e com danças estimuladas pelos sons do corpo, do espaço e dos ruídos que adentravam a casa. O processo criativo se deu a partir dessa consciência do próprio corpo, da sua história e da sua relação com o mundo.

Título: *Danças Brasileiras*

Profissional: Mika Rodrigues

Unidades do Sesc: Belenzinho, Guarulhos, Pinheiros e Santo André

Conceito-chave: desconstruir estereótipos e preconceitos

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=GCu9yop5h9o>

Imagine uma programação que contemple as diversas manifestações populares brasileiras em suas mais variadas linguagens e leituras. Que visa reconhecer e valorizar a atuação dos mestres e grupos tradicionais e contemporâneos da cultura popular, proporcionando a ampliação do conhecimento do público como forma de fortalecer a identidade presente nessas manifestações e contribuindo para o respeito à diversidade cultural. A cultura popular legítima o conhecimento dos mais velhos em sua importância como responsáveis pela transmissão e perpetuação dos saberes e fazeres – celebrações e formas de expressão que compõem o patrimônio cultural imaterial brasileiro.

Sob o olhar do Mauro Lucas, técnico de programação no Sesc Belenzinho, a arte educadora Mika Rodrigues trouxe *Danças Brasileiras* com o objetivo de trabalhar ritmos diversos da cultura popular, como coco e maracatu, além de exercícios relacionados à compreensão de seus universos simbólicos, com o olhar focado nas grandes inteligências que elas nos despertam. Entendendo que essas manifestações são fruto de um olhar diferenciado para o entorno, para o outro e para si mesmo, os encontros foram uma forma lúdica e sensível de entrar em contato com a cultura brasileira e o próprio corpo. De certa forma, a atividade pautou uma perspectiva de desconstrução de estereótipos e preconceitos de duas maneiras, uma vez que buscou rom-

per com a noção de incapacidade do corpo velho, bem como ampliou a compreensão acerca da diversidade cultural em detrimento de construções pejorativas em relação a essas expressões artísticas, que também carregam aspectos tradicionais de religiões de matriz africana.

Título: *Caminho Percorrido*

Profissional: José Rubens Fonseca

Unidades do Sesc: Presidente Prudente, Ribeirão Preto, Avenida Paulista, Ipiranga e São José do Rio Preto

Conceito-chave: construir conhecimentos

Link: https://www.youtube.com/watch?v=YhGlDSZw_Jo

A construção de novos conhecimentos ou o aprimoramento de saberes antigos foi algo muito bem observado nesta ação, que teve como facilitador o também idoso José Rubens Fonseca. Não apenas a partir do conteúdo trabalhado, mas também pela necessidade de lidar com as ferramentas virtuais, algo não necessariamente tão simples, seja para o profissional, para as participantes, ou até mesmo para as pessoas que organizaram a atividade.

De acordo com a Gabriela Tufanin Evaristo, monitora de esportes do Sesc Thermas de Presidente Prudente, após ultrapassar as “barreiras” tecnológicas, o espaço construído de fala e escuta “trouxe o Sesc para casa”, como as próprias participantes declararam. É como se tivessem um local onde, além de aprender, se sentiam acolhidas, lembradas, representadas e felizes em absorver novas experiências, construir novos laços e amizades, mesmo a distância.

Título: *Dançar nossas Histórias*

Profissional: Cia. À Fleur de Peau (Denise Namura e Michael Bugdahn)

Unidades do Sesc: Santo Amaro, Interlagos e Santos

Conceito-chave: refletir e provocar ações sobre projetos de vida

Link: https://www.youtube.com/watch?v=3qj19e_PaaM

Existe uma idade limite em que devemos parar de projetar aquilo que faremos dali em diante? Acreditamos que não! E o que seriam os novos projetos de vida diante da velhice? Para essa pergunta não existe uma resposta única. Pode se tratar de refletir acerca de possibilidades infinitas de experimentar algo novo, de retomar algum processo inacabado ou, ainda, ressignificar o olhar para as coisas mais simples do cotidiano. Jacy HAS, técnica de programação do Sesc Santo Amaro, buscou traduzir parte dessas experiências de forma poética:

Às terças e sextas, à tarde, passo o link para todos e abro a câmera. Micha e Denise já estão atarefados recebendo nossos alunos... conversam com um, recepcionam outro, trocam dicas de como posicionar o celular e qual botão apertar. Corre um bate-papo confuso, mas que consigo acompanhar. A Denise passa com um guarda-chuva e lembra a todos que separem os seus objetos. Todos barulhentos.

Aos poucos o ambiente acalma, pedimos para que mutem seus microfones e as orientações sobre a aula são passadas. Logo se ouve uma música. Movimentos tímidos do cotidiano aparecem, algumas sombrinhas são abertas e rodadas, um microfone aberto revela vozes estranhas a este universo. A proposta de descobrir os movimentos do dia a dia vai se incorporando à realidade de estarmos trancados, permite

ver coisas novas em um cotidiano pesado e já conhecido demais. Trava um vídeo, outra pessoa perde a conexão, não perdemos a música e cada um vai descobrindo a si mesmo em seus pequenos movimentos, que ora se ampliam ora se intensificam. Depois de tudo, varrer, lavar, pregar um prego, tricotar, subir uma escada tomam um outro valor e por um tempo a dança de Denise e Micha entra em suas vidas.

Título: *Sempre em Movimento*

Profissional: São Paulo Companhia de Dança (Duda Braz, Milton Coatti e Mônica Monteiro)

Unidades do Sesc: Bertioga, Campo Limpo, Bauru, 24 de Maio e Santana

Conceito-chave: incentivar o protagonismo

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=C28cItY-UiQ>

Retomando as reflexões sobre o processo curatorial em si, um aspecto mais refinado dessa construção pôde ser ilustrado pela participação da renomada São Paulo Companhia de Dança. Para além da capacidade técnica dos bailarinos que estariam na atividade, o despertar da comissão para esse diálogo junto ao grupo foi a lembrança da existência do documentário *Renée Gumiel, a Vida na Pele*, que a diretora da companhia, Inês Bogéa, dirigiu junto com Sérgio Roizenblit.

Sandra Regina Feltran, técnica de programação do Sesc Bertioga, destaca que o filme apresenta a história de vida da protagonista, uma bailarina francesa que chegou ao Brasil em 1957, revolucionou a dança ao lado de outros importantes bailarinos brasileiros e se apresentou nos palcos até os 90 anos de idade. O fato de Inês ter ficado muito próxima de Renée em um relacionamento cheio de carinho e atenção

sugeriu que tal delicadeza também pudesse estar presente no acolhimento junto ao público, qualificando uma intencionalidade de incentivar o protagonismo dos participantes com mais de 60 anos.

Título: *Pequenos Milagres*

Profissional: Coletivo Negro

Unidades do Sesc: São Carlos, Pompeia, Sorocaba e Consolação

Conceito-chave: incentivar relações intergeracionais

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=eOxtCEwDy1c>

Esse último relato destaca outro fato marcante dentro dos processos artísticos vivenciados e que jogou luz, de forma quase despreziosa, numa narrativa que busca incentivar relações entre pessoas de gerações distintas. Ocorre que Nádia, uma das participantes inscritas na atividade, era mãe de Aysha Nascimento, atriz do Coletivo Negro e uma das facilitadoras da ação. Distantes, cada uma em sua casa, ao longo dos encontros virtuais essa relação foi ganhando uma dimensão poética que chegou a ultrapassar as figuras de mãe e filha.

De acordo com Camilo Cazonatto, técnico de programação do Sesc São Carlos, não só Aysha, mas os demais atores envolvidos na ação – Raphael Garcia, Flávio Rodrigues e Jé Oliveira –, de forma muito natural, também projetaram em Nádia essa figura materna e suas falas, de certa maneira, foram se espalhando também junto às demais participantes com o mesmo zelo, carinho, cuidado e afeto que essas relações são capazes de proporcionar.

Considerações finais

A construção coletiva, no formato online, trouxe muitos aprendizados e a possibilidade de realizar o trabalho em rede, algo de grande valor. Vivenciamos momentos de acolhimento, aquecimento, teoria, prática e finalizamos com processos criativos gravados e editados, todos muito emocionantes e aguardados por todos que deles fizeram parte. Mas, o que fica registrado com mais evidência, foi o afeto, o encontro, as conexões e as reconexões com o corpo, com a mente, com a dança, com o teatro e com o outro. A distância não parecia mais tão grande e a solidão e o isolamento naqueles dias foram menores. A idade, a dor, a hora do programa de TV, o barulho de construção do vizinho, o *delay* sonoro, a queda de conexão, a dificuldade com o aplicativo, nada disso impediu, desestimulou ou minimizou a potência dos atos vivenciados.

Transformar o conteúdo que antes era levado ao público de forma presencial para as plataformas digitais foi o grande desafio da instituição, que construiu um novo formato a ser testado e que veio a ser muito satisfatório. Um processo extremamente rico, sobretudo pela possibilidade de diálogos entre pares em um intenso trabalho de curadoria que visasse garantir que o profissional que iria desenvolver a atividade, além de possuir um bom currículo, entendesse a extensão do projeto e as questões relacionadas à representatividade e à identidade, principalmente junto ao público idoso.

Além disso, havia outras preocupações como a instrumentalização destas pessoas para participação no meio virtual; o modo operacional de inscrição; a criação de um roteiro-base de aulas para salvaguardar a qualidade da atividade proposta; a preocupação com os sinais de transmissão, equipamentos; e até mesmo o conforto e o bem-estar físico dos idosos ao acompanhar

as aulas. O cuidado era junto aos idosos que tivessem dificuldades em acessar as plataformas online, fato que, felizmente, não reverberou tanto na prática, pois a maioria dos participantes conseguiu acompanhar as aulas sem muitas dificuldades em lidar com a tecnologia digital. E tiveram a oportunidade de conhecer melhor o seu corpo, de se movimentar graciosamente, de dançar propriamente, de conhecer gente e, principalmente, de se divertir! Sim, porque a premissa básica da atividade proposta era que fosse prazerosa e divertida! Foi um sucesso!

A alegoria de uma colcha de retalhos talvez seja a melhor forma de exprimir as impressões acerca da construção da Mostra Sentidos, dentro de uma estética caseira devido ao distanciamento social imposto pela pandemia. Diferentes formatos, tamanhos, cores e sabores que foram se amarrando, um a um, que ao final se transformaram em um elemento único com a finalidade de acolher, aquecer e aproximar corpos distantes fisicamente.

As pessoas que tiverem interesse em conhecer um pouco mais acerca de cada uma das atividades que compuseram a Mostra Sentidos do Sesc São Paulo, no ano de 2020, durante o período de isolamento social da pandemia do coronavírus, podem acessar os vídeos nas playlists do canal do YouTube do Sesc São Paulo utilizando a hashtag #MostraSentidos e observar os pontos mencionados acima, porém de uma forma bem mais poética.



Identidade visual Mostra Sentidos: Guilherme Falcão

**FILME**

Luiz Alves

Margarida ou Mandacaru?

por **Débora Silva Carvalho**, **Fernanda Silvestre**
e **Flávia Eugênia Gimenez de Fávori**



*Não quero o que a cabeça pensa, eu quero o que a alma deseja
Arco-íris, anjo rebelde, eu quero o corpo
Tenho pressa de viver (...)
Meu bem, talvez você possa compreender a minha solidão
O meu som e a minha fúria e essa pressa de viver
E esse jeito de deixar sempre de lado a certeza
E arriscar tudo de novo com paixão
Andar caminho errado pela simples alegria de ser
(Coração selvagem, Belchior)*

RAIO-X**Débora Silva Carvalho**

Pedagoga e cientista social formada pela Universidade de São Paulo, atua no Sesc como animadora cultural desde 2014. Atualmente trabalha nos programas socioeducativos Espaço de Brincar, Curumim, Juventudes e Trabalho Social com Idosos do Sesc Bom Retiro.
deborasilva.carvalho@sescsp.org.br

Fernanda Silvestre

Pedagoga, letróloga, mestra em linguística pela Unesp, pós-graduanda em Gestão Cultural pelo Senac e animadora cultural no Sesc Rio Preto.
fernanda.silvestre@sescsp.org.br

Flávia Eugênia Gimenez de Fávori

Mestra em estudos culturais pela EACH/USP e cientista social pela Unicamp. Técnica em programação do núcleo socioeducativo do Sesc 24 de Maio, com atuação nas áreas de Trabalho Social com Idosos, Acessibilidade e Sustentabilidade.
flavia.favari@sescsp.org.br

Imagine a cena: o silêncio de um bairro tranqüilo quebrado pelos berros estridentes de uma senhora perturbada por crianças que tocam a campainha e saem correndo, às gargalhadas, num misto de euforia e medo. A casa é sempre a mesma, não foi escolhida ao acaso, a residente peculiar é o motivo para tal travessura: uma idosa ativa, ranzinza, tida como louca pela cidade. Nem precisamos imaginar, todo mundo já viveu uma história dessas, ou pelo menos, ouviu falar.

É de uma dessas memórias da infância do diretor Allan Deberton – vivida em Russas, interior do Ceará – que surge a figura excêntrica descrita acima. Na vida adulta, ele descobre um outro lado da tal “velha doida” a partir de entrevistas e depoimentos de antigos moradores e conhecidos e a trajetória de vida de Pacarrete passa a ser inspiração para o filme homônimo.

A trama se constrói em torno dessa personagem, que desde o primeiro momento causa impacto em quem a assiste. A sua complexidade vai sendo apresentada ao público aos poucos, não sem certa aspereza. É um tanto quanto árduo acompanhar o desenrolar da protagonista na história, curiosamente a única personagem com trejeitos teatralizados e performáticos. Paradoxalmente, não é daqueles filmes em que se cogita desistir na metade.

ENTRE PÉTALAS E ESPINHOS:

QUEM É PACARRETE?

Maria Araújo Lima, mais conhecida como Pacarrete, corruptela de pâquerette, pequena margarida em francês, é uma bailarina que retorna à sua cidadezinha natal para cuidar da irmã, também idosa, depois de ter morado anos na capital.

Sempre elegante, chama atenção da vizinhança pelos seus vestidos e chapéus démodé, sua postura pomposa e pelas expressões em francês,

que emenda entre uma frase e outra. Em sua rotina na pacata Russas, divide seu tempo entre lavar freneticamente a calçada e dançar balé na frente da casa, comprar carne no armazém da esquina e acompanhar a cotação do euro e entre regar as plantas e tocar piano.

Alvo facilmente identificável em um contexto de iguais, acaba desenvolvendo uma convivência pouco amigável com as pessoas, exceto com seu amigo Miguel, interpretado pelo ator semi-homônimo João Miguel, um dos poucos que a compreende. Age quase sempre de forma rabugenta, arrogante, pedante e impositiva. Não bastasse o gênio espinhoso, vive apegada às próprias convicções do que seria ser chique e da “alta” cultura – sem dúvidas, para ela, francesa – noções as quais seus conterrâneos são completamente indiferentes.

A beleza do filme se desdobra, no entanto, nas passagens que vão dando à artista maciez e densidade singulares: nas cenas em que ela se desmancha de amor pela arte que dá sentido eufórico à sua vida, nos momentos de dedicação afetuosos que tem com a irmã ou, ainda, nas vezes em que interage efusivamente com o cachorro He-Man.

E assim, com brilhantismo, vemos desabrochar paulatinamente uma Pacarrete intensamente contraditória: grosseiramente delicada, amargamente doce, extremamente sensível e protetora com quem ama, espalhafatosamente requintada, afrancesadamente do sertão nordestino.

QUANDO A ARTE RETRATA A VIDA

Há algo de genuíno na personagem que faz com que não a abandonemos no meio da história, ou até torçamos por ela em alguns momentos, talvez porque reconheçamos esse “algo” dela em nós. Curioso pensar que,



Há algo de genuíno na personagem que faz com que não a abandonemos no meio da história, ou até torçamos por ela em alguns momentos, talvez porque reconhecamos esse “algo” dela em nós.

ao falarmos das pessoas excêntricas de uma cidade, estas sempre são apontadas como “o outro”. Mas, será que não há momentos de nossas vidas em que nós somos quem destoa da paisagem do pensamento comum, dentro daquilo que se supõe ser seguro, esperado, sano pensar?

Diante de tantas incertezas da vida, a protagonista tem uma confiança profunda de que a apresentação de um balé dançado por ela seria o melhor presente que a cidade poderia receber. Se, por um lado, a autoconfiança é uma virtude, por outro, quando exacerbada, pode levar à soberba. Incapaz de compreender os interesses dos munícipes de Russas, Pacarrete tem a certeza de saber o que é melhor para eles e, uma vez que estudou a “refinada” arte europeia na capital, acha que pode definir o que os demais devem consumir.

No filme, a contraposição entre balé e forró poderia até ser lida como caricatural, mas se transpusermos esta ideia de imposição de algo, que tantos outros exemplos poderíamos encontrar nas políticas públicas para cultura ou até nas relações interpessoais? Quantas vezes somos nós os “turrões” e julgamos o outro por não enxergar aquilo que nos é tão óbvio?

Vale lembrar que Pacarrete não tem nem o poder nem o prestígio na cidade para impor o seu balé. Então, todo seu esforço em convencer os demais se tornam palavras vãs, sem força, motivo de descrença e chacota. E aqui, de novo, nos identificamos com a personagem: ela é incompreendida

e desprezada por defender e representar o quenão é valorizado por outrem. Daí também a admiração que nos causa a sua força de espírito em seguir buscando seu sonho, mesmo que remando contra a maré, indo contra todas as expectativas que a sociedade tinha para com ela e o lugar que ela deveria – ou não – ocupar.

NEM TUDO SÃO FLORES

Pacarrete merece ser compreendida em seus vícios e virtudes. Ela deve ser entendida como indivíduo, que é singular, como todos somos. Devemos olhar com admiração para a trajetória de vida desta artista, que rejeita o que é esperado de uma mulher e, principalmente, de uma mulher velha: ela não se casa, não tem filhos, não é dócil e não desiste de seus sonhos. É a imagem inversa do estereótipo da idosa projetado pela sociedade: doce, servil e recatada, tendo os cuidados com o lar, os filhos e os netos como principais objetivos de vida.

Nossa bailarina recusa esse papel, provocando-nos a enxergar a velhice tal como é, em sua pluralidade. Não é uma subversão intencional, ela apenas continua fiel à sua história. Ela envelheceu, mas segue sendo quem é, com seus projetos e planos.

É exatamente por isso que quando Pacarrete diz que grita tanto porque não é ouvida sentimos um momento de comoção profunda. Ela nos

leva a refletir em como é ser silenciado e o quanto silenciamos as pessoas. Nos faz pensar nesta situação tão comum aos idosos que são infantilizados, calados em suas vontades e desejos e em sua independência. Ela nos ensina a ouvir essas vozes antes que se tornem gritos, a fim de que não permitamos que essas vidas sequem e murchem pela nossa falta de cuidado.

Nesse sentido também, fica o aprendizado da necessidade de reconhecer e deferir os que vieram antes e suas contribuições. Vivemos em uma sociedade que supervaloriza o novo em detrimento do que é velho e nos esquecemos de que nada seria possível sem esse conhecimento prévio. É assim que Pacarrete é tratada: como alguém sem préstimo, descartável, depois de tanta generosidade em compartilhar seus saberes com o mundo. É mais uma entre tantos artistas que se vêm descartados ao final de suas carreiras.

Por isso, há que destacar a atuação visceral de Marcélia Cartaxo no filme, que lhe rendeu os prêmios de melhor atriz no Festival de Cinema de Gramado, Los Angeles Brazilian Film Festival, Festival de Cinema de Vitória e Festival Sesc de Melhores Filmes. Sua performance magistral dilapida a personalidade da Pacarrete em muitas nuances e coloca a figura histórica de Maria Araújo Lima na rota da memória coletiva brasileira. O filme é um convite à exaltação da vida dessa mulher nascida no início do século passado, alguém que, febrilmente apaixonada pela sua arte, ousou vivê-la.



Nossa bailarina recusa esse papel, provocando-nos a enxergar a velhice tal como é, em sua pluralidade. Não é uma subversão intencional, ela apenas continua fiel à sua história. Ela envelheceu, mas segue sendo quem é, com seus projetos e planos.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS

REVISTA MAIS 60: ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

A revista *Mais 60: Estudos sobre Envelhecimento* é uma publicação multidisciplinar, editada desde 1988 pelo Sesc São Paulo, de periodicidade quadrimestral e dirigida a estudantes, especialistas e interessados na área do envelhecimento. Tem como propósito estimular a reflexão e a produção intelectual no campo da gerontologia e das áreas em que o envelhecimento e a longevidade são objetos de estudo. Seu objetivo é publicar artigos de divulgação técnicos e científicos que abordem os diversos aspectos da velhice (físico, psíquico, social, cultural, econômico etc.) e do processo de envelhecimento.

NORMAS GERAIS

Os artigos devem seguir rigorosamente as normas abaixo, caso contrário, não serão encaminhados para a comissão editorial.

- Os artigos devem ser enviados para o endereço eletrônico: revistamais60@sescsp.org.br.
- Os artigos não precisam ser inéditos, basta que se enquadrem nas normas para publicação que serão apresentadas a seguir. Quando o artigo já tiver sido publicado deve-se, obrigatoriamente, informar em nota à parte sob qual forma, onde e em qual data foi publicado (revista, palestra, comunicação em congresso etc.).
- Ao(s) autor(es) será(ão) solicitada a Cessão de Direitos Autorais – conforme modelo Sesc São Paulo – quando da aceitação de seu artigo. Os direitos de reprodução (copyright) serão de propriedade do Sesc São Paulo, podendo ser reproduzido novamente em outras publicações técnicas assim como no Portal Sesc São Paulo (sescsp.org.br), aplicativo e redes sociais desta instituição.
- Os dados, bem como as interpretações dos resultados emitidos no artigo são de inteira responsabilidade dos autores, não refletindo, obrigatoriamente, a opinião da comissão editorial da revista.
- Todos os artigos enviados que estiverem de acordo com as normas serão analisados pela comissão editorial, que opinará sobre a pertinência ou não de sua publicação. No caso de o artigo ser aceito o(s) autor(es) correspondente(s) será(ão) contatado(s) por e-mail e terá(ão) direito a receber 1 (um) exemplar da edição em que seu artigo foi publicado.
- Os artigos devem apresentar uma breve nota biográfica do(s) autor(es) contendo: nome(s); endereço completo; endereço eletrônico, telefone para contato; se for o caso, indicação da instituição principal à qual se vincula (ensino e/ou pesquisa) e cargo ou função que nela exerce.
- Os trabalhos aceitos serão enviados à revisão editorial e apenas modificações substanciais serão submetidas ao(s) autor(es) antes da publicação.

APRESENTAÇÃO DOS ARTIGOS

- Os **artigos** devem ser apresentados em extensão .doc ou .docx e devem conter entre 20.000 e 32.000 caracteres, sem espaço, no total. Isto é, incluindo resumo, *abstract* e referências bibliográficas.

- **Categorias de artigos:** resultados de pesquisa (empírica ou teórica), relatos de experiência e revisão de literatura.

- O **resumo** deve ser estruturado e conter, nesta ordem: introdução, materiais e métodos, resultados e conclusão. Deve conter cerca de 200 palavras e vir acompanhado por até cinco palavras que identifiquem o conteúdo do trabalho, as palavras-chave.

- O **abstract** deve conter cerca de 200 palavras, seguir a mesma ordem do resumo em português e vir acompanhado por até cinco palavras que identifiquem o conteúdo do trabalho, as *keywords*.

- O **artigo** deve conter: introdução; hipótese (opcional); materiais e métodos; resultados; discussão; e conclusão ou considerações finais.

- As referências bibliográficas, notas de rodapé e citações no texto deverão seguir as normas da **Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)**.

- A quantidade máxima é de 30 (trinta) referências bibliográficas por trabalho. Revisões de literatura poderão conter mais referências. A autenticidade das referências bibliográficas é de responsabilidade única e exclusiva dos autores.

- **Gráficos e figuras** devem ser utilizados quando houver necessidade para entendimento do texto. Constar sob a denominação “Figura” ou “Gráfico” e possuir boa qualidade técnica e artística. Devem ser enviados separadamente e ter resolução mínima de 300 dpi, tamanho mínimo de 10cm x 15cm, no formato JPG ou PDF. As imagens devem ser numeradas no texto e trazer abaixo um título ou legenda, com indicação da fonte/autor. Em hipótese alguma devem ser incorporadas no próprio texto do artigo. Os gráficos devem ser enviados separadamente no formato XLS/XLSX (Microsoft Office Excel) ou PDF.

- **Tabelas ou quadros:** devem ser autoexplicativos, constar sob as denominações “Tabela” ou “Quadro” no arquivo eletrônico e ser numerados. A legenda deve acompanhar a tabela ou o quadro e ser posicionada abaixo deles. Siglas ou sinais apresentados devem estar traduzidos em nota colocada abaixo do corpo da tabela/quadro ou em sua legenda. Devem ser citados no corpo do texto, na ordem de sua numeração.

- **Fotos:** no caso de utilização de fotos (necessariamente em alta resolução, mínimo de 300 dpi), elas devem vir acompanhadas de autorização de veiculação de imagem do fotografado e com crédito e autorização de publicação do fotógrafo (segundo o modelo do Sesc São Paulo). Só devem ser utilizadas quando houver necessidade para entendimento do texto.

- **A quantidade de imagens, tabelas e quadros** deve ser limitada em 4 tabelas ou quadros e 2 imagens por artigo.

- **Citações de referências bibliográficas:** no texto incluir autor, data e página (quando necessário). Ex: Segundo Silva (2019). Se a citação for entre parênteses: (SILVA, 2019). Neste último caso utilizar a fonte Arial número 10.

- As **referências** devem ser organizadas em ordem alfabética, pelo sobrenome do autor. Devem aparecer alinhadas à margem esquerda e de forma a se identificar individualmente cada documento, em espaço simples e separadas entre si com espaço de 1,5.

- **Materiais extras** do artigo podem ser aceitos para a inclusão no aplicativo do Sesc São Paulo, onde a revista também está inserida. Estão incluídos fotos e vídeos em boa resolução e com as devidas autorizações de uso de imagem. Formato das imagens: JPEG, PNG, PDF e TIFF. Vídeos: MPEG4, MP4 e MOV. Áudios: MP3. Também são passíveis de aceitação conteúdos incorporados do YouTube, desde que haja autorização do responsável da conta para sua divulgação.

Em caso de dúvida, entre em contato pelo e-mail: revistamais60@sescsp.org.br.



O Sesc – Serviço Social do Comércio é uma instituição de caráter privado, de âmbito nacional, criada em 1946 por iniciativa do empresariado do comércio, serviços e turismo, que a mantém e administra. Sua finalidade é a promoção do bem-estar social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento cultural do trabalhador no comércio e serviços e de seus dependentes – seu público prioritário – bem como da comunidade em geral.

O Sesc de São Paulo coloca à disposição de seu público atividades e serviços em diversas áreas: cultura, lazer, esportes e práticas físicas, turismo social e férias, desenvolvimento infantil, educação ambiental, terceira idade, alimentação, saúde e odontologia. Os programas que realiza em cada um desses setores têm características eminentemente educativas.

Para desenvolvê-los, o Sesc São Paulo conta com uma rede de 40 unidades, disseminadas pela capital, grande São Paulo, litoral e interior do estado. São centros culturais e desportivos, centros campestres, centro de férias e centros especializados em odontologia e cinema.

CONSELHO REGIONAL DO SESC – 2018-2022

Presidente Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional Danilo Santos de Miranda

Membros Efetivos Aginaldo Rodrigues da Silva, Benedito Toso de Arruda, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Jair Francisco Mafra, José Carlos Oliveira, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, Manuel Henrique Farias Ramos, Marco Antonio Melchior, Marcos Nóbrega, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva, Valterli Martinez

Membros Suplentes Aldo Minchillo, Alice Grant Marzano, Amilton Saraiva da Costa, Antonio Cozzi Júnior, Costabile Matarazzo Junior, Edgar Siqueira Veloso, Edison Severo Maltoni, Edson Akio Yamada, Laércio Aparecido Pereira Tobias, Omar Abdul Assaf, Sérgio Vanderlei da Silva, Vitor Fernandes, William Pedro Luz

REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

Membros Efetivos Abram Szajman, Ivo Dall’Acqua Júnior, Rubens Torres Medrano

Membros Suplentes Álvaro Luiz Bruzadin Furtado, Francisco Wagner de La Torre, Vicente Amato Sobrinho

mais60

ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

Volume 32 | Número 80 | Agosto de 2021

EDIÇÃO ESPECIAL:

O jornalista Paulo Markun destaca os assuntos que ocuparam todas as edições da revista *Mais 60* e discute a face de um novo Brasil que está envelhecendo no artigo de capa *Nossa máxima medida*, que dialoga com a arte de Catarina Bessel.

Os autores Enrique Vega e Patricia Morsch, ambos da Organização Pan-Americana da Saúde (Opas), apresentam artigo sobre a Década do Envelhecimento Saudável (2021-2030) – Movimento Global que consiste em dez anos de colaboração multissetorial para promover o envelhecimento saudável e melhorar a vida de pessoas idosas, suas famílias e comunidades.

Cheguei aos 60 e sou idosa, devo me sentir vitoriosa? Neste artigo, de autoria de Claudia Fló, são apresentadas e discutidas as principais ações relativas ao envelhecimento no mundo, no Brasil e em particular no estado de São Paulo.

O artigo *Trabalho Social com Idosos (TSI) do Sesc: trajetória e realizações* apresenta os marcos do trabalho com idosos do Sesc São Paulo e do envelhecimento no Brasil. *Dos palcos às telas: a realização da Mostra Sentidos no contexto do distanciamento social* é o tema do painel de experiências, que apresenta o primeiro processo digital da Mostra Sentidos: a Longevidade na Arte. Os idosos participaram de oito processos artísticos virtualmente.

Margarida ou Mandacaru? é o tema da resenha do filme brasileiro *Pacarrete*, que trata de uma bailarina idosa que volta para a sua cidade natal no interior do Ceará. Ela envelheceu, mas segue sendo quem é, com seus projetos e planos. Escrita por Débora Silva Carvalho, Fernanda Silvestre e Flávia Eugênia Gimenez de Fávori. A entrevista desta edição foi realizada com o diretor regional do Sesc São Paulo, Danilo Santos de Miranda.

sescsp.org.br



Baixe grátis essa e outras publicações do Sesc São Paulo disponíveis em

